

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

HONORATO C. CHAGAS

O BRASIL EM GUERRA: os preparativos, a arregimentação e o envio da Força Expedicionária Brasileira (FEB) para os campos de batalha na II Guerra Mundial.
(1942-1944).

UBERLÂNDIA
2015

HONORATO C. CHAGAS

O BRASIL EM GUERRA: os preparativos, a arregimentação e o envio da Força Expedicionária Brasileira (FEB) para os campos de batalha na II Guerra Mundial.
(1942-1944).

Monografia apresentada como exigência parcial do curso de Bacharelado e Licenciatura em História, junto à Universidade Federal de Uberlândia, como avaliação final da Disciplina Monografia III para obtenção do título de Graduado sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Sérgio da Silva.

UBERLÂNDIA

2015

Monografia defendida e aprovada em __/ __/ 2015, pela banca examinadora constituída pelos professores:

Prof. Dr. Paulo Sérgio da Silva (Orientador)

Prof. Dr. Deivy Ferreira Carneiro (Examinador)

Prof. Dr. Gilberto César de Noronha (Examinador)

Dedico este trabalho ao meu Senhor
Jesus, para minha amada Marianne e
para minha Mamãe.

AGRADECIMENTOS:

Em primeiro lugar agradeço à Deus e seu filho Jesus. Ao Espírito Santo, minha inspiração. Agradeço ao meu “Filhote” Caio, à minha esposa e companheira Marianne, pela paciência e amor. Sem o apoio deles nada disso teria se iniciado e muito menos concluído. De maneira especial agradeço à minha mãe, a dona Maria, que sempre lutou por sua prole, independente das circunstâncias. Também aos meus amados irmãos, Divino, Tina e Salviano. Por que estiveram sempre ao meu lado.

Também agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Paulo Sérgio, pelas orientações, paciência, amizade e por não ter desistido deste aluno que lhe deu tanto trabalho. Agradeço aos colegas de turma e de outros cursos pela convivência e amizade neste período tão difícil. Agradeço às colegas: Angélica, Cinthia, Driele, Eleuza, Juliana, Leidiane, Leonilda, Mariley, Priscila e Sibebe. Também aos colegas Adriano, Alessandro, Cássio, Emmanuel, Ezequiel, Glauber, José Carlos, Julio, Matheus, Marco, Muniz, Pedro Adriano e Raony.

Agradeço aos meus professores deste instituto. Em especial aos professores Deivy e Gilberto, por aceitarem o convite para participarem desta banca. Um abraço especial aos professores Alexandre Avelar, Ana Flávia, Antônio de Almeida, Jean, Jorgetânia, Luciene, Mara, Marta Emízia, Pedro Caldas, Wenceslau. Aos professores de outros cursos da UFU: Kleyver [Ileel], Lucas Khalil [Ileel] e Túlio Barbosa [Instituto de Geografia]. Agradeço à coordenação e aos secretários com quem tive muito contato: João Batista e Cristina.

Aos amigos que conheci nesta Universidade e que levarei pra toda a vida: Lucas Paniago, Gilliard e Luiz Fernando.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1 – A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E A ENTRADA DO BRASIL NO CONFLITO	13
1.1 - A segunda guerra mundial: panorama geral, pressupostos táticos e estratégicos.	13
1.2 - Brasil: entre perspectivas táticas e estratégicas do “eixo” e dos “aliados” e a defesa e a promoção dos interesses nacionais.....	20
1.2.1 - Os interesses do eixo.....	20
1.2.2 - Os interesses dos aliados.	23
1.2.3 - Entre os interesses do eixo e dos aliados o jogo a favor dos interesses nacionais.....	25
1.3 – Beligerância: o ataque aos navios e a declaração de guerra.	28
CAPÍTULO 2 – O ESFORÇO DE GUERRA BRASILEIRO – PROCEDIMENTOS TÁTICOS E DECISÃO ESTRATÉGICA.	36
2.1. Bônus de guerra, doações e recursos materiais.....	36
2.1.1. Bônus de guerra.....	36
2.1.2. Doações.....	39
2.1.3. Recursos materiais.....	42
2. 2. Da declaração de guerra ao envio das tropas; um longo caminho.	45
2.2.1. Primeiro ato: a mobilização econômica e da organização da produção...45	
2.2.2. Segundo ato: os termos da parceira EUA/BRASIL – Os acordos comerciais e militares.....	51
2.2.3. Terceiro ato: organizar a defesa e executar contra-ataques.	55
CAPÍTULO 3 – MOBILIZAÇÃO, CONVOCAÇÃO, SELEÇÃO, TREINAMENTO E ENVIO DAS TROPAS DA FEB.	64
3.1. Do início da mobilização à criação da FEB.....	64

3.2. A formação do corpo militar: a mobilização, convocação, seleção e treinamento da FEB e do corpo de enfermeiras.	72
3.3. O envio das tropas para o front europeu.	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS.	84
FONTES DOCUMENTAIS	87
BIBLIOGRAFIA	98

A sabedoria é a coisa principal; adquirir, pois a sabedoria, emprega tudo o que possuis na aquisição de entendimento. Provérbios 4:7

INTRODUÇÃO.

Por mais que a guerra, em todas as suas formas, suscite geralmente horror, não se pode apagá-la, porque as principais mudanças de uma fase para outra do desenvolvimento histórico global foram, em grande parte, seus produtos.¹ Ela é um dos determinantes fundamentais do sistema internacional: favorece a sobrevivência ou a eliminação de certas unidades políticas, garante expansões, fomenta declínios, estipula fronteiras, mantém ou substitui governos, cria e/ou soluciona conflitos e possibilita o estabelecimento de equilíbrio de poder ou a preponderância de um Estado no cenário global.²

Contudo, a guerra não deixa de ser um instrumento a serviço da política. Trata-se da sua continuação, respondendo, ambas, às regras da mesma gramática, ainda que suas sintaxes sejam diferentes. Constitui-se num dos meios que as unidades políticas soberanas, dotadas da capacidade e vontade para distinguir as suas constelações de amigos e de inimigos, usam entre si para impor suas vontades, alcançar dados objetivos, conseguir vantagens, defender interesses, impedir a insubordinação e domar as desobediências.³

Por sua vez, no campo da historiografia falou-se, nas últimas décadas, num “retorno do político”, entendido não como uma volta atrás ou uma restauração, mas como algo completamente diferente, o aparecimento de uma outra história que abandonou a mera narração cronológica factual valorizando a interdisciplinaridade e a análise, e trouxe, não resta dúvida, o político para a frente do palco, pautado-se no entendimento de que:

O político se inscreve num contexto mais amplo e que só se é historiador do político da mesma forma como se é historiador do econômico ou do cultural sendo-se também um historiador, não diria da totalidade, o que seria presunçoso, mas um historiador preocupado em inscrever este objeto numa visão de história geral.⁴

¹ BOBBIO, Norberto. *Teoria geral da política - a filosofia e as lições dos clássicos*. p. 510

² BULL, Hedley. *A Sociedade Anárquica*. p. 214

³ BOBBIO, op. Cit., p. 34

⁴ REMOND, Rene. “*Porque a História Política*”. In. *Revista Estudos Históricos*. p.12-19

O que indica que “o importante é deixar claro que o político existe, distingue-se de outros tipos de realidades, constitui algo específico, é irreduzível a outras realidades, pode ser determinante ou determinado, é dotado de certa autonomia e é capaz de imprimir a sua marca e influir no curso da história”⁵ haja vista que “é o acontecimento político que deve ser revisto, pois nem é autônomo nem é simples subproduto”.⁶

Nos últimos anos tem crescido entre os historiadores a pesquisa e a utilização dos jornais como fontes históricas, tendo-se em conta o princípio da intertextualidade, ou seja, o entendimento de que as narrativas, textos e discursos resultam de um processo de produção de sentido, decorrente das experiências sociais prévias, que podem vir expressas nas narrativas (memórias) e nas imagens.

Os jornais são fontes reveladoras das diversas facetas do cotidiano e importantes ferramentas para o trabalho historiográfico, na medida em que nos permite traçar/levantar aspectos contextuais que, usualmente, fogem as fontes bibliográficas.

A utilização do jornal como fonte de pesquisa implica em considerar-se que o mesmo “[...] não é um transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos e tampouco uma fonte desprezível porque esta permeada pela subjetividade”, ele é também um “instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social”, o que implica estudá-lo como agente da história e a captar o “movimento vivo das idéias e personagens” que circulam por suas páginas.⁷ Contudo, tal circunstância não o invalida enquanto fonte, apenas orienta que o mesmo deve ser submetido à crítica documental, tal como toda e qualquer fonte historiográfica.

Em dado momento no desenrolar da segunda guerra mundial, o Brasil, viu-se diante de um impasse: aliar-se aos países do eixo, do qual fazia parte, a Alemanha, com a qual já mantinha relações comerciais ou aliar-se aos Estados Unidos. Nesse contexto conturbado, em resposta aos ataques a navios brasileiros praticados por submarinos alemães e em virtude da pressão popular em favor de uma resposta armada Getúlio Vargas declarou guerra contra os países do eixo em 1942, inserindo formalmente o Brasil no conflito armado, o que deu causa ao futuro envio de combatentes para atuarem junto às tropas aliadas, ocasionando a organização e a efetiva participação da FEB (Força Expedicionária Brasileira) no front europeu, especifica-

⁵ FALCON, Francisco. **História e Poder**. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). **Domínios da História**. p. 80

⁶ Ibid.

⁷ CAPELATO, M. H. R. **História e imprensa**. p. 21

mente no território italiano, o que nos instiga a indagar como seu deu tal processo histórico? Como, de que forma e por que meios deu-se a criação, o envio da FEB na II Guerra Mundial? Qual terá sido o significado estratégico e político da participação brasileira, no conflito, para os países aliados?

Assumido o desafio de responder tais questões este trabalho dedica-se ao estudo da preparação do Brasil para a II guerra mundial e o envio do primeiro escalão da FEB (Força Expedicionária Brasileira) para a frente italiana fazendo a análise do significado estratégico e político da participação brasileira no conflito. Tal compreensão parte da apreciação crítica das notícias dos jornais Folha da Manhã de São Paulo, sendo as balizas temporais utilizadas o período compreendido entre meados do mês de agosto de 1942 até o dia 20 de julho de 1944, tendo como marco inicial a declaração de guerra do Brasil aos países do Eixo e como limite o envio do primeiro escalão da FEB à Itália.

Para traçar o cenário político e estratégico europeu e brasileiro, no recorte temporal delimitado, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, em suportes materiais e digitais, objetivando compor um arcabouço informativo e interpretativo do período que após a confrontação e a crítica, será utilizado na composição das análises e elucidação das indagações propostas na presente monografia.

Para abordar e analisar as razões políticas e estratégicas da entrada do Brasil no conflito, assim como as circunstâncias, motivos e parâmetros da criação, o envio e a participação da FEB na II Guerra Mundial será feita uma busca detalhada no jornal Folha da Manhã, editado pelo atual grupo Folha de São Paulo, compondo-se um corpus documental (narrativas, imagens, desenhos, mapas, gráficos, dados estatísticos), o qual servirá para a elucidação das questões mencionadas. Estabelecendo-se aqui, novamente um arcabouço informativo e interpretativo do período que, após a confrontação e a crítica, com as fontes bibliográficas, será utilizado na composição das análises e elucidação das indagações propostas.

No capítulo inicial faremos um panorama geral do que foi a Segunda Guerra mundial. O tipo de guerra que estava ocorrendo baseado em um novo modelo de conflito e de organização dos países beligerantes, a guerra total que é o completo envolvimento das frentes interna e externa. Mais adiante falaremos sobre a importância estratégica do território brasileiro e de seus recursos naturais; sobre os ataques aos navios brasileiros e da aliança entre o Brasil e os EUA. Finalmente, trata-

remos da declaração de guerra do Brasil contra Itália e Alemanha, as prováveis motivações e conflitos de interesses.

Já no segundo capítulo, o principal assunto é o esforço de guerra brasileiro, os bônus de guerra, doações e recursos materiais. A mobilização econômica e da produção passando pelos acordos firmados entre americanos e brasileiros e da preparação do Brasil de sua defesa territorial. Por fim o início do contra-ataque, começando pelos submarinos no nosso mar continental.

Finalmente, no capítulo três buscaremos compreender como foi a mobilização militar: a preparação, a arregimentação e o envio das tropas. A criação da FEB, seleção dos soldados e seu efetivo treinamento, Falaremos também sobre o corpo de enfermeiras brasileiras que foi designado a acompanhar a FEB e, finalizando, trataremos da partida da primeira divisão expedicionária rumo à Itália.

CAPÍTULO 1 – A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E A ENTRADA DO BRASIL NO CONFLITO

1.1 - A segunda guerra mundial: panorama geral, pressupostos táticos e estratégicos.

A segunda guerra mundial trouxe um modelo novo de conflito e de organização dos países beligerantes, a guerra total, que vem a ser a completa dedicação das esferas civil e militar à beligerância, ou seja, não existem mais diferenças entre os fronts interno e externo. Assim sendo todos os cidadãos, militares ou não, se tornam inimigos em potencial,⁸ o que levou à permanente mobilização, tanto dos soldados, no caso de convocação, quanto dos cidadãos comuns para dar suporte ao esforço de guerra que é o fornecimento de alimentos e armas daqueles que estão lutando nas frentes externas, além da preparação da defesa deste sistema produtivo e das rotas estabelecidas para a entrega deste mesmo material aos soldados.⁹

Grosso modo, a segunda guerra foi a união das práticas racionais em favor de práticas irracionais, expressão máxima da união entre a inteligência e a extrema violência.¹⁰ Aproximadamente sessenta milhões de homens pegaram em armas, e o fim disto foram mais de quarenta e cinco milhões de mortos e grande parte deste número foi de civis que morreram por causas diretas, bombardeios, ataques, tiroteios, fuzilamentos, massacres etc. “desnecessários do ponto de vista militar” e indiretas tais como doenças e fomes.¹¹

As disputas das potências imperialistas européias no começo do século XX somadas a fatores como a grande crise de 1929, foram grandes responsáveis pela efervescência do nazismo na Alemanha e do fascismo na Itália. Posteriormente a insatisfação e o sentimento derrotista em conjunto com o desejo de vingança foram sendo paulatinamente alimentado por anos na Alemanha e nos outros países que também foram sobrepujados ao fim da primeira guerra mundial.

O tratado de Versalhes colocou na conta da Alemanha os prejuízos da primeira guerra mundial. Para espoliá-la ainda um pouco mais, o documento, que só se

⁸ TEMPONE, Victor. **O Brasil Vai à Guerra**: a inserção brasileira em um conflito global. p. 9 e 10

⁹ CYTRYNOWICZ, Roney. **Guerra sem guerra**: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial. p. 15

¹⁰ HOBBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos**: o breve século XX 1914-1991. p. 29

¹¹ COGGIOLA, Osvaldo. **Natureza da Segunda Guerra Mundial**. In: COGGIOLA, Osvaldo (Org). **Segunda Guerra Mundial**: um balanço histórico. p. 37

refere ao acordo de paz com os germânicos, fez os mesmos se sentirem ainda mais humilhados com a perda de territórios para a França e para a Polônia além da proibição da militarização do país.¹² O país foi impedido de ter uma marinha, força aérea militar e foi obrigado a reduzir o seu exército a um número máximo de 100 mil homens.¹³ O enfraquecimento territorial da Alemanha ocorreu por meio da perda da Alsácia-Lorena e a criação do “Corredor Polonês”. Pequenos territórios alemães em diversas fronteiras também foram entregues aos seus “Inimigos”. Ademais, todas as suas antigas colônias foram “redistribuídas entre os britânicos e seus domínios, os franceses, e em menor extensão aos japoneses”.¹⁴

A Primeira Guerra Mundial causou devastação tal que “abalara os pilares da ordem internacional reinante”, a década de 20 então, foi de dedicação total dos países envolvidos na guerra em suas reconstruções materiais e sociais apostando tudo “na força do livre mercado”. Na sequência, a década de 30 esse livre comércio apresenta a crise profunda como eixo principal. As barreiras tarifárias para proteção do mercado interno, o controle mais intenso das colônias e a extensão da influência sobre nações não industrializadas, “primário-exportadores” eram os focos principais.¹⁵

Desta forma, como resultado da “Grande depressão” os Estados-Nação passaram a ser mais interventores, com políticas protecionistas e “investimentos governamentais diretos”, pra apaziguar a feroz crise mundial. Tal contexto ajudou a ascensão ao poder de forças políticas ultranacionalistas, nos casos do Japão, da Alemanha,¹⁶ e podemos acrescentar da Itália.

A Itália, mesmo fazendo parte do grupo de países vencedores do primeiro conflito mundial, também estava insatisfeita com as novas distribuições territoriais na Europa e nas novas colônias.¹⁷ Reclamava parte da África e iria invadir a Etiópia. No entanto é bom lembrar que os italianos haviam saído da Primeira Guerra com muitos ganhos territoriais nos Alpes, no Adriático e no mar Egeu. Esse descontentamento foi muito destacado pelo movimento ultranacionalista e imperialista chamado também de fascismo que triunfou na nação.¹⁸ Esses mesmos desdobramentos da Pri-

¹² TOTA, Antonio Pedro. **A segunda guerra Mundial**. Coleção: Discutindo a História. p.8 e 9

¹³ HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX 1914-1991**. p. 41

¹⁴ Ibid.

¹⁵ TEMPONE, Victor. **O Brasil Vai à Guerra: a inserção brasileira em um conflito global**. p. 78

¹⁶ Ibid. p. 79

¹⁷ TOTA, Op. cit. p.9

¹⁸ HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX 1914-1991**. p.44

meira Guerra, guardadas as devidas proporções, permitiu na Alemanha o amadurecimento do nazismo, mediante processo político e uma intensa propaganda que progressivamente levou o povo ao conflito fazendo com que acreditasse que não tinha outras opções.

Movidos pelos ressentimentos e uma vez firmada a crença na infalibilidade do líder (Hitler) os alemães estavam prontos para exigir uma nova condição política para a nação. Ao tomarem o poder, os nazistas fizeram com que a realidade se ajustasse as mentiras que proclamaram. As propagandas se mostram eficazes, pois fizeram acreditar não no visível, mas nas imaginações/imaginário/ficção.¹⁹

A ascensão de Hitler ao poder esteve atrelada aos interesses de grandes capitalistas da Alemanha favorecidos financeiramente por ele, um Estado militarista se estruturando e superando a crise com o rearmamento do país. Aproveitando-se que o seu antecessor o Chanceler Bruning já havia interrompido os pagamentos das multas referentes aos prejuízos causados na primeira guerra, Hitler decidiu-se livrar o país da submissão ao Tratado de Versalhes.²⁰

Ao obter o comando político da Alemanha, inicialmente, Hitler se preocupou em rearmar o país para em seguida começar com seu plano expansionista. O objetivo principal era conseguir o tão importante espaço vital necessário para a reafirmação do III Reich ante o mundo. Porém O fuher sabia que suas tropas ainda não estavam totalmente prontas. Carecia de tempo para prepará-las a fim de que a Alemanha não fosse novamente derrotada. Esse tempo de que precisava ele conseguiu através da diplomacia, mediante pactos e acordos.²¹

É fato que uma guerra não se inicia, unicamente, no momento em que se dispara o primeiro canhão, mas a partir do momento em que se acirram as hostilidades. Desde antes de 1939, em que marca, tradicionalmente, o início da Segunda Guerra Mundial, a Alemanha tencionou as relações no continente europeu, instigou as hostilidades e testou a tolerância das demais potências da região.

Em março de 1936, forças alemãs invadiram a Renânia na fronteira da Alemanha com a França, esta ação não foi repreendida pelos franceses. Neste mesmo

¹⁹ ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**: Antissemitismo, Imperialismo e Totalitarismo. p. 390-438

²⁰ TOTA, Antonio Pedro. **A segunda guerra Mundial**. p. 9 e 10

²¹ Ibid. p. 11

momento, a Itália invadiu a Etiópia, movimento ao qual a Inglaterra opôs meramente sanções econômicas.²²

Na seqüência, a guerra civil espanhola permitiu a aproximação entre italianos e alemães, formando o “Eixo Roma – Berlim”. Ao aproximar-se do Fuher, Mussolini colocava a Itália no rol das grandes potências, com a economia florescente e poderosas forças armadas.²³ Consórcio formalizado com a assinatura, em outubro de 1936, de um pacto anticomunista, entre os dois países.

Dois anos mais tarde, em 1938, graças à pressão de Hitler na Áustria sobe ao poder um “primeiro ministro de claras tendências Nazistas” e sem que fosse preciso a Wehrmacht disparar um único tiro, a Áustria foi anexada ao III Reich.²⁴ A Alemanha derrotou a Tchecoslováquia quase do mesmo jeito, ou seja, sem muitos combates. No ano seguinte, em 1939, o pequeno país teve a sua sorte decidida em uma reunião entre a Alemanha, França, Itália e Inglaterra na cidade de Munique sem a presença de nenhum de seus representantes. Tal reunião decretou a derrota total do pequeno país no mesmo ano.

Nesse cenário, Stalin tinha a certeza de que suas suspeitas de que as potências capitalistas do Leste estavam enviando Hitler contra Moscou não eram infundadas. Era questão de tempo para cair o último país entre a expansão nazista e a União Soviética, a Polônia.²⁵ Ardilosamente, negociou um acordo de não agressão nazi-soviético,²⁶ o que na prática não era suficiente para barrar o avanço alemão, mas senão que pelo menos retardá-lo.

Finalmente, em setembro de 1939, a Alemanha colocou em pleno funcionamento a sua máquina de guerra, dando início a fase dos combates invadiu a Polônia, colocando em prática a Blitzkrieg (guerra relâmpago). Acuado o governo polonês pediu ajuda aos seus aliados, França e Inglaterra, que tinham assumido o compromisso de acudir-las em caso de agressão por outro Estado, contudo seus esforços foram em vão e o país capitulou rapidamente.²⁷ A partir daí em menos de 10 meses, demonstrando a força da guerra relâmpago, a Alemanha tinha conquistado a Polônia, Dinamarca, Noruega, Bélgica, Luxemburgo, Holanda, e chegou à França

²² TOTA, Antonio Pedro. **A segunda guerra Mundial**. p.12

²³ TEMPONE, Victor. **O Brasil Vai à Guerra**: a inserção brasileira em um conflito global. p. 39,58 e 59

²⁴ Ibid. p.13

²⁵ Ibid. p.14 e 15

²⁶ Ibid. p.17

²⁷ Ibid. p. 38

que foi atropelada rápida e facilmente pelas forças alemãs, aceitando sem hesitação a subordinação a Hitler. Restava apenas, a Inglaterra e a URSS.

Graças à resistência da RAF (Royal Air Force) os ataques alemães foram repelidos e as suas bases na Bélgica e na França sofreram contra ataques, sendo que os ingleses chegaram, até mesmo, a bombardear a capital Berlim, levando a que os planos de Hitler de dominar a Inglaterra fossem adiados.

Enquanto isso, forças italianas haviam invadido o Egito com foco no canal de Suez, contudo, os britânicos explorando a ineficácia dos militares italianos na Grécia e na África impunham-lhe seguidas derrotas, levando a que Hitler fosse obrigado a enviar ajuda para as forças fascistas do Duce.²⁸

Na verdade, a Alemanha cruzou de fato o Mediterrâneo para a África, quando pareceu que sua aliada Itália, ainda mais decepcionante como poder militar na Segunda Guerra Mundial que a Áustria Hungria na Primeira, ia ser inteiramente expulsa de seu império africano pelos britânicos, que lutavam a partir de sua base principal no Egito. O Afrika Korps alemão, sob um de seus mais talentosos generais, Erwin Rommel, ameaçou toda a posição britânica no Oriente Médio.²⁹

Na Ásia, o Japão consolidava posições na China, apesar da brava resistência o imperialismo japonês já havia dominado a Indochina e a Birmânia.³⁰ Embora participasse do bloco de vencedores da Primeira Guerra Mundial o Japão sentia-se prejudicado pela sua vulnerabilidade em recursos naturais, necessários para modernizar a economia diante do avanço de sua industrialização, com 2,5% da produção mundial desejava uma maior participação no extremo oriente que fosse condizente com a sua apreciável força militar e naval, avanço esse que ameaçava os interesses dos Estados Unidos.³¹

Inicialmente os Estados Unidos evitaram adentrar no conflito, contudo a partir da ameaça aos seus interesses, seja pelo avanço japonês no Pacífico e pela expansão da competitividade industrial alemã começou a ameaçar os interesses america-

²⁸ TOTA, Antonio Pedro. **A segunda guerra Mundial**. p.29

²⁹ HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX 1914-1991**. p.46

³⁰ TOTA, Op. Cit. p.30

³¹ HOBSBAWM, Op. Cit. p.44

nos, o governo norte-americano intensificou as negociações e a venda de armamentos com a Grã-Bretanha e a França.³²

Após a ofensiva japonesa à base Americana de Pearl Harbor No dia sete de dezembro de 1941, os EUA, o país que por dois anos havia permanecido neutro, declarou guerra contra o Japão, o que levou os aliados japoneses, Alemanha e a Itália declaram guerra contra os norte-americanos.³³

Na invasão da URSS, a Alemanha fracassou em obter uma vitória rápida sobre os russos e a frente russa passou a ser o destino da maior parte dos soldados e armamentos alemães³⁴, a partir de 1941. Cientes da importância dos materiais bélicos e demais suprimentos os nazistas não deviam facilitar as rotas de abastecimentos inglesas e francesas, via Atlântico, oriunda dos EUA e de outros países americanos.

Com o propósito de impedir a todo custo que rotas comerciais estabelecidas no Atlântico levassem suprimento aos ingleses, os submarinos alemães dedicaram-se a impedir a chegada de comboios de mercadorias essenciais ao esforço de guerra aliado atacando e sendo contra-atacados pelos barcos de guerra que escoltavam estes comboios.³⁵ Nesta campanha no atlântico os submarinos do eixo acabam por atacar também os navios brasileiros que insistiram em manter o comércio ultramarino.

Nesse contexto, o Brasil que mantinha relações diplomáticas e comerciais com os países que se tornaram os principais contendores envolvidos na Segunda Guerra Mundial viu-se diante de um impasse: aliar-se aos países do eixo, do qual fazia parte, a Alemanha, com a qual mantinha sólidas relações comerciais ou aliar-se aos Estados Unidos mediante um conjunto de vantagens.

Fazia parte do projeto econômico e político nacional brasileiro a época do Estado Novo a viabilização da construção de uma grande siderúrgica nacional, para funcionar como pilar da industrialização do Brasil na construção civil, naval ou das ferrovias. Getúlio Vargas buscava soluções e, especialmente, financiamento no mer-

³² TEMPONE, Victor. **O Brasil Vai à Guerra:** a inserção brasileira em um conflito global. p. 74

³³ ABRAHAM, Ben. **Segunda Guerra Mundial:** Síntese. p.85

³⁴ TEMPONE, Op. Cit. p. 123

³⁵ TOTA, Antonio Pedro. **A segunda guerra Mundial.** p. 45 e 46

cado externo para a tal construção desta siderúrgica. E neste jogo, acena-se tanto para empresas alemãs quanto americanas.³⁶

Após os freqüentes ataques aos navios brasileiros praticados por submarinos alemães e com a negociação e assinatura de um acordo entre Brasil e EUA, onde se previa que os EUA cuidariam da preparação dos soldados brasileiros, com equipamentos e armamento americanos e concederiam auxílio financeiro para a construção da Companhia Siderúrgica Nacional o Brasil declarou guerra ao países do Eixo. Aos aliados prometeu fornecer recursos humanos e naturais, notadamente, borracha e minérios e permitira os EUA a construção de bases militares no litoral nordestino para a “Proteção do atlântico”.

³⁶ RIGONI, Carmen Lúcia. **Diários de guerra**: memórias e testemunhos dos soldados brasileiros que combateram na Itália durante a 2ª guerra mundial (1944-1945). p. 68

1.2 - Brasil: entre perspectivas táticas e estratégicas do “eixo” e dos “aliados” e a defesa e a promoção dos interesses nacionais.

1.2.1 - Os interesses do eixo

O território brasileiro e seus recursos não eram consideráveis tão somente para os aliados, os países do eixo também tinham planos para o país. Hitler arquitetou usar o Brasil como “possível trampolim para o assalto contra os EUA”, justamente por sua posição estratégica, além de cobiçar os importantes recursos naturais brasileiros que poderiam ajudar no suporte as forças nazistas já em território sul e centro americano.³⁷

Previu-se que Hitler, através de Vichy, ordenara a construção de uma linha férrea na África Francesa que provavelmente levaria soldados alemães ao litoral africano mais próximo possível de Natal, capital do Rio grande do Norte, Possibilitando a invasão do território brasileiro por esta cidade. A França de Vichy havia empregado tecnologia alemã. Essa linha férrea ia de Colombo Bechar até Bamco na África Francesa, conhecida pelo mundo como “Estrada do Inferno”. Ela teria cerca de três mil quilômetros depois de pronta. Observadores políticos e militares perceberam que a estrada que anteriormente se pensava que fosse parte de um projeto para levar irrigação ao norte da África, a ferrovia transaariana estava rumando para Dacar e sendo construída com materiais fornecidos por industriais alemães.

O que mais fundamentava tal raciocínio dos tais observadores político e militar era a contradição que seria se, enquanto os franceses morriam de fome nas ruas de Paris por causa do conflito e por ser esta nação ocupada, o governo estaria porventura investindo em irrigação de áreas desérticas. E nem a Alemanha que, depois de massacrar a França, estaria beneficiando de alguma forma o país ocupado? A conclusão que se chegou é de que se tratava de uma linha férrea com objetivos militares e sua finalidade seria transportar forças alemãs para Dacar.³⁸

Prevalecia o medo de que Hitler dominasse toda a costa ocidental africana e posteriormente estendesse o domínio as Guianas na América do Sul. A sua meta seria dominar o norte da África com as forças de Von Rommel e chegar à Dacar pa-

³⁷ A ALEMANHA está procurando arrastar o Brasil a um estado de beligerância ativa. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 22 ago 1942. 1º caderno, p. 1- 2

³⁸ HITLER queria de fato conquistar as Américas. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 27 nov. 1942, 1º caderno, p. 6

ra posteriormente assaltar Natal. Forçar a queda do governo e substituí-lo por um regime servil. Posteriormente fechar o Atlântico Sul para os aliados a partir de bases espalhadas pela região.³⁹ Em seguida dominar a Venezuela, o México para, em fim e por terra, atacar e dominar Estados Unidos. Todos os recursos para esta grande campanha seriam conseguidos conforme o plano e as tropas nazistas avançassem, principalmente no Brasil.

No mesmo mote ambicioso expansionista estava o Japão, encarregado de dobrar a Ásia enquanto a Alemanha ficaria encarregada da Europa e da Rússia. Posteriormente uniriam suas forças para derrotar os EUA, adversário comum, que atrapalhava os avanços de ambos.⁴⁰ Neste cenário, caso a Alemanha realmente invadisse o território brasileiro ou se levantasse qualquer movimento revolucionário patrocinado pelo eixo os americanos se preparavam para invadir e ocupar o nordeste e o Rio de Janeiro.⁴¹

Conforme foi citado, a Operação “Barbarossa” consumia grande parte dos recursos nazistas, tanto humanos quanto materiais. Tentar conquistar o Brasil ou mesmo somente a região nordeste causaria o desvio de forças importantes em outras frentes já conquistadas. Ao contrário da possível dominação do Brasil a dominação alemã do território africano era de fato um plano político e estratégico que data-va de meados de 1940 em ganhou força a proposta de construção de um império colonial alemão na África, mas a invasão do Brasil parecia pouco provável.⁴²

Ainda assim o plano americano era evitar a invasão nazista no Brasil tomou corpo a demonstrar a função crítica desempenhada pela região nordestina na estratégia estadunidense, cujo domínio poderia evitar uma invasão alemã vinda da África e também possibilitar o controle estratégico da América do Sul.⁴³

Porém, além da possibilidade geopolítica desta invasão ser muito pequena, do ponto de vista militar, era inviável. O plano original nazista era “enforçar” a Inglaterra e derrotá-la, propósito que necessitava de uma investida militar de tamanho tão considerável que exigisse que as tropas alemãs tivessem que invadir e dominar um país com fronteiras tão distantes das suas. Tomar Gibraltar a partir do território es-

³⁹ TEMPONE, Victor. *O Brasil Vai à Guerra*: a inserção brasileira em um conflito global. p. 120

⁴⁰ COMO o “eixo” armara o cerco contra a America. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 31 dez. 1942, 1º caderno, p.6

⁴¹ MOURA, Gerson. *Relações exteriores do Brasil*: 1939-1951: mudanças na natureza das relações Brasil-Estados Unidos durante e após a Segunda Guerra Mundial. p. 95-96

⁴² TEMPONE, Op. Cit. p. 134-135

⁴³ MOURA, Op. Cit.

panhol, Cabo Verde, Açores e das Canárias espanholas, fecharia o acesso ao Mediterrâneo pelo Atlântico, cortando o fornecimento de matérias-primas pelo Canal de Suez além de controlar o norte da África e o próprio Mar Mediterrâneo, inviabilizando o esforço de guerra inglês. Atacar os Estados Unidos não era uma possibilidade próxima naquele momento.⁴⁴ Pode-se afirmar, com boa margem de certeza que a Alemanha não pretendia invadir a América, nem o Brasil e nem o nordeste, haja vista que aquela época as dificuldades táticas e operacionais desta empreitada colocariam em risco os avanços já consolidados pelos nazistas.

Ainda assim, norte-americanos e ingleses resolveram abrir a segunda frente de batalha no intuito de derrotar Rommel e suas forças no norte da África. Todavia, bem antes disto, na frente oriental onde a Alemanha enfrentou a Rússia, a vitória inesperada dos russos causou o colapso deste possível plano ambicioso.⁴⁵

A campanha dos alemães contra os russos foi um grande fracasso. Nada favoreceu os germânicos, nem o clima, nem o tamanho do território, pois quanto mais adentravam nas terras do seu inimigo mais se distanciavam das fontes de abastecimento alemãs pois na maioria das vezes se deparavam com muita resistência ou com cidades previamente destruídas pelos próprios cidadãos russos a fim de que, cumprindo uma ordem dada por Stalin, os germânicos nada pudessem aproveitar e espoliar da terra gelada da Rússia. Podemos entender então que para os russos esses fatores tais como o tamanho do território e o clima lhes favoreceram e muito. Além disto, os soviéticos conseguiam levantar grandes quantidades de soldados rapidamente ao contrário dos invasores alemães.

Apesar dos contratemplos, Hitler não permitiu rendição e nem recuos e após o avanço rápido até a cidade de Stalingrado ouvia as notícias de suas tropas derrotadas e capturadas. O contingente enviado contra os russos era de cerca de 250 mil soldados, posteriormente foi reduzido a pouco mais de 100 mil soldados a maioria em péssimo estado de saúde, e todos sofreram com a fome e com o frio extremo.⁴⁶

Enquanto isso na “Operação Torch”, americanos e ingleses invadiram e ocuparam o Marrocos e a Argélia em novembro de 1942. A fim de expulsar definitivamente o Eixo do norte da África. Depois de muita luta, em meados de 43, toda a África ocidental francesa, incluindo o porto de Dacar, em novembro, foram libertados

⁴⁴ TEMPONE, Victor. **O Brasil Vai à Guerra:** a inserção brasileira em um conflito global. p.135

⁴⁵ COMO Hitler planejou a conquista das Américas. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 5 dez. 1942, 1º caderno, p. 6

⁴⁶ HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos:** o breve século XX 1914-1991. p. 47

“[...] acabando de uma vez por todas com qualquer ameaça do Eixo, mesmo que imaginária contra as Américas, e especificamente contra o Brasil.”⁴⁷

1.2.2 - Os interesses dos aliados.

No esforço para interligar via rotas aéreas a América com a Europa o oceano Atlântico era um dos grandes obstáculos a ser vencido. Para atravessá-lo as aeronaves tinham que possuir grande autonomia de voo, pois não há possibilidade de pouso de reabastecimento e/ou mesmo de emergência. As rotas que passavam pela Groenlândia e Islândia eram menores com relação à distância e duração da viagem, mas eram marcadas pelas dificuldades do clima. Ao Sul do Oceano Atlântico, as rotas mais seguras eram as que passassem pela cidade de Natal e região, localização mais próxima de todo o continente americano ao europeu.⁴⁸

Desta forma, o Brasil por se localizar geograficamente próximo dos territórios coloniais franceses, portugueses e ingleses na África possuía uma posição estratégica extremamente importante para as rotas aéreas e marítimas comerciais ou militares necessárias para a defesa do continente americano e destas mesmas rotas comerciais entre a América Latina e os EUA e entre os EUA e a Europa aliada. Além do mais o Brasil contava com abundantes recursos naturais.⁴⁹

Acreditava-se que a contribuição brasileira, tanto no sentido militar quanto no sentido de fornecimento de recursos fundamentais para o esforço de guerra aliado, seriam igualmente proporcionais,⁵⁰ porém a importância estratégica do território do Brasil para a causa aliada e principalmente dos seus recursos foram muito maiores do que a contribuição militar. Quando o Brasil proclamou guerra contra o eixo, os países aliados ganharam ao mesmo tempo, um “trampolim” e um aliado com vastos recursos naturais.

Dados do período afirmam que o Brasil já era àquela época o maior produtor de café do mundo, rico em carvão, com quase 50 toneladas em suas jazidas carboníferas. Possuía muita bauxita, de onde se obtém o alumínio, além da borracha a-

⁴⁷ TEMPONE, Victor. **O Brasil Vai à Guerra:** a inserção brasileira em um conflito global. p. 125/126

⁴⁸ Ibid. p. 118 e 119

⁴⁹ A ALEMANHA está procurando arrastar o Brasil a um estado de beligerância ativa. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 22 ago 1942. 1º caderno, p. 1- 2

⁵⁰ AS FORÇAS armadas dos Estados Unidos e do Brasil combaterão ombro a ombro na terra, no mar e no ar. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 2 out. 1942, 1º caderno, p. 1

mazônica ser a melhor do mundo.⁵¹ Destacavam-se também a produção de carne em conserva e para a indústria e a mineração com potencialidades imensas.⁵²

No final do ano de 1942 peritos calcularam que no Brasil havia cerca de 22% das reservas de ferro do mundo,⁵³ no ano seguinte dados dão conta que a produção brasileira anual de aço e ferro guza era de 250 mil toneladas e poderia chegar à 750 mil com o fim das obras e início das atividades da siderúrgica de Volta Redonda.⁵⁴

O litoral nordestino, especificamente a cidade de Natal, Rio Grande do Norte serviu de base de ataque para as operações que culminaram com a invasão da África. Possibilitou aos americanos chegarem mais facilmente até a África ocidental francesa.⁵⁵ Num de seus discursos inflamados Getúlio Vargas afirmou:

Não nos limitamos ao fornecimento de material estratégico. A utilização do nosso litoral, base das operações de transportes de armas e homens para os teatros da luta, possibilitou magníficas jornadas da África do norte, primeiro passo para a grande vitória. A nossa frota mercante continua cooperando diretamente nos transportes de toda a natureza, indispensáveis aos suprimentos das forças expedicionárias.⁵⁶

Ao romper as relações com a Alemanha e com a Itália tornando-se o primeiro país sul americano a declarar guerra aos nazistas e fascistas, o Brasil tornou-se inspiração para outros países do continente que mantinham-se neutros.⁵⁷

Em cooperação diplomática com os aliados, o Brasil auxiliou nas negociações⁵⁸ junto ao governo português para a utilização das bases do arquipélago de Açores pelos aliados ingleses como base aérea, embora o governo daquele país afir-

⁵¹ A PRIMEIRA nação Sul- Americana a romper relações com o “eixo”, foi também a primeira a declarar-lhe guerra. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 23 ago. 1942, 1º caderno, p. 1

⁵² ACENTUADA a importância dos vastos recursos do Brasil . **Folha da Manhã**, S. Paulo, 5 nov. 1942, 1º caderno, p. 16

⁵³ O BRASIL contaria com 22% das reservas mundiais de ferro . **Folha da Manhã**, S. Paulo, 26 nov. 1942, 1º caderno, p. 1

⁵⁴ AS POSSIBILIDADES econômicas brasileiras e sua importância para a luta contra o eixo . **Folha da Manhã**, S. Paulo, 28 fev. 1943, 1º caderno, p.1

⁵⁵ TEMPONE, Victor. **O Brasil Vai à Guerra**: a inserção brasileira em um conflito global. p. 137

⁵⁶ LITORAL serviu de base às operações que culminaram com a invasão da África ocidental francesa. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 1 jan. 1943, 1º caderno, p. 1

⁵⁷ A PRIMEIRA nação Sul- Americana a romper relações com o “eixo”, foi também a primeira a declarar-lhe guerra. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 23 ago. 1942, 1º caderno, p. 1

⁵⁸ AS NEGOCIAÇÕES para a permissão do uso das bases de açores pelos aliados. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 27 out. 1943, 1º caderno, p.4

masse a sua neutralidade na guerra⁵⁹, esforço ao qual somou-se as históricas alianças políticas entre a Inglaterra e Portugal que culminaram em que o primeiro-ministro Salazar cedesse na utilização das ilhas pela marinha britânica.⁶⁰

A liberação para o uso dos aliados das ilhas do arquipélago de Açores, a maioria de origem vulcânica trouxeram-lhe muitas vantagens táticas. A partir de então, os navios e aviões atravessavam o atlântico com maior segurança. Fechado o cerco aliado no Atlântico protegiam-se as rotas vitais dos comboios entre EUA e Europa. Podendo ser utilizadas no aprovisionamento de navios.⁶¹

1.2.3 - Entre os interesses do eixo e dos aliados o jogo a favor dos interesses nacionais.

Vargas explorou ao máximo as oportunidades criadas pela clara concorrência entre os interesses táticos e estratégicos capitaneados pelos EUA e Alemanha, com vista a obter benefícios e a aumentar o poder de barganha brasileiro.⁶²

A perceber a importância estratégica do Brasil tanto para a Alemanha quanto para os Estados Unidos, Vargas passou a planejar formas de obter ainda mais proveitos de ambos os lados,⁶³ particularmente, tencionou resolver de uma vez, seus dois maiores designios: reequipar as forças armadas e construir uma grande siderúrgica.⁶⁴

Desde longa data os militares pleiteavam o reequipamento das forças armadas brasileiras, principalmente o exército. O Brasil encomendara material bélico alemão em 1938 e 1939 e tentava receber estes materiais, mesmo após o início do conflito, ao passo que tentava comprar outros equipamentos e munições dos EUA.⁶⁵ No entanto havia restrições que impediam que norte-americanos repassem ao Brasil os equipamentos que os militares almejavam. Desta forma as autoridades do exército

⁵⁹ PORTUGAL cede as bases dos Açores à Inglaterra: Revelado pelo senhor Churchill, na câmara dos comuns, o novo acordo anglo-português. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 13 out. 1943, 1º cad., p. 1

⁶⁰ TEMPONE, Victor. Op. cit. p. 194

⁶¹ AS NOVE ilhas dos açores proporcionarão enorme vantagem tática às nações unidas. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 13 out. 1943, 1º cad., p. 1

⁶² MOURA, Gerson. **Relações exteriores do Brasil: 1939-1951: mudanças na natureza das relações Brasil-Estados Unidos durante e após a Segunda Guerra Mundial**. p. 51

⁶³ BONET, Fernanda dos Santos. **Autoritarismo e nacionalismo: o discurso oficial sobre o envolvimento do Brasil na Segunda Guerra Mundial, através das páginas da revista "Cultura política"**. p. 43/44

⁶⁴ MOURA, Op. cit. p. 54

⁶⁵ Ibid.

insistiam que a Alemanha era a melhor opção para o reequipamento efetivo das forças armadas.⁶⁶

Em 1940, Vargas se reuniu com Kurt Prüfer, embaixador alemão no Brasil e obteve a promessa de que ao fim da guerra, o governo alemão restabeleceria e expandiria as relações comerciais entre os dois países.⁶⁷ Acreditava-se que a empresa alemã Krupp tinha interesse na construção da usina siderúrgica no Brasil. Além do mais a Alemanha garantia que quando o comércio entre os dois países fosse reestabelecido o pagamento pelos produtos brasileiros poderia se dar com o provimento de equipamentos para construção da siderúrgica brasileira.⁶⁸ Porém o projeto siderúrgico era urgente e os norte-americanos aproveitaram-se dessa demanda. Em setembro de 1940 a questão da siderúrgica foi sanada mediante um acordo de auxílio técnico e financeiro ao Brasil para a construção da siderúrgica, firmado com os EUA.⁶⁹

Internamente, os generais Eurico Dutra e Góes Monteiro, ministro da Guerra e chefe do Estado-Maior do Exército, respectivamente, líderes militares do golpe de estado de novembro de 1937 eram pró-Eixo, apoiadores de governos fascistas e admiradores da máquina de guerra alemã e “pareciam crer que a Alemanha seria a potência vitoriosa na guerra”.⁷⁰ Ademais consideravam o envio de forças armadas americanas ao Brasil, em um acordo futuro, um ultraje à soberania nacional.⁷¹ Já Oswaldo Aranha, outro líder da Revolução de 1930, tinha admiração pelos Estados Unidos além de boas relações com o governo norte-americano.⁷²

A partir de maio de 1941 os EUA começam a minar as negociações entre Brasil e Alemanha oferecendo linhas de crédito com o condicionante de que o país lhe vendesse os produtos estratégicos com especial atenção à borracha. Embora não tão essenciais ao esforço de guerra americano, parece o propósito era muito mais que o de que esses materiais não fossem comprados pelos alemães.⁷³ A finali-

⁶⁶ MOURA, Gerson. **Relações exteriores do Brasil: 1939-1951: mudanças na natureza das relações Brasil-Estados Unidos durante e após a Segunda Guerra Mundial.** p. 56

⁶⁷ Ibid. p.131

⁶⁸ Ibid.

⁶⁹ Ibid. p.136

⁷⁰ MOURA, Op. Cit.. p. 54

⁷¹ TOTA, Antonio Pedro. **O Imperialismo Sedutor: A americanização do Brasil na época da segunda guerra mundial.** p. 21, 22, 23 e 26

⁷² MOURA, Op. Cit. p. 55

⁷³ PINHEIRO, Letícia. **A Entrada do Brasil Na Segunda Guerra Mundial.** p. 112-114

dade americana era minar o comércio e o esforço de guerra dos nazistas garantindo para si materiais importantes para o inimigo.⁷⁴

Por sua vez, o Brasil possuía muitas colônias de japoneses, italianos e alemães dentro de seu território. Estes últimos representavam cerca de quase um milhão de pessoas o que era um dado intimidante.⁷⁵

As Forças Armadas Brasileiras tinham consciência da fragilidade material do Exército Brasileiro. Pesava nas ações a serem direcionadas nesta guerra a possibilidade de o Nordeste Brasileiro ser invadido pelos alemães, e, como se esta situação não bastasse, outras tantas povoavam as preocupações do comando do exército [...] desembarques do Eixo em Santa Catarina, onde milhares de imigrantes alemães e italianos de discutível lealdade poderiam inchar os efetivos do invasor e mergulhar o Brasil numa guerra interna.⁷⁶

Por isto os Nazistas pensaram que o Brasil seria sensível à pressão que exerceria sobre o país tentando coagi-lo para que este lutasse ao seu lado no conflito.⁷⁷

Quando o jogo tornou-se inviável, finalmente Getúlio aliou-se aos americanos ao qual considerou mais lucrativo e vantajoso. No momento em que se percebeu que o Brasil com seus próprios recursos não conseguiria proteger seu próprio território e nem seu comércio externo⁷⁸. Getúlio Vargas foi muito habilidoso ao negociar com os lados e mantendo distância igual de ambos, sabendo tirar o proveito adequado da situação.⁷⁹

⁷⁴ MOURA, Gerson. Relações exteriores do Brasil: 1939-1951: mudanças na natureza das relações Brasil-Estados Unidos durante e após a Segunda Guerra Mundial. p. 64

⁷⁵ TOTA, Antonio Pedro. **O Imperialismo Sedutor: A americanização do Brasil na época da segunda guerra mundial.** p. 88

⁷⁶ RIGONI, Carmen Lúcia. **Diários de guerra:** memórias e testemunhos dos soldados brasileiros que combateram na Itália durante a 2ª guerra mundial (1944-1945). p. 156

⁷⁷ "A Alemanha está tentando arrastar o Brasil a um estado de beligerância ativa" folha da manhã 22 agosto de 1942, pág. 1

⁷⁸ BONET, Fernanda dos Santos. **Autoritarismo e nacionalismo:** o discurso oficial sobre o envolvimento do Brasil na Segunda Guerra Mundial, através das páginas da revista "Cultura política". p. 43-44

⁷⁹ TOTA, Op. cit. p. 27

1.3 – Beligerância: o ataque aos navios e a declaração de guerra.

Rio, 19 (Asapress) – Segundo revela um vespertino desta capital, entre os náufragos havia uma (senhora) que nadou em direção ao submarino fascista, conseguindo alcançá-lo. Agarrando-se à unidade inimiga, foi, porém atingida por um violento golpe na cabeça, vibrado por um marinheiro fascista, num gesto de incrível perversidade. Aquela senhora submergiu imediatamente, supondo-se que não tenha conseguido salvar-se posteriormente.⁸⁰

No Atlântico os submarinos alemães buscavam evitar a chegada de navios carregados de produtos essenciais ao esforço de guerra aliado atacando estes comboios.⁸¹ Diante disto diversos assaltos foram feitos à marinha mercante brasileira pelos corsários nazistas. Por estas agressões, somados à pressão externa/americana e da própria população, segundo nossa fonte, o Brasil é obrigado a dar uma resposta em defesa da nação.⁸² Assim no dia 22 de agosto, realizou-se a reunião que decidiu a entrada deste na Segunda Guerra Mundial ao lado dos aliados. Aprovando o estado de guerra contra a Itália e Alemanha.⁸³

Sabe-se que os submarinos alemães atacaram para tentar impedir a chegada de comboios de mercadorias essenciais ao esforço de guerra aliado.⁸⁴ Mas por que investir contra os barcos brasileiros se os alemães e os mesmos mantinham uma boa relação comercial até então? Na verdade, tratava-se de uma mudança de estratégia adotada pela Alemanha decidida, a partir de então a cortar estas linhas de alimentação aliada.

Alguns teóricos afirmam que a partir de meados do ano de 42 as forças americanas estacionada no norte do Atlântico melhoraram suas técnicas de defesa contra os submarinos nazistas o que levava a consecutivos ataques mal sucedidos. É provável que estas derrotas não esperadas forçaram os submarinos a buscarem “alvos mais fáceis” nas águas do Atlântico Sul. Outros teóricos afirmam que os ataques

⁸⁰ 114 PESSOAS sucumbiram em consequência do torpedeamento do vapor “Afonso Pena”. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 20 mar. 1943, 1º caderno, p. 3

⁸¹ TOTA, Antonio Pedro. **A segunda guerra Mundial**. p. 45 e 46

⁸² DIANTE do rude golpe e da trágica realidade, o exército ergue-se, unido e confiante, na defesa da nacionalidade. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 22 ago. 1942, 1º caderno, p. 1

⁸³ O BRASIL, em face dos atentados contra sua soberania, reconhece o estado de guerra com a Itália e Alemanha. **Folha da Manhã**, 23 de ago. 1942, 1º caderno, p. 1 e A ALEMANHA está procurando arrastar o Brasil a um estado de beligerância ativa. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 22 ago 1942. 1º caderno, p. 1- 2

⁸⁴ TOTA, Op.cit.

aos navios brasileiros resultavam da retaliação por parte dos alemães contra o auxílio prestado pela ex-colônia portuguesa ao esforço de guerra dos Estados Unidos. A neutralidade do Brasil teria sido violada pelo próprio ao se tornar fornecedor de matérias primas fundamentais aos aliados.⁸⁵ Hitler avisara ao nosso governo que o país seria alvo de assaltos por submarinos. Visto que a cooperação existente entre o Brasil e os Estados Unidos só aumentava, por isto o governo alemão o via como parte da aliança opositora.

De fato o empenho do governo brasileiro em servir aos aliados vinha crescendo substancialmente, juntamente com o número de soldados americanos na região nordeste do país. O Brasil fornecia muitos materiais estratégicos, as bases aéreas no nordeste foram muito úteis nos ataques e no suprimento das tropas inglesas e americanas no norte da África.⁸⁶ Com base em todos estes pontos, podemos dizer que o Brasil, no período entre o rompimento de relações com o Eixo e a efetiva declaração de guerra, estava atuando como um verdadeiro inimigo do Eixo.

Reiterando que a ofensiva contra o comércio aliado tinha função ofensiva e defensiva. Primeiro porque visava estrangular as rotas marítimas no Atlântico levando tanto a Rússia e a Inglaterra a perder o contato com seus coligados por via oceânica. Comprometendo principalmente os britânicos por sua terra se tratar de uma ilha. E segundo porque esses ataques eram também preventivos, pois ajudavam a impedir uma operação militar de invasão por parte dos aliados através do Atlântico, ou seja, bloqueando a abertura da segunda frente na Europa.⁸⁷

No dia 21 de agosto de 1942 o Presidente Vargas recebeu o telegrama de um jovem que seria filho do dono do barco “Aníbal Benévolo” afundado pelos submarinos do eixo próximo a Belmonte na Bahia. No telegrama o herdeiro, reclamando do ocorrido, pedia por providências, pois a embarcação era o único sustento da família⁸⁸. O “Aníbal Benévolo” era um pesqueiro à vela e carregava 163 passageiros no momento do ataque, dos quais, até o dia 22 de agosto, haviam sido salvos apenas quatro pessoas. Muitos outros telegramas chegaram até a mesa do presidente até

⁸⁵ BONET, Fernanda dos Santos. **Autoritarismo e nacionalismo**: o discurso oficial sobre o envolvimento do Brasil na Segunda Guerra Mundial, através das páginas da revista “Cultura política”. p. 51

⁸⁶ LITORAL serviu de base às operações que culminaram com a invasão da África ocidental francesa. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 1 jan. 1943, 1º caderno, p. 1 e A ALEMANHA está procurando arrastar o Brasil para um estado de beligerância ativa. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 22 ago. 1942, 1º cad., p. 1

⁸⁷ TEMPONE, Victor. **O Brasil Vai à Guerra**: a inserção brasileira em um conflito global. p.170

⁸⁸ PEQUENAS embarcações de pescadores estão sendo atacadas em águas territoriais pelos submarinos do eixo. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 22 ago. 1º caderno, p. 2

que ele, finalmente se manifestasse em favor do combate aos submarinos.⁸⁹ Neste período outros três barcos também haviam sido afundados: o “Itagiba”, o “Baependi” e o “Araraquara”, ambos deixaram poucos sobreviventes.⁹⁰

Os ataques geraram comoção e protestos em todo o país.⁹¹ Uma resposta enérgica era esperada e apoiada por muitos setores da sociedade,⁹² incluindo a Igreja Católica que condenou as agressões e afirmou que era a obrigação dos brasileiros defenderem a sua terra e não admitir o imperialismo da força “responsável por ter trazido a atual situação caótica em que se encontra o mundo. A igreja ajudará a combater o totalitarismo”. O Arcebispo de São Paulo, Dom José Gaspar de Affonseca [sic.] afirma que a instituição “[...] condena a guerra, a agressão, mas aconselha a reação aos que, sem Deus e sem lei, atacam os povos pacíficos, cristãos e hospitaleiros como ora fazem os nazifascistas contra o nosso estremecido Brasil”⁹³

Além do apoio interno houve também o externo por parte dos integrantes do bloco aliado e países vizinhos neutros.⁹⁴ Contudo, esses clamores públicos foram momentâneos e isolados em períodos próximos aos ataques. Não havia um desejo nacional pela entrada do Brasil numa guerra totalmente longe de suas ras.⁹⁵ No entanto, o envolvimento da nação nesta guerra, possivelmente, daria a Vargas tempo que ele necessitava a fim de reestruturar seu governo que já dava sinais de desgastes. Possivelmente a idéia seria entreter a população com os movimentos deste conflito enquanto o chefe do Estado trabalhava para se garantir ainda de posse do poder.⁹⁶

Desta forma, no dia 21 de agosto de 1942 o ministro Gaspar Dutra fez uma proclamação ao exército dizendo o quanto o Brasil estava triste e irado com os ataques à marinha mercante pelos corsários alemães. O contragolpe em defesa da nacionalidade e soberania brasileira viria na forma de emprego de toda nossa força,

⁸⁹ PEQUENAS embarcações de pescadores estão sendo atacadas em águas territoriais pelos submarinos do eixo. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 22 ago. 1º caderno, p. 2

⁹⁰ Ibidem

⁹¹ NOVAS demonstrações de protestos contra o afundamento dos nossos navios. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 22 ago. 1942, 1º caderno, p. 5

⁹² VIBRANTE e enérgica reação da alma popular bandeirante em face da declaração de beligerância entre o Brasil e as nações agressoras. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 23 ago. 1942, 1º seção, p. 1

⁹³ A IGREJA de Cristo condena as guerras, as agressões, mas aconselha a reação aos que atacam os povos pacíficos. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 23 ago. 1942, 1º caderno, p. 5

⁹⁴ O URUGUAI manifestará incondicional apoio ao Brasil, dispensando-lhe tratamento de nação não-beligerante [sic.]. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 1942, 1º caderno, p. 1

⁹⁵ RIGONI, Carmen Lúcia. **Diários de guerra**: memórias e testemunhos dos soldados brasileiros que combateram na Itália durante a 2ª guerra mundial (1944-1945). p.155

⁹⁶ Ibid.

devido a gravidade da situação dos navios afundados e das mortes de brasileiros indefesos.⁹⁷

Na seqüência, foi realizada uma reunião no palácio da Guanabara, na cidade do Rio de Janeiro (Capital, no período) no dia 22 de agosto de 1942, decidiu-se que “[...] diante da comprovação de atos de guerra contra a nossa soberania foi reconhecida a situação de beligerância em desfavor das nações agressoras – Alemanha e Itália”. Ou seja, a partir dos ataques aos navios da marinha mercante, o Brasil declara guerra aos dois países citados.⁹⁸

Após a declaração de guerra do Brasil, a Itália e a Alemanha emitiram notas afirmando que tal decisão não foi uma surpresa para ambos, uma vez que o país sul americano assumira, anteriormente, o apoio aos norte-americanos. Além disto, afirmaram que não receberam nenhuma comunicação oficial até o dia 24 de agosto. A Alemanha, em seu comunicado afirmou, também, que já advertira Vargas a respeito de possíveis ataques à sua marinha mercante. Encerrou afirmando que a partir de então atacariam mais embarcações brasileiras que tentassem levar suprimentos aos aliados, o que de fato passou a ser recorrente.

Muitos autores acreditam ser uma contradição o governo Vargas declarar guerra contra os regimes que se pareciam muito com o do próprio Brasil na época. Sabe-se que um dos pontos de aproximação entre varguismo e o fascismo e nazismo era a luta contra o comunismo, inclusive esta foi, possivelmente, uma das causas da demora do Brasil em se juntar aos aliados visto que neste grupo eles contavam com a presença da URSS. Outra aproximação possível seria a questão do nacionalismo exacerbado e a base de poder fixada nas forças armadas e em uma ideologia predominante. Além do corporativismo que é a idéia de que a sociedade não se divide por classes (que supõe conflito entre elas) e muito menos por partidos, mas por corporações que devem se unir em prol do desenvolvimento da nação.

Contudo, as relações com a Alemanha foram se deteriorando com o tempo. De um lado, aumentava a percepção dos alemães de que o Brasil adotou pouco a pouco uma situação que beligerância ao favorecer os EUA e os aliados, no curso da guerra. A neutralidade brasileira teria sido violada pelos próprios ao se tornarem for-

⁹⁷ DIANTE do rude golpe e da trágica realidade, o exercito ergue-se, unido e confiante, na defesa da nacionalidade. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 22 ago. 1942, 1º caderno, p. 1

⁹⁸ O BRASIL, em face dos atentados contra sua soberania, reconhece o estado de guerra com a Italia e Alemanha. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 23 ago. 1942, 1º caderno, p. 1

necedores de matérias primas fundamentais aos aliados. Por outro lado, os ataques aos navios brasileiros tornaram essencial a adoção de medidas em retaliação.

O governo brasileiro recebeu no mês de agosto de 1942 um telegrama do presidente americano, demonstrando sua indignação pelos ataques aos cinco navios da marinha mercante brasileira. Na correspondência Roosevelt reafirmou a amizade do povo americano e a gratidão pela ajuda na proteção do hemisfério. Vargas respondeu aos EUA confirmando tal amizade e a certeza de apoio mútuo.⁹⁹

Conseqüentemente o país se candidatou a ser um dos privilegiados merecedores da “Lei de arrendamento e empréstimos para alívio e tranquilidade dos países que combatem o Reich e seus satélites”. Esta lei foi criada pelo governo dos Estados Unidos a fim de auxiliar os países que perderam mercado europeu devido ao início do conflito. Além disto, era uma oportunidade para que os americanos consolidassem sua hegemonia sobre os países da América Latina fazendo com que estes lhes sejam devedores. Todo esse esforço estadunidense para aproximar-se do Brasil, como dito anteriormente, está ligado ao fato de o mesmo possuir o território mais próximo das colônias francesas na África, uma posição geográfica estratégica importante para a defesa do continente americano. Ademais, contava com abundantes recursos naturais.¹⁰⁰

Em seguida o governo brasileiro comunicou a Alemanha e a Itália sobre a sua decisão, destacando e apresentando como justificativa os ataques aos navios mercantes brasileiros e contra os EUA.

Já em beligerância declarada, em 27 de setembro de 1942 os navios “Lages” e “Osório” são atacados por submarinos nazistas. O primeiro tinha cerca de 130 metros de comprimento, enquanto o segundo quase metade disso, 69 metros. Estes dois navios haviam feito escala pela última vez em Belém. Ambos foram torpedeados a 48 milhas da costa do estado do Pará. Quase todos os tripulantes e passageiros foram salvos. Do navio mercante “Lages” sobreviveram 46 pessoas e três desapareceram. Enquanto que do “Osório” quatro pessoas foram encontradas, inclusive o

⁹⁹ O GOVERNO continua a receber telegramas pelo torpedeamento dos navios brasileiros. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 22 ago. 1942, 1º caderno, p. 2

¹⁰⁰ A ALEMANHA está procurando arrastar o Brasil para um estado de beligerância ativa. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 22 ago. 1942, 1º caderno, p. 1

comandante Almiro Carvalho. O cozinheiro Pio Nunes faleceu. Estes fatos constituíram-se como os primeiros atos contra o Brasil após a declaração de guerra.¹⁰¹

No ano seguinte, O “Cordeiro de Miranda” foi afundado no dia 17 fevereiro. Morreram 21 pessoas inclusive o seu capitão, o comandante Samuel Alves do Nascimento.¹⁰² Na madrugada do dia seguinte foi a vez do cargueiro “Brasilóide” que foi abatido em águas brasileiras, próximo à Bahia. Neste caso, toda a tripulação se salvou. Esta embarcação podia deslocar 140 mil toneladas brutas e tinha 136 metros de comprimento, vinha dos Estados Unidos e fez escala em Maceió e após partir para Bahia foi abatido na região de abrolhos.

Na sequência, 02 de março, o navio de passageiros “Afonso Pena” foi torpedeado também ao largo da costa do país, à cinco milhas do litoral baiano.

O “Afonso Pena”, com 112 metros de comprimento suportava carga de até 3130 toneladas e tinha capacidade para 150 passageiros, dirigia-se para o estado de São Paulo e se encontrava a algumas milhas de abrolhos quando foi atacado. Novamente, submarinos do Eixo foram os responsáveis pela agressão. Segundo relatos dos sobreviventes, durante a madrugada o navio recebeu o que as testemunhas chamaram de “pancada seca” a bombordo. No mesmo momento o Capitão do barco, Comandante Eurico Gomes de Sousa, foi verificar o que havia ocorrido. Ele constatou que o navio estava sob ataque e que o barulho ouvido anteriormente se tratava de um torpedo que havia falhado e não explodiu.¹⁰³

O Capitão ordenou ao imediato que se aumentasse a velocidade do navio e que o colocasse em movimento de “zigue-zague”. Meia hora depois a tripulação foi novamente surpreendida. Desta vez com uma forte explosão na região da proa. Após a ordem de “abandonar o navio” os passageiros embarcaram nas baleeiras.¹⁰⁴ Enquanto os sobreviventes embarcavam nos botes salva vidas, outro torpedo se chocou com o navio e explodiu arremessando parte da equipe de bordo no mar. Foi então que o submarino agressor submergiu e quando os náufragos se afastaram do

¹⁰¹ AFUNDADOS por submarinos do eixo o “Lages” e “Osório”. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 15 out. 1942, 1º caderno, p. 2

¹⁰² O AFUNDAMENTO do “Cordeiro de Miranda”. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 18 fev. 1943, 1º caderno, p. 3

¹⁰³ Este comandante fez parte da tripulação do navio “Alegrete” afundado antes do Brasil declarar guerra ao eixo - Fonte: O AFUNDAMENTO do “Cordeiro de Miranda”. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 18 fev. 1943, 1º caderno, p. 3

¹⁰⁴ Um tipo de bote salva-vidas, sem coberta, geralmente a remos, por vezes usado como salva-vidas em navios. “baleeira”. DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/baleeira>> . Acesso em: 06 jun. 2015

navio, lançou o último torpedo que o afundou definitivamente. Após isso os náufragos da embarcação remaram até uma vila de pescadores próxima no município de Mamassarí. Neste ocorrido o saldo de perda foi de 114 vidas.¹⁰⁵

Em 31 de julho às 21 horas foi a vez do “Bagé” ser atacado. Em viagem para o Rio de Janeiro ele partira da ilha de Fernando de Noronha e foi torpedeado em águas do Sergipe, à 40 milhas da costa do sul de Aracaju. Possuía 133 metros de comprimento e capacidade de 4.969 toneladas, contava, no dia do ataque, com uma tripulação de 108 pessoas e 30 passageiros. A embarcação estava carregada de, borracha, castanha e algodão, foi afundado por um único torpedo e o seu comandante, o senhor Arthur Guimarães, desapareceu no meio dos destroços.¹⁰⁶

Posteriormente, em 26 de setembro às treze horas, foi torpedeado o navio “Itapagé” próximo da costa alagoana no nordeste, à 14 milhas e Maceió. Conduzia 35 passageiros, destes apenas 29 foram salvos. Estes sobreviventes chegaram à praia horas depois, alguns ajudados por pescadores locais. A embarcação transportava duas mil caixas de cerveja, com a explosão, muitos cacos de vidro feriram os passageiros. Além delas também carregava 30 mil panelinhas e dois caminhões. Apesar dos enormes rombos o “Itapagé” não afundou. Parcialmente avariado pela explosão de dois torpedos foi levado até a praia de São Miguel com muita dificuldade pela própria tripulação.¹⁰⁷ Enquanto duas baleeiras carregavam os passageiros até a praia de “Lagoa Azeda”.¹⁰⁸

Finalmente, nos limites do recorte temporal aqui considerado, o último navio torpedeado de nome “Campos”, foi atacado próximo ao Estado de São Paulo, na altura das ilhas dos alcatrazes. Ele viajava do Rio de Janeiro com destino o Rio Grande do Sul, com objetivo de transportar um carregamento de carvão. A tripulação era composta de 25 homens incluindo o comandante, Capitão de fragata Mario do Amaral Gama.¹⁰⁹ Quando às 20 horas do dia 23 de outubro foi localizado por um submarino alemão. Segundo relatos, foram usados dois torpedos e entre os disparos houve um intervalo de tempo que foi muito importante para que os tripulantes e pas-

¹⁰⁵ POSTOS a pique mais dois navios mercantes brasileiros. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 1942, 1º caderno, 7 mar. 1943. p.1

¹⁰⁶ MAIS um navio afundado pelos alemães. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 8 ago. 1943, 1º caderno, p. 1

¹⁰⁷ TORPEDEADO na costa alagoana o navio brasileiro “Itapagé”. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 2 out. 1943, 1º caderno, p. 4

¹⁰⁸ NOVOS detalhes a respeito do torpedeamento “Itapagé” no norte do país. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 3 out. 1943, 1º caderno, p. 4

¹⁰⁹ NOVOS detalhes do torpedeamento do navio nacional “Campos”. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 30 out. 1943, 1º caderno, p. 5

sageiros escaparem. Sabe-se que uma pessoa morreu por causa da explosão do primeiro torpedo. Quando dois botes salva-vidas¹¹⁰ afastaram-se do navio ele foi atingido pelo segundo lançamento. O vapor possuía três baleeiras e uma balsa.¹¹¹ A baleeira de número um ficou inutilizada, pois caiu rápido demais no mar e se quebrou.¹¹² Outra baleeira ficou presa ainda amarrada ao navio quando este estava afundando. Subitamente ele virou e sua hélice ficou exposta dilacerando esta baleeira e os tripulantes que lutavam para soltá-la do navio.¹¹³

¹¹⁰ Uma baleeira e um balsa.

¹¹¹ TORPEDEADO o navio brasileiro “Campos” nas costas de S. Paulo. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 28 out. 1943, 1º caderno, p. 5

¹¹² NOVOS detalhes do torpedeamento do navio nacional “Campos”. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 30 out. 1943, 1º caderno, p. 5

¹¹³ TORPEDEADO o navio brasileiro “Campos” nas costas de S. Paulo. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 28 out. 1943, 1º caderno, p. 5

CAPÍTULO 2 – O ESFORÇO DE GUERRA BRASILEIRO – PROCEDIMENTOS TÁTICOS E DECISÃO ESTRATÉGICA.

2.1. Bônus de guerra, doações e recursos materiais.

2.1.1. Bônus de guerra.

Uma guerra exige muito de um país, costuma ser um evento dispendioso na sua essência. O Brasil antes de declarar a beligerância contra as nações do Eixo sofria e muito com os efeitos de uma crise de grande escala, atrelada de forma proporcional aos fatos que estavam ocorrendo na Europa, notadamente a perda dos mercados. Este e outros fatores limitavam os recursos financeiros do Brasil à disposição para o conflito, o que o levou a emitir os “bônus de guerra”.¹¹⁴

Inicialmente, as “Obrigações de guerra” eram títulos de dívida interna emitidos nos valores de 100, 200, 500, 1000 e 5000 mil réis, e posteriormente, com as mudanças na moeda, em 100, 200, 500, 1000 e 5000 cruzeiros.¹¹⁵ Eram negociáveis na bolsa de valores e possuíam a preferência sobre os demais títulos da dívida pública, embora o seu resgate estivesse vinculado ao fim da guerra. Era garantido pelo governo brasileiro com possibilidades de rendimento de 6% ao ano, sendo vencidos semestralmente nos meses de março e setembro e os juros computados nos subsequentes. Outra vantagem no período, é que serviam ao seu titular como garantia em caso de empréstimos em qualquer banco.¹¹⁶

Os “bônus de guerra” inicialmente, não foram planejados para serem de aquisição obrigatória.¹¹⁷ Assim fora veiculado pelo Brasil que, além de todas estas aparentes vantagens, quem adquirisse tais “bônus de guerra” estariam, desta forma, colaborando para o esforço de guerra da nação.¹¹⁸ Posteriormente os títulos passaram a ser de aquisição voluntária e também compulsória, o ministério da fazenda foi,

¹¹⁴ O BRASIL vai emitir bônus de guerra. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 4 out. 1942, 1º caderno, p. 3

¹¹⁵ A mudança da moeda brasileira é decretada em cinco de outubro de 1942, porém é em 1º de novembro de 1942 que começa a circular a moeda do cruzeiro no país, Foram usadas notas de mil reis carimbadas com cruzeiros e centavos. A partir de novembro todos os documentos entre outros foram registrados em cruzeiros e centavos – Fonte: COMEÇOU a circular hoje a moeda do cruzeiro. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 1º de nov. 1942, 1º caderno, p. 3

¹¹⁶ SEU FILHO poderá ser chamado [Propaganda] *Folha da Manhã*, S. Paulo, 13 jun 1943, 1º caderno, p. 7

¹¹⁷ O BRASIL vai emitir bônus de guerra. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 4 out. 1942, 1º caderno, p. 3

¹¹⁸ Ibidem

então, incumbido de fiscalizar e organizar todas as instruções sobre os mesmos.¹¹⁹ Para adquirir o “Bônus de Guerra” primeiramente o cidadão comprava o “título de subscrição”, o mesmo não era negociável e a transferência só era possível após a morte do proprietário. Finalmente, depois de certo período de espera, era providenciada a troca do “título” pelo “bônus de guerra” este sim, é um título ao portador, ou seja, poderia ser transferido para outra pessoa.¹²⁰

A subscrição pública de obrigações de guerra era regulada pela portaria número 09 de 24 de outubro de 1942 e pelo decreto-lei número 4 789 de cinco de outubro do mesmo ano. Sendo que a responsabilidade do seu recolhimento foi confiada a várias repartições: à caixa de amortização na capital do Brasil, no período, Rio de Janeiro, às delegacias fiscais, nos demais Estados e nas alfândegas de Parnaíba, Santos, Paranaguá, São Francisco, Rio grande, Pelotas, Santana do Livramento, Uruguaiana e Corumbá. Já o cidadão brasileiro que residia no exterior deveria procurar a delegacia do tesouro em NY ou os consulados brasileiros espalhados por várias nações. A emissão, resgate e a circulação ficaram a cargo do serviço de obrigações de guerra (S.O.G.).¹²¹

O advogado e comerciante José Mendes de Oliveira Castro, na época morador do Rio de Janeiro adquiriu o primeiro título de “Obrigações de guerra” voluntário, O valor deste era de 50 mil cruzeiros. No início das vendas na caixa de amortização em 11 de novembro de 1942 a soma dos “bônus” negociados chegou a 11.421.300 cruzeiros.¹²² Já o recolhimento da arrecadação compulsória se iniciou em janeiro de 1943.¹²³

O decreto-lei número 4789 previa que todos os que os contribuem para o imposto de renda estariam sujeitos ao pagamento das contribuições de guerra e previa que o mesmo seria dividido em 12 parcelas e o “Bônus de guerra” só seria entregue após a liquidação de todas estas cotas. A lei também alertava a respeito da cobran-

¹¹⁹ O DESCONTO das obrigações de guerra nas autarquias. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 7 out. 1942, 1º caderno, p. 4

¹²⁰ TERÁ início dia 10 de novembro a subscrição pública de “obrigações de guerra”. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 29 out. 1942, 1º caderno, p. 3

¹²¹ TERÁ início dia 10 de novembro a subscrição pública de “obrigações de guerra”. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 29 out. 1942, 1º caderno, p. 3

¹²² SUBSCRIÇÃO pública de “Obrigações de guerra”. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 12 nov. 1942, 1º caderno, p. 4

¹²³ O RECOLHIMENTO das quotas de “Obrigações de guerra”. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 9 out. 1942, 1º caderno, p. 2

ça de multas de 10% de mora caso houvesse atraso¹²⁴ e que o valor da contribuição inscrita no “bônus de guerra” era igual ao imposto devido no ano anterior.¹²⁵

Além dos cidadãos que contribuíam ao imposto de renda. A partir de janeiro de 1943, ficaram obrigado ao recolhimento obrigatório mensal todos os trabalhadores associados aos institutos e caixas de aposentadoria e pensões. O valor de 3% descontados direto nos salários dos empregados, seriam somados e devolvido em títulos de “Obrigações de Guerra” ao final dos semestres.

Os primeiros pagamentos compulsórios das “obrigações de guerra” iniciaram-se em dois de janeiro de 1943. Segundo um funcionário dos guichês de recebimento, 50 % das pessoas se prontificaram a pagar a cota total de todos os doze meses daquele mesmo ano antecipadamente.¹²⁶

Ainda com relação ao pagamento compulsório, foi divulgado em nove de janeiro de 43 que era facultativo a liquidação das “obrigações de guerra” via cheque. Para que os funcionários não precisem ficar nas filas para quitar as “obrigações de guerra” os empresários poderiam fazer cheques nominais para a delegacia regional de imposto de renda e enviar por correio a mesma com as contribuições de seus funcionários, afirmou o delegado J. Fabrega no Rio de Janeiro. Qualquer outro cidadão também poderia fazer o mesmo, ao invés de pegar as filas. Até a data de oito de janeiro já haviam sido arrecadados exatamente 23.027.964 cruzeiros.¹²⁷ Somente no estado de São Paulo foram arrecadados 18 milhões de cruzeiros no primeiro mês de obrigações de guerra.¹²⁸

No dia 14 de maio de 43, o primeiro dia do lançamento da campanha nacional, cerca de 150 milhões de cruzeiros foi arrecadado.¹²⁹ Posteriormente, em junho do mesmo ano, os bancos de SP iniciaram as vendas de obrigações de guerra diretamente ao público. Era de responsabilidade do banco do Brasil a distribuição destes

¹²⁴ OS MILITARES e o pagamento dos “bônus de guerra”. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 16 fev 1943, 1º caderno, p. 3

¹²⁵ ESCLARECIMENTOS sobre a subscrição de “bônus de Guerra”. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 20 fev. 1943, 1º caderno, p. 3

¹²⁶ CASOS de dispensa do pagamento das “Obrigações de guerra”. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 3 jan. 1943, 1º caderno, p. 5

¹²⁷ FACULTADO o pagamento de “obrigações de guerra” por meio de cheque. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 9 jan. 1943, 1º caderno, p. 3

¹²⁸ DEZOITO milhões de cruzeiros no primeiro mês de arrecadação das “Obrigações de guerra” em São Paulo. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 5 fev 1943, 1º caderno, p. 4

¹²⁹ OBRIGAÇÕES de guerra. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 14 maio 1943, 1º caderno, p. 6

títulos a todos os demais bancos. Ao mesmo tempo chegam ao mercado os “Bônus” de 200 cruzeiros.¹³⁰

O recolhimento compulsório da subscrição de guerra entre os meses de janeiro a junho de 1943 chegou a quantia de Cr\$ 436.648.172,90. Neste ínterim, os estados que angariaram mais recursos foram o Distrito Federal (Rio de Janeiro) Cr\$ 184.083.733,60 e São Paulo com Cr\$ 145.043.046,90 seguidos por Rio Grande do Sul, Minas Geras, Bahia e Pernambuco.¹³¹

Dentre as várias campanhas para intensificar a venda de “bônus de guerra”, surgiu uma delas em outubro de 43 feita pela associação dos empregados do comércio da cidade de São Paulo que consistia na sugestão de que todos os brasileiros e em especial os comerciantes, no natal, ao invés de dar presentes aos parentes e amigos dessem “bônus de guerra” aos tais.¹³²

Em novembro de 43 percebe-se que o recolhimento das “Subscrições de guerra” teve muito sucesso, pois de novembro de 42 até 30 de junho de 43 em todo o território nacional já se somavam 700 milhões de cruzeiros arrecadados.¹³³ E em janeiro de 1944 o total levantado de títulos de “subscrição compulsória de guerra” atingiu a importância de Cr\$ 724.032.331,60. Só o Distrito Federal (Rio de Janeiro) contribuiu com quase 30 % do total, ou seja, Cr\$ 278.729.032,60.¹³⁴

2.1.2. Doações.

Sabia-se que manter soldados do outro lado do Atlântico e toda uma máquina de guerra era muito dispendioso, para preparar a defesa e o ataque foram geradas despesas extraordinárias. Assim muitos cidadãos, movidos por patriotismo ou outro sentimento, fizeram doações importantes para auxiliar a nação a enfrentar estes desafios.

Em 22 de setembro de 1943, contribuições escolares do Estado de São Paulo foram recebidas pela direção geral do departamento de educação para a compra de

¹³⁰ BANCOS de SP iniciaram ontem a venda das “obrigações de guerra”. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 22 jun. 1943, 1º caderno, p. 10

¹³¹ O TOTAL da subscrição de bônus de guerra de janeiro a junho. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 4 ago. 1943, 1º caderno, p. 3

¹³² CAMPANHA para intensificar a venda de bônus de guerra. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 14 out. 1943 1942, 1º caderno, p. 4

¹³³ SUBSCRIÇÕES de Obrigações de guerra. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 4 nov. 1943, 1º cad., p. 4

¹³⁴ RECOLHIMENTO da subscrição de Obrigações de guerra. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 27 jan. 1944, 1º caderno, p. 4

um avião que seria doado às forças aéreas da nação. Vários grupos escolares e ginásios das cidades de Jaú, Barretos, Bauru, Batatais, São Paulo, Piracicaba, Mirassol, Marília entre outras, fizeram parte desta campanha.¹³⁵ De igual maneira, os profissionais da imprensa entregaram um cheque de 40 mil cruzeiros para o Ministro da Aeronáutica na sua visita a São Paulo também para a compra de aeronaves de guerra. A cerimônia aconteceu no campo de Marte no dia 30 de novembro e foi sugerindo o nome de Carlos Gomes para batismo do novo avião, um importante músico nacional.¹³⁶ Até aquele momento já haviam sido doados cinco aparelhos.¹³⁷

No dia doze de novembro mais de 12 milhões de cruzeiros chegaram às mãos do presidente Getúlio no palácio do Catete. Neste dia houve uma cerimônia de entrega de muitos cheques doados por cidadãos de vários estados, para compra de aviões para a aeronáutica nacional. Os valores somados chegaram a exatos Cr\$ 12.843.175. O evento aconteceu durante a tarde, com a presença do interventor paulista Fernando Costa, entre outras autoridades. O mesmo ofertou mais de quatro milhões de cruzeiros, produto de subscrição popular e mais 500 mil doados pelo próprio governo do Estado do qual é representante. Posteriormente o presidente brasileiro repassou ao Ministro Salgado Filho todas as quantias que recebeu naquela tarde.¹³⁸

Novamente o Ministro Salgado Filho visitou o Estado de São Paulo vindo do Rio de Janeiro para exercer alguns trabalhos e para receber mais doações. Dia 21 de dezembro, o Ministro seguiu para o “Carandiru”, a penitenciária do Estado onde participou do batizado de outro avião, oferecido pelos detentos e funcionários do presídio. No pátio central, às 9:30 da manhã, juntamente com outras autoridades, aconteceu a cerimônia de apresentação do aparelho de treinamento. Em seguida Salgado Filho falou para cerca de mil presos. Dois detentos também se pronunciaram. Não se sabe os seus nomes apenas seus números, 6805 e 66395. Discorreram sobre o sentimento patriótico que tomou conta deles e que os fizera participar da campanha.

¹³⁵ PROSSEGUEM com entusiasmo cada vez mais generalizado as manifestações patrióticas do povo bandeirante. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 23 set. 1942, 1º caderno, p. 5

¹³⁶ VIAJANDO num avião da F.A.B., chegou ontem de manhã esta capital o Sr. Salgado Filho, ministro da Aeronáutica. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 1 nov. 1942, 1º caderno, p. 5

¹³⁷ BATISMO simbólico de cinco aviões. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 1 nov. 1942, 1º caderno, p. 5

¹³⁸ MAIS de 12 milhões de cruzeiros para compra de aviões. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 13 nov. 1942, 1º caderno, p. 3

Na sequência, no Parque industrial aeronáutico de Utinga em São Paulo, Presidiu o próprio ministro a solenidade de batismo de três aviões doados, exatamente no próprio parque onde foram construídos os mesmos. O Senhor Salgado Filho aproveitou sua estada e encomendou outras 100 aeronaves do tipo “Paulistinha” novos. Além de participar da inauguração do hangar central de São Paulo assentando a pedra fundamental da fábrica. No mesmo dia, no campo de Marte foi batizado mais um aparelho. Desta vez, ofertado pelo Senhor Samuel Ribeiro ao aeroclube de Florianópolis. Este é o de número oito numa série de doze que o mesmo senhor havia prometido entregar. Além disto, o ministro recebeu, também, dos alunos do colégio Osvaldo Cruz um paraquedas.¹³⁹

No primeiro dia do ano de 43 o Ministro Salgado Filho advertiu em nota que não se fizessem mais coletas publicas para aquisição de aviões. Segundo o Ministro, as doações deveriam ser espontâneas. Esta decisão é devida ao grande número de constantes pedidos de licença nas delegacias para estes tipos de campanha por entidades e organizações, por meio de listas e urnas. A partir de então ficou proibida tal prática.¹⁴⁰

Voltando a falar a respeito das doações. Dia 30 de janeiro de 43, no Campo de Marte a colônia húngara do Brasil, radicada em São Paulo fez uma doação de avião treinamento para a guerra de nome “Kossuth” para mocidade acadêmica da faculdade de direito que posteriormente o entregaria para a força aérea brasileira.¹⁴¹

142

Posteriormente 85 mil cruzeiros foram coletados entre alunos da escola primária do Estado de São Paulo. Parte deste dinheiro foi usada na compra de um avião, batizado de “Rui Barbosa”, que foi doado aos estudantes de direito representantes do centro acadêmico “Onze de agosto” no dia primeiro de março para ser posteriormente repassado , também a força aérea do Brasil, através da campanha organi-

¹³⁹ SOB a presidência do Sr. Ministro Salgado Filho, realizaram-se nesta capital expressivas solenidades para assinalar novas contribuições de São Paulo em favor da Aeronáutica nacional. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 22 dez. 1942, 1º caderno, p. 10

¹⁴⁰ NÃO devem ser feitas coletas públicas para aquisição de aviões. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 3 jan 1943, 1º caderno, p. 5

¹⁴¹ VALIOSA contribuição da colônia húngara do Brasil a aviação nacional. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 1 jan. 1943, 1º caderno, p. 9

¹⁴² REALIZADO o batismo do avião “Kossuth” doado aos estudantes de direito, pela colônia húngara de São Paulo. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 02 fev. 1943, 1º caderno, p. 9

zada pelos estudantes de nome “Pilotos para o Brasil” que buscava incentivar os estudantes a servirem a pátria durante este momento de guerra.¹⁴³

Em, 14 de outubro de 1943, a “Comunidade do Fole” contribuiu com a Força Aérea Brasileira e com a “Real Air Force” da Inglaterra através da entrega de um cheque de 100 mil cruzeiros para a aquisição de aviões de guerra. Esta foi a sua sexta contribuição. Com mais esse cheque elevou-se a Cr\$ 1.600.000,00 o total das contribuições deste grupo em São Paulo. O coronel Appel Neto comandante da quarta zona aérea, a mais alta autoridade do ministério da aeronáutica presente em São Paulo recebeu o cheque. A quantia seria posteriormente dividida em partes iguais entre FAB e a RAF, como desejava a coligação que fez a doação.¹⁴⁴

Em meados do mês seguinte a União Nacional dos Estudantes fez a doação de três aviões de treinamento avançado, batizados de “Pearl Harbor”, “Coventry” e “Lidlee” no aeroporto Santos Dumont.¹⁴⁵ E, em 1942 a Federação dos Empregados do Comércio do Rio de Janeiro enviou a doação de 100 mil cruzeiros para a FEB e, por intermédio da comissão técnica de orientação sindical, foram comprados e entregues: cigarros, tecidos de lã, peças inferiores, remédios etc.¹⁴⁶ E finalmente, a um mês da partida para os campos de batalha na Europa, a comissão de diretores da “Fraternidade do Fole” entregou um cheque ao Ministro da Aeronáutica no valor de Cr\$ 157.604,40, destinado à Força Aérea Brasileira.¹⁴⁷

2.1.3. Recursos materiais.

No seu esforço de guerra, o Brasil precisava em grande quantidade de diversos materiais estratégicos, tais como metais e borracha, fosse para auxiliar os aliados e/ou para si mesmo, dessa forma criaram-se campanhas para arrecadá-los entre a população civil. No caso dos metais priorizavam-se zinco, chumbo, latão, estanho, alumínio, bronze e ferro. Contudo, foi necessário, em outubro de 1942, orientar a população sobre a campanha do metal informando-lhe quais de fato eram reapro-

¹⁴³ SOLENEMENTE batizado ontem no largo de São Francisco o avião “Rui Barbosa” doado aos estudantes de direito. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 1942, 1º caderno, p. 6

¹⁴⁴ NOVA contribuição da comunidade do fole em São Paulo à R.A.F. e à F.A.B. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 15 out. 1943, 1º caderno, p. 7

¹⁴⁵ BATISMO de aviões doados pela U.N.E. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 14 nov. 1943, 1º cad., p. 4

¹⁴⁶ DONATIVOS da federação dos empregados no comércio À F.E.B. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 25 maio 1944, 1º caderno, p. 4

¹⁴⁷ DONATIVOS para a F.A.B. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 7 jun. 1944, 1º caderno, p. 5

veitáveis, por exemplo, as folhas de flandres ou ferro enferrujado recolhidos no período não serviam para a indústria da guerra.¹⁴⁸

O látex era muito importante estrategicamente falando, tanto que os Estados Unidos se dispuseram a comprar toda a produção brasileira até o ano de 1947. Além disto, estava previsto o investimento de cinco bilhões de dólares na exploração da bacia do Amazonas e em obras de beneficiamento da mesma e também a melhoria do transporte aéreo para a região o que facilitaria o transporte da borracha bruta.¹⁴⁹

Os Estados Unidos, através do Eximbank, emprestou de imediato 12 milhões de dólares com a condição de que o Brasil lhe vendesse a borracha aqui extraída, com exclusividade.¹⁵⁰ Esse dinheiro seria investido na produção para que o país pudesse enviar cem mil toneladas do produto para os EUA no ano de 1943, Uma vez que previu-se o envio no ano de 42 de 70 mil toneladas.¹⁵¹ No entanto nada disto ocorreu, mesmo com as novas medidas adotadas pelo governo brasileiro com o objetivo de intensificar a produção da borracha. Esperava-se que o Brasil alcançasse números próximos à 35 mil toneladas no ano 43 e no ano seguinte, cerca de 50 mil toneladas da mesma matéria prima.¹⁵²

Em primeiro de julho de 1943 iniciou-se a “campanha da borracha usada” no país a fim de arrecadá-la entre a população,¹⁵³ por meio da entrega nas escolas de todo produto feito deste tipo de material que não estivesse em uso para ser reaproveitado.¹⁵⁴ A delegacia regional da Legião Brasileira de Assistência ficou responsável por supervisionar a campanha. Os alunos das escolas primárias, secundárias e profissionais foram incumbidos de recolher o material doado nas residências, no comércio e nas indústrias. Podiam ser reaproveitados materiais como luvas, solas, bicos de mamadeiras, tênis, sapatos, galochas, cortinas de banheiro, descansos para me-

¹⁴⁸: OPINIÃO de um oficial do serviço bélico sobre a campanha do metal entre nós. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 17 out. 1942, 1º caderno, p. 5

¹⁴⁹ OS EE. UU. comprarão toda a borracha brasileira até 1947. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 18 dez. 1942, 1º caderno, p. 1

¹⁵⁰ MOURA, Gerson. **Relações exteriores do Brasil: 1939-1951: mudanças na natureza das relações Brasil-Estados Unidos durante e após a Segunda Guerra Mundial**. p. 63

¹⁵¹ A TRANSFORMAÇÃO do Brasil em país industrial. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 25 out. 1942, 1º caderno, p. 1

¹⁵² INTENSIFICAÇÃO da produção da borracha. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 18 set. 1943, 1º caderno, p. 5

¹⁵³ INICIA-SE hoje a “campanha da borracha usada”. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 1 jul. 1943, 1º caderno, p. 3

¹⁵⁴ INICIA-SE amanhã, no país, a campanha do reaproveitamento da borracha. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 1 jul 1943, 1º caderno, p. 5

sas, aventais, pneus e câmaras de ar, sacos de gelo e água quente, brinquedos, anéis entre outros produtos deviam ser entregues aos estudantes.¹⁵⁵

A campanha foi lançada ao mesmo tempo no país inteiro. Os pneus e as câmaras poderiam ser vendidos por seus proprietários nos postos de gasolina. Cada pneu podia ser comercializado por 12 a 20 cruzeiros, enquanto as câmaras de três a sete cruzeiros. Caso os estudantes recolhessem estes materiais e os levassem diretamente para as escolas o dinheiro adquirido por tais produtos seria destinado à FAB.¹⁵⁶

O saldo da campanha mostra que houve adesão da população em massa. Na capital (Rio de Janeiro), em julho de 43 já se contava mais de 100 mil quilos de produto doado.¹⁵⁷ A campanha borracha usada foi encerrada em 15 de julho de 1943. No Estado de São Paulo as cidades do interior, juntas conseguiram acumular 230 mil quilos e na capital paulista, 300 mil kg foram arrecadados.¹⁵⁸

¹⁵⁵ A COLETA de borracha usada. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 2 jul. 1943, 1º caderno, p. 2

¹⁵⁶ DESENVOLVE-SE proveitosamente em São Paulo a campanha da borracha usada. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 3 jul. 1943, 1º caderno, p. 8

¹⁵⁷ CAMPANHA da borracha. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 14 jul. 1943, 1º caderno, p.2

¹⁵⁸ ENCERRA-SE hoje em todo o Estado a campanha da borracha reaproveitável. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 15 jul.1943, 1º caderno, p. 12

2. 2. Da declaração de guerra ao envio das tropas; um longo caminho.

2.2.1. Primeiro ato: a mobilização econômica e da organização da produção.

Na segunda guerra mundial ficou evidente que muitas técnicas de batalhar estavam ultrapassadas e que o suporte da produção era fundamental. O modelo que agora era o mais eficiente era a da “guerra total”. Neste novo padrão de organização de conflito os países beligerantes convergiam todas as suas potencialidades produtivas, materiais e humanas no conflito, ou seja, a partir de então não se faz mais distinção entre os dois tipos de fronts, entre a defesa e o ataque, tanto os civis quanto os militares, todos são mobilizados para o conflito.¹⁵⁹

Obviamente o Brasil tentou seguir esta cartilha, mobilizou os civis e militares, criou cursos de capacitação profissional, campanhas de incentivo para a produção de gêneros alimentícios, buscou a atualização da indústria nacional, racionou diversos produtos entre outras atitudes.

Uma das ações mais importantes no período para satisfazer a carência de determinados tipos de operários foi a criação no dia 25 de setembro de 1942 do SENAI (O Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) com cursos para aprendizagem industrial com o objetivo de ampliar os quadros de operários qualificando mão de obra com um ensino rápido e mono-técnico para auxiliar a indústria civil e militar.¹⁶⁰ Instituído pela federação das indústrias o SENAI contemplou inicialmente e de forma emergencial os curso de mecânico, furador, torneiro, aplainador e fresador, chapa e encanamentos para caldeiras, funileiro e encanador, ferrarias, solda, fundição, eletrotécnica, madeira para carpinteiro naval, motores a gasolina e a diesel, além de motores para a aviação e gasogênio. A intenção era que futuramente se desenvolvessem estes cursos e deixassem seu caráter emergencial para serem mais bem organizados.

Posteriormente, a secretaria da agricultura do Estado de São Paulo criou uma campanha a fim de mobilizar os produtores rurais paulistas para que os mesmos plantassem uma maior variedade de alimentos para serem introduzidos na nutrição dos soldados convocados. A campanha, anunciada no início do mês de outubro,

¹⁵⁹ CYTRYNOWICZ, Roney. **Guerra sem guerra:** a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial. p. 15

¹⁶⁰ A MOBILIZAÇÃO da mão de obra. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 26 set.1942, 1º caderno, p. 4

consistia em incentivar os camponeses que trabalhavam apenas com monoculturas como algodão e café para que introduzam culturas de arroz, feijão e também invistam na pecuária. Naquele período, a Secretaria de Agricultura intensificou a venda de sementes selecionadas para ajudar a diversificar mais os cultivos. Foi criado o Comitê de Fomento da Produção Agrícola. No qual, técnicos e agrônomos do órgão prestariam assistência aos lavradores. Outra preocupação do setor era com o escoamento, visto que as estradas brasileiras, no período, estavam em estado bastante precário.¹⁶¹

Voltando a produção industrial, os trabalhadores passaram a ser considerados soldados mobilizados.¹⁶² A Federação das Indústrias e Comando da Segunda Região Militar (que abrangia o Estado de São Paulo) organizaram uma relação de todas as indústrias paulistas constando o ramo de atividade e informações sobre seus funcionários, preparando-se para a convocação dos futuros soldados para não houvesse prejuízo à produção.

Foram enviadas fichas pra todos os estabelecimentos fabris que os industriais preenchem, dividindo seus funcionários em três categorias: “Os indispensáveis”, “substituíveis em até 60 dias” e os “dispensáveis”. Seria considerado “indispensável” o funcionário difícil de substituir ou que a sua ausência ocasionasse a suspensão das atividades ou a queda da produção industrial, este não seriam convocados. Os “substituíveis em 60 dias” deveriam esperar até que se conseguisse um substituto para a sua função na fábrica e depois seguiriam até o corpo no qual fosse convocado e os “dispensáveis” deveriam ser incorporados imediatamente ao serem convocados, pois sua ausência não causaria prejuízo para a produção.

Além dos “indispensáveis”, os maiores de 44 anos, as mulheres, os menores, estrangeiros de qualquer país também não seriam convocados e deveriam continuar seus trabalhos nas fábricas. Além de organizar o pessoal que poderia ou não ser convocado, o estudo indicava quais indústrias haveriam de ser convertidas, com pequenas adaptações, em indústrias de material bélico para a nação.¹⁶³

Obviamente a situação delicada em se encontrava o Brasil fez com que os absurdos e abusos surgissem com facilidade. Por exemplo, no caso da situação de

¹⁶¹ AFIM de tratar da cultura de cereais e da multiplicação do rebanhos, reunir-se-ão os lavradores do Estado. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 3 out. 1942, 1º caderno, p. 4

¹⁶² BONET, Fernanda dos Santos. **Autoritarismo e nacionalismo**: o discurso oficial sobre o envolvimento do Brasil na Segunda Guerra Mundial, através das páginas da revista “Cultura política”. p. 59

¹⁶³ COMO se processará, no Estado de São Paulo, a mobilização dos operários de nossos estabelecimentos industriais. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 22 out. 1942, 1º caderno, p. 5

um empregado paulista convocado no mesmo mês de outubro de 42 que pediu na justiça seus salários pois, teve seu ordenado retido desde que fora incorporado ao exercito, uma situação que não era permitida por lei. Assim abriu um excelente precedente com sua petição na justiça. Neste caso, o juiz responsável pelo processo deu o parecer favorável ao trabalhador obrigando o seu patrão ao pagamento de dois terço dos vencimentos que recebia antes de ser chamado para servir.¹⁶⁴

Os empresários também buscaram salvaguardar os seus interesses. Um exemplo disto foi o caso em que a Companhia de Usinas Nacionais encaminhou o pedido ao Ministério de Trabalho de autorização para que seus operários trabalhassem dez horas diárias mediante o pagamento do adicional de 20% sobre a remuneração das horas normais. A resposta do Ministro Marcondes Filho foi a seguinte: “Sendo a indústria da requerente reputada como essencial aos interesses nacionais, defiro em conformidade com o artigo 1º do decreto-lei numero 4.639 de 31 de agosto de 42”¹⁶⁵, assim expresso:

Art. 1º Mediante prévia autorização do Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio poderá ser permitido, nas empresas de serviços públicos ou que interessem à produção e à defesa nacional, o trabalho com a duração normal de dez horas.¹⁶⁶

Posteriormente, o decreto-lei de número 4.937 de 9 de novembro de 1942 regulou o funcionamento das fábricas de interesse militar buscando evitar paradas da produção e assegurar a produção bélica. Disciplinou que a falta ao trabalho por oito dias consecutivos sem justificativa legítima de um funcionário, de uma empresa civil considerada de interesse militar, passaria a ser considerado como crime de deserção, passível de punição prevista de um a quatro anos de reclusão. Enquanto que as faltas injustificadas, inferiores a oito dias, seriam punidas com multa de 03 dias de salários para cada dia perdido.

O decreto-lei número 4.937 esclarecia que as indústrias e oficinas de interesse militar importante pra a produção de material bélico seriam consideradas de inte-

¹⁶⁴ SITUAÇÃO dos empregados quando convocados para o serviço militar. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 28 out. 1942, 1º caderno, p. 2

¹⁶⁵ 10 HORAS de trabalho em indústrias essenciais aos interesses nacionais. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 29 out. 1942, 1º caderno, p. 2

¹⁶⁶ CAMARA DOS DEPUTADOS. *Decreto-lei número: 4.639 de 31 Ag. 1942*. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4639-31-agosto-1942-414553-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 14 jun. 2015

resses militar mediante a aprovação do Presidente da República, após as indicações dos Ministérios da Guerra, da Marinha e da Aeronáutica. A elas seriam destinados os reservistas que ali prestariam serviço até que lhes fosse declarado outro destino por autoridade competente.

Estabelecido o cenário legal o Presidente Getúlio Vargas, em fevereiro de 1943 declarou de interesse militar as seguintes fábricas civis: Andor Bokor, Companhia nacional de ferros IGA, Exata Ltda., Industria do aço e metais Ltda., Mecânica Carioca, do Distrito Federal; General Motors e Cia, PirieViloes e Cia, de São Paulo e a Companhia Belgo-Mineira, de Minas Gerais.¹⁶⁷

Posteriormente, em outubro de 43 o Ministro da Aeronáutica, Joaquim Pedro Salgado Filho, contratou de uma empresa paulista (O sigilo de guerra não permitiu aos jornais revelar o local das instalações¹⁶⁸) a construção de 20 aeronaves de treinamento primário, os CAP-1 “Planalto”, com 390 kg, capacidade de carga de 230 kg, velocidade de 185 Km/h, altitude máxima quatro mil metros, com uma envergadura de 8,60 metros e altura de 2,10 metros possuía motor Franklin de 90 HP, criados pelo aviador Clay do Amaral.¹⁶⁹ Na construção destes modelos era aplicada exclusivamente madeira o que reduziria o seu peso. Além disto, o aparelho tinha apenas um motor e dois lugares, assim sua produção simples o tornava de baixo custo de venda, em média 87 contos de réis, enquanto um avião norte americano custava 255.¹⁷⁰ A fábrica já contava com muitos esqueletos de aviões sendo trabalhados por meninos e por mulheres, pois havia poucos homens adultos, resultado da mobilização. Porém, antes de seguirem para as fileiras, foram orientados a passar seus conhecimentos para as moças e garotos que ficaram em seus lugares.

Outros modelos também foram construídos neste local. Um deles era “CAP-4”, mais conhecido por “Paulistinha”, usado para treinamento primário, com motor silencioso de 65 HP, peso de 320 kg, carga máxima de 217 kg e velocidade de 150 km/h. Os aviões de combate também estavam sendo construídos com madeira para

¹⁶⁷ DECLARADAS de interesse militar várias fabricas do país. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 27 fev. 1943, 1º caderno, p. 4

¹⁶⁸ ESTÁ instalada no território nacional uma das mais modernas e completas fabricas brasileiras de aviões. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 29 out. 1942, 1º caderno, p. 4

¹⁶⁹ SERÃO construídos em S. Paulo aviões para a F.A.B. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 25 out. 1942, 1º caderno, p. 7

¹⁷⁰ ESTÁ instalada no território nacional uma das mais modernas e completas fabricas brasileiras de aviões. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 29 out. 1942, 1º caderno, p. 4

que o peso deles também fosse reduzido. Os modelos MOG-3 usados pelo Brasil e “Wellington” usados pela RAF, foram os exemplares mais construídos.¹⁷¹

Os motores destes aviões eram importados dos EUA e montados em São Paulo. Porém previa-se que a indústria aeronáutica se desenvolveria a ponto de não precisar fazê-lo, a previsão era que, em breve, seriam fabricados no Brasil mesmo. Isso por que, já era possível a produção de peças sobressalentes. Assim o país contribuiria ainda mais para o alívio das indústrias norte-americanas.¹⁷²

Esta fábrica já estava instalada e em funcionamento no território nacional, sendo uma das mais modernas da época. O seu diretor industrial era o engenheiro Jorge da Rocha Fragoso, com experiência nas indústrias aeronáuticas européias como enviado do Ministério da Marinha e que tinha vindo para o Brasil após a declaração de guerra dos americanos aos alemães.¹⁷³

Novamente em abril de 1943, uma nova encomenda de aviões de treinamento primário “Paulistinhas” foi feita pelo Ministro Salgado Filho. O contrato assinado no dia 29 do mesmo mês no Rio de Janeiro previa a construção de 200 aeronaves de exercício primário que novamente seriam fabricadas em São Paulo. O custo de cada avião era de 40 mil cruzeiros cada em um pacote de cem unidades, no entanto o ministro ofereceu 34 mil por cada em um pacote de 200 aeronaves, o que pareceu razoável aos proprietários da indústria. Assinou o contrato, juntamente com o Ministro da Aeronáutica o Senhor Raphael Pirajá, diretor comercial da Companhia Aeronáutica Paulista, fábrica com sede em Utinga, próximo a Santo André. Na construção destes aparelhos a maioria das matérias primas usadas eram de origem nacional. O aço, madeira, chapas, hélices e rodas. Apenas o motor e os instrumentos de voo eram importados, obtidos pela Campanha Nacional da Aviação.

Posteriormente o Ministro recebeu e negociou em seu gabinete com o superintendente Pedro Brando e o diretor Ruy da Costa Gama, ambos da Companhia Nacional de Navegação Aérea, a aquisição de outros cem aviões do tipo H.L. destinados a Campanha Nacional de Aviação por 40 mil cruzeiros cada unidade.¹⁷⁴

¹⁷¹ ESTÁ instalada no território nacional uma das mais modernas e completas fabricas brasileiras de aviões. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 29 out.1942, 1º caderno, p. 4

¹⁷² SERÃO construídos em S. Paulo aviões para a F.A.B. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 25 out. 1942, 1º caderno, p. 7

¹⁷³ ESTÁ instalada no território nacional uma das mais modernas e completas fabricas brasileiras de aviões. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 29 out.1942, 1º caderno, p. 4

¹⁷⁴ DUZENTOS aviões de treino primário serão fabricados em S. Paulo, para o governo federal. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 1942, 1º caderno, p. 5

Com a guerra “batendo na porta” medidas de racionamento para abrandar a escassez de alimentos e de matérias primas fundamentais foram lançadas pelo governo brasileiro. Tais medidas de abrandamento da “relativa” escassez de determinados alimentos e materiais eram para introduzir o cotidiano de guerra no país.¹⁷⁵

Falta dramaticidade, no entanto, ao relato da escassez de trigo e da falta de pão. A escassez de pão não significou fome em São Paulo e predomina um registro de memória leve e divertido na lembrança das filas, mais atentos aos causos do cotidiano e mecanismos para burlar as restrições à venda, como os padeiros “amigos” que entregavam pão por fora.¹⁷⁶

Conclui-se que “não foi a guerra que provocou a falta relativa de pão [...] Foi a falta de pão e as filas que trouxeram a sensação de guerra, o efeito de guerra ao cotidiano de São Paulo”¹⁷⁷

Se for fato que a fome não se generalizou pelo país em virtude da guerra, no entanto muitos materiais pareciam estar escassos, tanto que em janeiro de 1943 o coordenador da mobilização econômica emitiu um comunicado por meio da Agência Nacional advertindo a todos os consumidores que a partir de fevereiro, todos deveriam devolver os recipientes de vidro, estanho, chumbo ou de folha de flandres após o seu uso. As indústrias eram responsáveis pelo recolhimento do material a fim de que não houvesse acúmulo nos estabelecimentos comerciais.¹⁷⁸

O açúcar foi outro produto afetado pela campanha de racionamento governamental e teve o consumo limitado. Em dado momento foram distribuídos cartões de racionamento para que cada cidadão pudesse adquirir apenas 50 gramas por dia. A sua produção não foi afetada, o que fez com que seu consumo fosse racionado foi o transporte, a falta de segurança das rotas marítimas, visto que o mesmo era feito no nordeste do país e em virtude dos ataques dos submarinos do eixo a nossa frota mercante, causou a sua escassez no sudeste brasileiro.¹⁷⁹

¹⁷⁵ CYTRYNOWICZ, Roney. **Guerra sem guerra:** a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial. p. 51

¹⁷⁶ Ibid. p. 54

¹⁷⁷ Ibid. p. 66

¹⁷⁸ MEDIDAS tomadas em face da escassez de matéria prima para confecção de vasilhames. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 26 jan. 1943, 1º caderno, p. 3

¹⁷⁹ NOSSA situação de povo em guerra obriga a limitação no consumo de certos produtos. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 28 abr. 1943, 1º caderno, p. 3

2.2.2. Segundo ato: os termos da parceira EUA/BRASIL – Os acordos comerciais e militares.

Quando o Brasil declarou guerra contra o eixo, os países aliados ganharam um companheiro com vastos recursos naturais e com um território de grande importância estratégica para a sua causa. Nesse contexto, os Estados Unidos firmaram diversos acordos comerciais, a fim de garantir acesso às abundantes matérias-primas brasileiras das quais carecia para apoiar seu esforço de guerra. Além disto, necessitavam da permissão do nosso governo para a construção das bases aéreas e permanência americana em solo nordestino.

Sabe-se que: “os EUA se beneficiaram do fato de estarem distantes da luta e serem o principal arsenal de seus aliados, e da capacidade de sua economia de organizar a expansão da produção de modo mais eficiente que qualquer outro”¹⁸⁰. A distância do conflito trouxe a segurança necessária para que suas indústrias produzissem tudo de forma eficiente para seus aliados e para os próprios americanos. Se inicialmente, para os norte-americanos era importante eliminar a influência alemã na América Latina para que as matérias primas oriundas dos países do sul não fossem direcionadas para os nazistas, após a entrada dos EUA na guerra tal situação alterou-se e eles passaram a considerá-las como essenciais ao seu suporte produtivo.¹⁸¹

Em agosto de 1942 aconteceu a reunião que definiu a criação da Frente Comum Brasileiro – Norte Americana Contra o Eixo [Sic.]. Assim iniciam-se os entendimentos para coordenar a cooperação armada entre os dois países. Compareceu ao evento o embaixador brasileiro Pereira de Sousa, o Almirante King, o Chefe do Estado Maior Americano, o General Marshal além de altas patentes de ambos os países. Nesta reunião, um dos principais pontos levantados foi com relação a ação brasileira contra os submarinos nazistas em águas sul americanas. Os participantes esperavam do Brasil atitudes mais concretas.¹⁸²

O senhor João Alberto, presidente da Coordenação de Mobilização Econômica e diretor da Comissão Técnica Brasileira, no dia 15 de setembro do mesmo ano, afirmou que algumas fábricas americanas seriam transferidas dos EUA de forma

¹⁸⁰ HOBBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos*: o breve século XX 1914-1991. p. 55

¹⁸¹ PINHEIRO, Letícia. *A Entrada do Brasil Na Segunda Guerra Mundial*. p. 114

¹⁸² REUNIR-SE-À hoje a junta de defesa Brasileiro-norte-americana [Sic.]. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 16 set. 1942, 1º caderno, p. 1

provisória para o território brasileiro, visto que estas indústrias estavam sobrecarregadas com a produção de material bélico. Assim a Comissão Técnica Americana viria ao Brasil a fim de estudar estas e outras possibilidades e auxiliar a coordenação do esforço de guerra da nação.¹⁸³ Apesar do Ministro João Alberto acreditar que o país era “bastante desenvolvido” muito ainda havia de ser feito para alavancar a indústria. É admirável que o Brasil, no período, possuía cerca de “80% da população no campo.”¹⁸⁴ Ademais, neste período era dependente do mercado externo para o seu desenvolvimento industrial e até em itens básicos indispensáveis tais como o petróleo, veículos, máquinas etc.¹⁸⁵

Outro acordo entre Brasil e EUA foi anunciado em 22 de setembro de 42 dizia a respeito ao apoio ao aumento na produção principalmente nos Estados que estão mais próximos da floresta Amazônica e os do Nordeste, abrangia como pontos principais: a ajuda técnica na melhoria da produção de gêneros alimentícios de origem animal e vegetal; a atualização das técnicas de irrigação, plantio, drenagem e conservação do solo; a ajuda na resolução dos problemas de armazenamento, conservação e distribuição dos produtos; fornecimento de elementos essenciais tais como ferramentas, inseticidas etc.; ampliação dos recursos de fomento da produção vegetal e animal do ministério da agricultura; melhorar a condição de vida e de nutrição das populações que vivem nas áreas de execução dos planos de incremento. O governo americano contribuiria com duas parcelas de meio milhão de dólares no primeiro ano do contrato, mais um milhão em setembro de 1943, além de arcar com a manutenção dos técnicos (diárias, alimentação, viagens etc.) durante sua estada no Brasil. O convênio se iniciaria em 30 de setembro de 42 e se estenderia por dois anos, no entanto, dependendo de seus resultados poderia ser prorrogado.¹⁸⁶

Percebe-se que os Estados Unidos estavam dispostos a empenhar significativos recursos financeiros no Brasil. No mesmo mês forneceu 100 milhões de dólares¹⁸⁷ em empréstimos e arrendamentos para a compra de material militar e, assim, contribuir com o esforço bélico do país. Ademais para a preparação e organização

¹⁸³ INÚMERAS fábricas serão transferidas brevemente dos Estados Unidos para o Brasil. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 16 set. 1942, 1º caderno, p. 2

¹⁸⁴ CYTRYNOWICZ, Roney. *Guerra sem guerra*: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial. p. 199

¹⁸⁵ TEMPONE, Victor. *O Brasil Vai à Guerra*: a inserção brasileira em um conflito global. p.

¹⁸⁶ RECENTE acordo com os EE. UU. Motivou a viagem do ministro Apollonio Salles ao norte. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 22 set. 1942, 1º caderno, p. 4

¹⁸⁷ CRESCENTE apoio das nações do continente americano ao esforço bélico do Brasil. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 22 set. 1942, 1º caderno, p. 1

militar enviou missões militares e técnicas e orientou as escolas de aviação americanas a aceitarem alunos brasileiros com o objetivo de garantir auxílio para a defesa do continente e proteger os comboios de navios mercantes que navegam entre os dois países.¹⁸⁸

Os Estados Unidos também auxiliou na intensificação da exploração dos minérios de ferro na cidade de Itabira, forneceu subsídio para a expansão da ferrovia Minas-Vitória e para o desenvolvimento do porto de Vitória no Estado do Espírito Santo e no desenvolvimento da energia elétrica. Assinou um contrato que previa uma melhor exploração da bacia do Amazonas, beneficiando ambos os países. Outros acordos que previam que os EUA comprariam excedentes da produção brasileira de vários produtos de primeira necessidade e além de emprestar 100 milhões de dólares, venderiam 80 milhões em ouro para estabilização da moeda brasileira.¹⁸⁹ Ainda prometeram a compra de todo o café brasileiro.¹⁹⁰

Posteriormente, um plano de empréstimos para a América Latina, através do Banco do Comércio Exterior, disponibilizou cerca de 700 milhões de dólares para promover a criação e o comércio interamericano, financiando e apoiando economicamente o desenvolvimento agrícola, industrial e mercantil dos países latino-americanos, ajudando as nações que perderam espaço no mercado devido à guerra. Destinou mais de 25 milhões de dólares para a construção das instalações das fundições de aço, cuja construção, iniciada em 1942 tinha previsão de ser concluída em 44.¹⁹¹

Em setembro de 1942, os quatro primeiros técnicos membros da comissão técnica americana para cumprir parte dos planos de ajuda mútua, chegaram ao Rio de Janeiro e foram recebidos no Aeroporto pelo Ministro João Alberto e outras autoridades diplomáticas.¹⁹²

Tal grupo de técnicos, completo com a chegada de outros oito, em outubro, totalizando doze especialistas, tinha a missão de cooperar com os engenheiros nacionais na tarefa de desenvolver os recursos naturais, indispensáveis para a produ-

¹⁸⁸ CRESCENTE apoio das nações do continente americano ao esforço bélico do Brasil. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 22 set. 1942, 1º caderno, p. 1

¹⁸⁹ Ibidem.

¹⁹⁰ ENTROU em execução ontem o acordo firmado entre os governos do Brasil e dos Estados Unidos. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 1942, 1º caderno, p. 1

¹⁹¹ EMPRÉSTIMOS dos Estados Unidos à América Latina. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 3 Nov. 1942, 1º caderno, p. 4

¹⁹² CHEGARAM ao Rio membros da “missão técnica norte-americana”. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 23 set. 1942, 1º caderno, p. 2

ção em tempo de guerra e aumentá-la em artigos essenciais, principalmente os que antes precisava importar dos EUA para liberar os navios. Preparar as indústrias brasileiras de forma que pudessem substituir matérias-primas antes importadas; melhorar os transportes internos; desenvolver a indústria nacional no longo alcance.¹⁹³

Em 16 de outubro o sonho da siderúrgica nacional começou a ser realizado com a chegada da primeira remessa de material vindo dos Estados Unidos. Cerca de 10 mil toneladas de equipamentos destinados a montagem do alto forno e outras partes foram descarregados no Rio de Janeiro e em seguida, direcionados a cidade de Volta Redonda.¹⁹⁴

Os EUA também colaboraram com a aeronáutica e a marinha brasileira doando diversos aviões e barcos de combate e de treinamento. Em dezembro de 1942 na Flórida, O País recebeu o terceiro “caça submarinos” de uma série adquirida pelo governo dos americanos.¹⁹⁵ Já em outubro de 43 em Miami outro “caça submarinos” foi entregue à armada nacional. O barco de sessenta metros de comprimento foi entregue ao comando do Tenente J. F. Marques.¹⁹⁶ No ano seguinte, em março foi a vez de aviões norte americanos serem ofertados através do Almirante Ingram para a nossa Força Aérea. O Ministro da Aeronáutica Salgado Filho, presente na cerimônia, recebeu as cinco aeronaves durante sua visita às instalações da Marinha americana e a promessa de outros nove aparelhos semelhantes.¹⁹⁷

¹⁹³ MOURA, Gerson. *Relações exteriores do Brasil: 1939-1951: mudanças na natureza das relações Brasil-Estados Unidos durante e após a Segunda Guerra Mundial*. p.. 103/104

¹⁹⁴ MATERIAL norte-americano para a siderurgia nacional. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 17 out. 1942, 1º caderno, p. 2

¹⁹⁵ MAIS um caça-submarino para nossa Armada. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 11 dez. 1942, 1º caderno, p. 3

¹⁹⁶ NOVO caça-submarinos entregue a armada brasileira. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 30 out. 1943, 1º caderno, p. 1

¹⁹⁷ NOVOS aviões norte americanos entregues pelo Alm. Ingram à Força Aérea Brasileira. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 31 mar. 1944, 1º caderno, p. 3

2.2.3. Terceiro ato: organizar a defesa e executar contra-ataques.

Sabe-se que em uma guerra o front interno relaciona-se a necessidade de garantir a defesa de todo o território, visando a proteção da população civil e dos meios de produção para o suporte necessário ao esforço de guerra. No caso do Brasil, foi criado no dia 26 de agosto de 1942 o Serviço de Defesa Passiva Antiaérea, sob os cuidados do Ministério da Justiça que ficou responsável por cuidar deste ofício.¹⁹⁸

No mês seguinte, a prefeitura da cidade de São Paulo decidiu colaborar na construção de abrigos antiaéreos. O engenheiro Antonio Carlos Cardoso, diretor da Politécnica foi designado como superintendente da Defesa Passiva na cidade paulista e representante da Defesa Passiva Antiaérea junto ao comando da Segunda Região Militar. Em reunião com o então prefeito e com o setor de obras da cidade todos os engenheiros funcionários da prefeitura foram convidados para coordenar, em conjunto, o plano da construção dos abrigos. Também ficou decidido que o trabalhos deveriam começar imediatamente.¹⁹⁹

Já no mês de novembro, o diretor do Serviço Nacional de Defesa Passiva Antiaérea, Coronel Orozimbo Pereira, fez a solicitação a Diretoria Regional de Defesa Passiva Antiaérea providencias para a construção dos abrigos cobertos e trincheiras para proteção da população, nas praças e jardins públicos. Também fez apelo aos cidadãos que colaborem com a defesa instalando abrigos simples em seus quintais, chácaras e sítios.²⁰⁰ No mesmo mês, o primeiro plano de abrigos antiaéreos da cidade de São Paulo ficou pronto. A previsão era que o primeiro abrigo seria instalado na Praça João Mendes, o projeto, aprovado pelo S. D. P. A e de responsabilidade de execução da prefeitura, consistia em dois túneis para acomodar pessoas, por mais de duas horas.²⁰¹

Outra medida de segurança utilizada pelo S. D. P. A em meados do ano de 43 foi a implantação da obrigação de redução da iluminação das áreas litorâneas, nas praias ou em locais que poderiam ser vistos do alto mar. Metade das luzes foi apa-

¹⁹⁸ CRIADO o serviço de defesa passiva antiaérea em todo o país. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 27 ago. 1942, 1º caderno, p. 3

¹⁹⁹ VÃO ser construídos em São Paulo, com a colaboração efetiva da prefeitura, grandes abrigos antiaéreos. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 30 set. 1942, 1º caderno, p.7

²⁰⁰ CONSTRUÇÃO de trincheiras-abrigo públicos e particulares. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 4 nov. 1942, 1º caderno, p. 3

²⁰¹ O PRIMEIRO abrigo de anti-aéreo de São Paulo se localizará na praça João Mendes. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 21 nov. 1942, 1º caderno, p. 5

gada de forma alternada, uma acesa entre duas apagadas. Nas ruas, nas praias, “Uma sim outra não”. Ordenado também, o desligamento de todos os anúncios brilhantes; das luzes exteriores em residências e estabelecimentos públicos ou particulares. Ficou proibido acendimento de fogos de artifício e sinais nos topos dos prédios, ordenou-se o desligamento das vitrines de lojas a partir das 21 horas; deviam conter o vazamento de iluminação das janelas, portas e sacadas dos prédios que se tem vista para o oceano. Foram proibidas as festas próximas ao litoral e, inclusive, os veículos deveriam circular com faróis apagados ou velados quando próximos à praia. A determinação tinha vigência até dez quilômetros adentro do faixa litorânea.²⁰²

Posteriormente na Capital, Rio de Janeiro, foi proibido à iluminação de toda a orla. Assim, prédios altos com ou sem sacadas e moradores do local, Avenida Niemeyer, Leblon, Ipanema, Leme e Praia Vermelha tal qual todo o trecho visível do mar desde o Flamengo até o Calabouço. Ainda as zonas altas e ruas transversais com relação a praia. Nestes locais foi orientada a população que fechasse todas as aberturas que podiam emitir luz para o oceano; a pintura com tinta escura e opaca de todas as vidraças voltadas para o mar ou que cerrassem com cortinas opacas e escuras. Ainda reduzissem ao mínimo as luzes dos bondes e baixassem as cortinas que ficavam viradas para o oceano. Foi proibido também, o acendimento de fogueiras. Seria agente fiscalizador a seção de fiscalização da Diretoria Nacional e da Diretoria Regional com o auxílio da Polícia Civil.²⁰³

Logo depois, no dia 12 de agosto de 1943 a Diretoria Nacional de Defesa Passiva resolveu determinar o *black out* parcial permanente de todo o litoral brasileiro.²⁰⁴ Nesse momento da participação do país no conflito ouvir falar em *black out* não era mais nenhuma novidade para a população civil, pois a mesma já vinha sendo adestrada pelos constantes exercícios de escurecimento promovidos pela S. D. P. A como medida de segurança.

De repente as luzes se apagavam, escuridão total. Era assim quando acontecia um *black out* total. Embora, praticamente toda sexta feira depois das 19 horas tinha exercício em São Paulo. Se as luzes das ruas não se acendessem era o sinal

²⁰² REDUÇÃO da iluminação das cidades em todo o litoral como medida de defesa. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 7 ago. 1943, 1º caderno, p. 3

²⁰³ PROIBIDA pelo Serviço de Defesa Passiva a iluminação da orla do Rio de Janeiro. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 11 ago. 1943, 1º caderno, p. 4

²⁰⁴ “BLACK-OUT” permanente no litoral brasileiro. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 12 ago. 1943, 1º caderno, p. 5

de o treinamento estava começando. A ordem era para que ninguém ligasse Nenhuma luz das residências até às 18h54min. Isso também valia para os anúncios luminosos, todos deveriam aguardar até que os postes das vias públicas estivessem acesos.²⁰⁵ O adestramento da população civil em face da possibilidade de um ataque aéreo era uma constante a partir do mês de dezembro de 42.

A finalidade dos exercícios era treinar a população para um eventual ataque aéreo para que soubesse os procedimentos em caso de um ataque real, pois a presença do parque industrial e dos diversos aquartelamentos militares fazia da cidade de São Paulo um alvo em potencial. O *black out* total consistia no completo apagamento de todas as luzes da cidade, todos os pedestres e motoristas dos carros deveriam cessar seus fluxos e se dirigirem aos prédios mais próximos para procurar abrigo seguro. Neste caso o escurecimento deveria ser total, ou seja, nenhuma luz deveria ser acesa, nem nos hospitais. Normalmente esse tipo de treinamento acontecia por apenas cinco minutos.²⁰⁶ Já o *black out* parcial, mais comum, não exigia o cessar do fluxo dos veículos e pedestres, as luzes das ruas permaneciam acesas, porém eram apagadas metade delas, alternadamente.

A partir do por do sol os moradores poderiam acender as luzes de apenas dois cômodos e se, apenas se estes não tivessem portas voltadas para a rua, claraboias ou janelas. Era aconselhado o uso de lâmpadas azuis. As fábricas que tinham necessidade de continuar o trabalho durante o exercício e as casas que não possuíam cômodos sem janelas, claraboias ou portas para a rua, deveriam pintar as vidraças de preto ou cobri-las com panos escuros. Os pedestres deveriam circular exclusivamente pela calçada, usar roupas brancas se possível ou uma faixa branca no braço e só sair de casa em caso de necessidade real. Os carros eram autorizados a trafegar com velocidade de até trinta quilômetros por hora, deveriam manter-se a direita da via com faróis apagados, cobertos com tinta ou tampados com tecido preto, deixando um pequeno feixe de luz só para ser visto pelos outros veículos da rua e transeuntes. Era obrigatório também aos proprietários de automóveis pintarem

²⁰⁵ NESTA semana, tudo deve permanecer apagado até as 18 horas e 54 minutos. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 9 dez. 1942, 1º caderno, p 5

²⁰⁶ ESPERAM-SE completos resultados com os exercícios do segundo “Black-out” parcial da cidade de S. Paulo, a serem realizados sexta-feira próxima. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 23 set. 1942, 1º caderno, p. 5

uma faixa branca ou fosforescente nas laterais para ser vista pelos pedestres e outros carros durante o exercício.²⁰⁷

O primeiro exercício de escurecimento como forma de defesa passiva foi realizado no dia 14 de setembro de 1942 em Niterói no Estado do Rio de Janeiro. O episódio foi anunciado por foguetes luminosos, seguidos pelo desligamento total da iluminação pública. Até as estações de rádio “saíram do ar”, todavia, antes disto soaram sirenes para avisar a população civil. Aviões sobrevoaram a cidade simulando um bombardeio. Prontamente foram paradas todas as atividades comerciais assim como todo o tráfego de veículos. Simulada uma invasão, este exercício começou às 22:30 em uma ação conjunta entre a FAB e os outros militares.²⁰⁸

O primeiro exercício de escurecimento da defesa passiva da cidade de São Paulo aconteceu quatro dias depois, no dia 18 de setembro de 1942. Foi determinado que os exercícios em São Paulo fossem feitos nas sextas-feiras após o pôr do sol para educar eficientemente toda a população. No primeiro de muitos outros treinamentos apenas parte da capital foi afetada. Primeiramente a zona leste foi treinada posteriormente foi a vez da oeste e em seguida de toda a zona urbana. Como ainda não possuíam abrigos antiaéreos a recomendação era que os civis se escondessem nos porões, adegas, salas centrais de prédios ou lugares com paredes reforçadas.²⁰⁹

O não cumprimento por parte da população das determinações com relação aos exercícios de escurecimento poderia gerar severas punições. Quem fosse flagrado desobedecendo poderia ser levado preso e apresentado na superintendência da segurança política e social. Desta forma, dependendo da falta cometida, o cidadão poderia ficar detido por até dois anos. O mesmo valia para os proprietários de estabelecimentos que admitirem falhas em seus estabelecimentos que comprometessem o bom funcionamento do exercício.²¹⁰

Tanto o primeiro treinamento na cidade de São Paulo quanto os outros subsequentes foram tumultuados e com diversos erros. O escurecimento parcial não era anunciado. Estava sempre previsto para acontecer nas sextas-feiras assim que a luz

²⁰⁷ ESTÃO sendo ultimados os preparativos para o exercício de “Black-out”, sexta-feira próxima, nesta capital. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 16 set. 1942, 1º caderno, p. 3

²⁰⁸ OBTIVERAM pleno êxito os exercícios de escurecimento realizados ontem em Niterói. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 15 set. 1942, 1º caderno, p. 3

²⁰⁹ SERÃO realizados sexta-feira próxima, pela primeira vez, em S. Paulo, exercícios práticos de “Black-out” **Folha da Manhã**, S. Paulo, 15 set. 1942, 1º caderno, p. 7

²¹⁰ ACERTADAS todas as medidas para a realização, hoje, dos primeiros exercícios de “Black-out” nesta capital. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 18 set. 1942, 1º caderno, p. 5

natural cessasse. Também sempre ocorria um período de *black out* total pelo tempo de cinco minutos durante os exercícios de escurecimento parcial. Muitos moradores não vedaram completamente as laterais e os fundos das casas, outros saíram de suas casas antes do início do exercício deixando luzes acesas, o que prejudicou o mesmo. Neste caso a determinação da Diretoria Nacional de Defesa Passiva foi para que, se necessário, os vigilantes e monitores do serviço arrombassem as casas e apagassem tudo o que foi esquecido ligado. Muitos motoristas não cobriram seus faróis, ao invés disto apagaram os mesmos, o que não era correto. Além disto não foi observada a determinação da colocação da faixa lateral nos carros de cinco centímetros pintada com tinta branca ou fosforescente.

O segundo exercício de escurecimento na cidade de São Paulo ocorreu em 25 de setembro de 1942.²¹¹ Sucedeu em apenas parte da zona urbana. Novamente o evento começou assim que as luzes artificiais foram necessárias, tanto nos carros como nas residências. O seu final foi anunciado pelo locutor do Departamento de Imprensa e Propaganda ao término do programa “A hora do Brasil”.²¹²

No dia 02 de outubro de 1942 ocorreu o terceiro exercício,²¹³ a nova recomendação da Diretoria Nacional de Defesa Passiva foi para que as pessoas andassem com dinheiro já trocado para que os cobradores de coletivos não precisassem que acender as luzes. Outra recomendação era para que os cinemas, cafés e bares não deveriam deixar de funcionar. A partir de então o horário do escurecimento total não era mais divulgado, ou seja, acontecia de surpresa. Nesta data uma vasta extensão urbana e suburbana incluindo o centro de São Paulo participou do exercício.²¹⁴

No quarto exercício, em 16 de outubro, aplicou-se uma nova estratégia, sinais de alerta para avisar a população do início e do fim do exercício, assim discriminados: ameaça eminente: sirenes e apitos, silvos de 20 segundos e intervalos de 10 segundos em oito toques e sinos durante 3 minutos em repiques breves e rápidos.

²¹¹ ESPERAM-SE completos resultados com os exercícios do segundo “Black-out” parcial da cidade de S. Paulo, a serem realizados sexta-feira próxima. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 23 set. 1942, 1º caderno, p. 5

²¹² O SEGUNDO exercício de “Black-out” parcial, a realizar-se hoje, abrangerá grande e populosa região da capital. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 25 set. 1942, 1º caderno, p. 6

²¹³ REALIZAR-SE-Á amanhã a terceira prova de escurecimento normal da cidade **Folha da Manhã**, S. Paulo, 1 out. 1942, 1º caderno, p. 6

²¹⁴ CONSTANTES exercícios de escurecimento e alarma serão feitos no Rio. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 2 out. 1942, 1º caderno, p. 4

Fim de alerta: sirenes e apitos, durante 3 minutos contínuos e os sinos tocariam durante alguns minutos em dobres longos, graves e intermitentes.²¹⁵

O passo seguinte foram os exercícios de alarme antiaéreo durante o dia, primeiramente realizado às 14 horas do dia 22 de outubro, no Rio de Janeiro.²¹⁶ A população foi direcionada para os abrigos. Bondes e automóveis ficaram estacionados, o comércio ficou paralisado por meia hora e o local ficou deserto.²¹⁷ Já em São Paulo o primeiro exercício deste tipo aconteceu em 30 de outubro,²¹⁸ o tráfego dos carros e dos pedestres foi interrompido, todos se abrigaram, passageiros, cobradores, condutores e transeuntes. O comércio, repartições, fábricas e escritórios foram fechados, enquanto os aviões da FAB sobrevoavam a cidade.²¹⁹

Posteriormente a Diretoria Nacional de Defesa Passiva divulgou que aconteceriam vários exercícios de escurecimento realizados de surpresa. Basicamente as orientações para a população era que se mantivesse a calma e seguisse as três regras fundamentais: tudo para, todos se abrigam, e tudo se fecha.²²⁰ Em São Paulo, o primeiro escurecimento total de surpresa aconteceu no dia 10 de dezembro de 1942, o alerta foi dado às 19h15min da noite e o exercício terminou às 20 horas, observando-se que a cidade cessou o movimento e os cidadãos imediatamente procuraram abrigo, mostrando êxito no treinamento.²²¹

Outras cidades do Brasil também receberam os treinamentos de emergência para possíveis ataques aéreos. Como é o caso de Natal, no Rio Grande do Norte que foi submetida ao *Black out* total por doze dias seguidos, desde o dia 17 de dezembro, como medida importante e urgente para a defesa da costa brasileira²²² Previu-se mais exercícios de alerta nas principais cidades do território. A partir de me-

²¹⁵ TOMADAS todas as providencias para o êxito do exercício de "Black-out" a realizar-se hoje, promovido pelo Serviço de Defesa Passiva Anti-Aérea. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 16 out. 1942, 1º caderno, p. 4

²¹⁶ EXERCÍCIO de alarma anti-aéreo. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 21 out. 1942, 1º caderno, p. 2

²¹⁷ PRIMEIRO exercício de alerta diurno anti-aéreo. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 23 out. 1942, 1º caderno, p. 2

²¹⁸ REALIZAR-SE-Á amanhã o primeiro exercício de alerta diurno, Nesta capital **Folha da Manhã**, S. Paulo, 29 out. 1942, 1º caderno, p. 5

²¹⁹ HOJE, entre as 13 e 16 horas, o primeiro exercício de "alerta diurno" em S. Paulo **Folha da Manhã**, S. Paulo, 30 out. 1942, 1º caderno, p. 5

²²⁰ A PROVA final dos exercícios de escurecimento será realizado de surpresa, em um dia qualquer desta semana. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 6 dez. 1942, 1º caderno, p. 20

²²¹ VERIFICOU-SE ontem nesta capital, obtendo completo êxito, o escurecimento total de surpresa organizado pelo Serviço de Defesa Passiva Anti-Aérea. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 11 dez. 1942, 1º caderno, p. 8

²²² ESCURECIMENTO total em Natal. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 29 dez. 1942, 1º caderno, p. 5

dos de junho de 43 iniciaria vários treinamentos com escurecimento total e parcial²²³ em todas as capitais do Brasil.²²⁴ Além de todo esse trabalho de adestramento da população havia grande necessidade de se proteger o território e também as águas nacionais do perigo das forças do Eixo. Nesta empreitada o auxílio americano poderia vir a ser bem vindo.

Sabe-se que uma demanda antiga dos Estados Unidos era a autorização do governo brasileiro para o envio de tropas para o país e a construção de bases militares no litoral nordestino para a “proteção do atlântico”²²⁵ e para auxiliar a segunda frente de combate aberta no norte da África.

Obtida tal concessão, de fato o Litoral nordestino serviu de ponto de apoio para as operações que culminaram com a invasão da África. A base da cidade de Natal, Rio Grande do Norte, possibilitou aos aliados americanos chegarem mais facilmente até as colônias francesas, milhares de aeronaves pousaram e levantaram voo a partir desta região até o fim do conflito.²²⁶

Em fevereiro de 1943 as bases aéreas de Parnamirim em Natal, Rio Grande do Norte já estavam em funcionamento. Estes aeródromos militares estavam debaixo da autoridade do General de brigada Robert L. Walsh, que liderava o Q.G. do Comando de Transporte Aéreo, Divisão do Atlântico Sul desde meados do ano de 1942. Além desta função, Walsh era também, o comandante das Forças do Exército Norte-Americano no Atlântico Sul.

Pilotos decolavam diariamente para levar auxílios aéreos à África e outras frentes de batalha das Nações Unidas. Os voos podiam partir de vários pontos dos EUA, mas precisavam fazer escala em Natal para depois partirem para o seu destino final.²²⁷ Para não causar mal estar entre os governos foi logo divulgado pelos Estados Unidos que as bases americanas no Brasil não seriam permanentes, o governo

²²³ EXERCÍCIOS de alerta anti-aéreo nas capitais e principais cidades do nosso território. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 13 jun. 1943, 1º caderno, p. 4

²²⁴ O EXERCÍCIO de escurecimento realizado em todas as capitais *Folha da Manhã*, S. Paulo, 1 jul. 1943, 1º caderno, p. 4

²²⁵ ALVES, Vágner Camilo. *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial: autonomia na dependência?*. In: Dennison de Oliveira. (Org.). in *A Força Expedicionária Brasileira e a Segunda Guerra Mundial: estudos e pesquisas*. p. 102

²²⁶ Ibid.

²²⁷ DO AERÓDROMO de Parnamirim para as frentes de batalha das nações unidas. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 23 fev. 1943, 1º caderno, p. 4

americano não tinha a intenção de manter de forma definitiva, bases que foram montadas em outras repúblicas.²²⁸

De acordo com o Almirante Jonas Ingram, comandante chefe da esquadra norte americana no Atlântico Sul, na colaboração entre EUA e Brasil em todo o patrulhamento do oceano Atlântico foi necessário o uso das bases, prometeu, contudo, que assim que o Eixo fosse derrotado não ficaria um só americano em solo brasileiro.²²⁹

Em setembro de 1943 o Contra Almirante Francis Low, chefe das operações antissubmarinas do Estado maior do comandante-chefe naval dos EUA, afirmou que de maio até agosto daquele ano, mais de quatro mil navios haviam sido comboiados através do atlântico sem nenhuma perda em consequência de ataque de submarino.²³⁰ E pouco depois, o Ministro Oswaldo Aranha afirmou: “Natal é hoje um dos mais poderosos bastiões da luta contra a barbárie nazista, um dos principais pontos de apoio no sistema defensivo do hemisfério ocidental e de quaisquer operações ofensivas no teatro europeu de guerra.”²³¹

Por sua vez, declarada a guerra pelo Brasil, os alemães afirmaram, em nota que, a partir daquele momento, atacariam toda e qualquer embarcação brasileira que tentassem levar suprimentos aos aliados.²³² Neste contexto, o Brasil se dispôs a partir de então a responder com “fogo” a afronta nazista.

Em novembro de 1942 um avião médio de bombardeio da FAB atacou com bombas de profundidade um submarino alemão nas imediações da ilha Rocas, o submersível ficou avariado e não conseguia mais submergir. Outros dois submarinos foram atacados no dia 27 próximo a capital cearense, tendo sido um deles destruído imediatamente e o outro avariado.²³³ Em janeiro do ano seguinte, novamente a FAB afundou mais um submarino alemão, no litoral do Rio grande do Sul.²³⁴

²²⁸ OS EE. UU. Não tem [sic.] a intenção de estabelecer bases permanentes na América Latina. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 7 mar. 1943, 1º caderno, p. 1

²²⁹ PERFEITA colaboração brasileiro-norte-americana em todos os setores no patrulhamento do Atlântico Sul. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 21 abr. 1943, 1º caderno, p. 3

²³⁰ MAIS de quatro mil navios aliados foram comboiados sem perdas. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 30 set. 1943, 1º caderno, p. 1

²³¹ A COOPERAÇÃO entre brasileiros e norte-americanos no nordeste **Folha da Manhã**, S. Paulo, 14 out. 1943, 1º caderno, p. 3

²³² AS ALEGAÇÕES dos governos de Berlim e Roma ante a atitude do governo brasileiro. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 25 ago. 1942, 1º caderno, p. 1

²³³ A F.A.B. está sempre pronta para repelir qualquer tentativa de ataque. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 1 nov. 1942, 1º caderno, p. 5

²³⁴ AFUNDADO por oficiais da F.A.B., no litoral do Rio Grande do Sul, um submarino do Eixo. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 21 jan. 1943, 1º caderno, p. 4

Em abril um petroleiro inglês que se dirigia à Salvador percebeu que estava sendo perseguido por um submarino inimigo e comunicou-se com uma das bases aéreas brasileiras. Uma esquadrilha da FAB foi enviada para o local, ao avistarem o periscópio do submersível, atacaram e o afundando-o em seguida.²³⁵

Dois dias depois, na foz do Rio Real próximo ao Estado da Bahia às 10 horas, mais uma vez a FAB atacou e destruiu mais um submarino inimigo. Até aquele momento 12 submarinos foram colocados fora de combate na costa brasileira, cinco pelos americanos e sete pela FAB.²³⁶

A costa norte do País de fato estava infestada de submarinos. Dia 8 de maio de 1943, próximo a Maceió, capital de Alagoas, um B-18 norte-americano pilotado por brasileiros partiu da base aérea de Recife, após o pedido de socorro de um cargueiro, perseguido por um submarino do eixo. Lançadas duas das quatro bombas de profundidade que carregava, destruiu-o completamente.²³⁷

Alguns dias depois, próximo a Recife, a tripulação de um submarino alemão foi capturada por um destróier inglês. Com alguns de seus motores avariados e impedido de submergir, o comandante decidiu entregar-se aos aliados a fim de poupar a vida de seus comandados. O navio britânico se aproximou e fez a captura dos tripulantes, contudo, assim que os mesmos embarcaram ouviu-se uma violenta explosão no interior do submarino levando o mesmo a pique. Ao que parece os próprios tripulantes provocaram-na para que o aparelho não fosse capturado junto com eles.²³⁸ Assim prosseguiram-se os embates, em outras diversas ações brasileiras em conjunto com americanos e ingleses.

²³⁵ AVIADORES da Força Aérea Brasileira afundaram um submarino do eixo em águas da Bahia. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 3 abr. 1943, 1º caderno, p. 3

²³⁶ OS AVIADORES da Força Aérea Brasileira já afundaram no nosso litoral sete submarinos Germano-fascistas. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 8 abr. 1943, 1º caderno, p.3

²³⁷ MAIS um submarino eixista foi posto a pique pela aviação brasileira no norte do país. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 18 maio 1943, 1º caderno, p. 2

²³⁸ APRISIONADA a tripulação de um submarino germânico ao largo do litoral brasileiro. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 20 maio 1943, 1º caderno, p. 5

CAPÍTULO 3 – MOBILIZAÇÃO, CONVOCAÇÃO, SELEÇÃO, TREINAMENTO E ENVIO DAS TROPAS DA FEB.

3.1. Do início da mobilização à criação da FEB.

Pronto! O Brasil entrou na guerra. E este era desejo de uma parcela dos brasileiros, do alto comando militar e de governistas que agora deveriam operacionalizar a participação efetiva de tropas naquele conflito. Embora o desejo maior fosse enviar tropas para o front de combate, isso não era tarefa simples.

Para alcançar proeminência frente às outras nações e, principalmente, dentro da América Latina, os militares e o governo viam como necessário o envio de tropas ao exterior. Contudo, o Brasil não participava da cúpula de liderança dos Aliados e deveria se sujeitar ao que ordenassem como missão para a nação.²³⁹

Entre os assuntos a serem debatidos e resolvidos estavam questões como a forma da mobilização, o tipo, quem seria enviado? De onde viriam os recursos necessários?

Inicialmente não se sabia ao certo para qual campo de batalha seriam destinadas as tropas brasileiras. De fato, muitos até desconfiavam que a guerra acabasse e o país não conseguiria enviar o efetivo tão esperado. Talvez enviasse, mas esses soldados participariam de forma coadjuvante ou de forma muito insignificante. Provavelmente os militares brasileiros enviados teriam como serviço a função de “tropas de ocupação”, o que era considerado como um papel humilhante para um exército.²⁴⁰

Ao que parece, para o comando aliado, a participação ativa de tropas brasileiras traria mais desvantagens do que vantagens.²⁴¹ A demora na preparação além da indefinição sobre o destino das tropas brasileiras ameaçavam os planos de Vargas. A oposição ao regime usou e muito este significativo atraso contra ele, tal situação se tornou cansativa e causou irritação nos militares.²⁴² Posteriormente levou a uma frustração quase que sentida por todos e mais adiante deu origem a chacota tão co-

²³⁹ MOURA, Gerson. *Relações exteriores do Brasil: 1939-1951: mudanças na natureza das relações Brasil-Estados Unidos durante e após a Segunda Guerra Mundial*. p. 119-121

²⁴⁰ A FEB – Nota do Rio. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 21 julho 1944, 1º caderno, p. 3

²⁴¹ MOURA, Op. cit. p. 125

²⁴² MOURA, Op. cit. p. 141

nhecida da “cobra fumante”.²⁴³ O governo se esforçava para que a população se sentisse parte do processo e para que se mobilizassem em favor deste projeto.²⁴⁴ Não parece que foi bem sucedido.

A primeira nação sul-americana a romper relações com o eixo e ao romper a sua neutralidade o Brasil colocou a disposição dos aliados sua influência com relação aos outros países da América do Sul que ainda não tinham se decidido no conflito, disponibilizou seus recursos materiais, importantes para o esforço de guerra aliado. Ainda cedeu parte de seu território para a construção das bases americanas, conferindo vantagem na frente africana do conflito e ajudou na proteção dos comboios de navios que levaram suprimentos aos aliados nas rotas marítimas estabelecidas no Atlântico. Contudo, ansiava pelo envio de tropas para combater na frente europeia ou na África para assim consolidar sua participação e assegurar uma cadeira nas nações unidas, numa posição mais privilegiada.²⁴⁵

Dando início à mobilização para a composição das tropas de combate, em 18 de setembro de 1942, o ministro da guerra Eurico Gaspar Dutra emitiu as normas para mobilização com a finalidade de organizar a mobilização do efetivo militar e das convocações de reservistas. Previu-se no documento que no caso dos efetivos, oficiais da ativa seriam distribuídos de acordo com as classificações ao cargo das diretorias respectivas, enquanto os da reserva aguardariam a ordem de chamadas de acordo com as necessidades dos órgãos militares. Oficiais do Estado maior, tanto os ativos quanto reservas, esperariam as orientações com os destinos de mobilização determinados pelo comando do exército dependendo da necessidade. Já os “Praças” reservistas seriam convocados somente para complemento dos efetivos de acordo com as necessidades sob orientação dos comandantes das regiões militares. Determinou-se, também, que teriam preferência na convocação os reservistas que foram excluídos das unidades do Exército nos anos de 1939/40 e 41, independentemente da classe.²⁴⁶

No fim do mês de setembro foi determinada, também, a proibição aos reservistas de saírem do país sem a devida permissão das autoridades militares da qual

²⁴³ RIGONI, Carmen Lúcia. *Diários de guerra*: memórias e testemunhos dos soldados brasileiros que combateram na Itália durante a 2ª guerra mundial (1944-1945). p. 132

²⁴⁴ MOURA, Gerson. *Relações exteriores do Brasil*: 1939-1951: mudanças na natureza das relações Brasil-Estados Unidos durante e após a Segunda Guerra Mundial. p.137

²⁴⁵ TROPAS brasileiras participarão do ataque final à Europa. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 13 fev. 1943, 1º caderno, p. 4

²⁴⁶ FIXADAS normas para execução do decreto de mobilização geral no território nacional. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 18 set.1942, 1º caderno, p. 3

estavam vinculados, em virtude do estado de guerra.²⁴⁷ Posteriormente, por decreto presidencial, foi criado o Conselho de Segurança, com o objetivo de estudar todas as questões relativas à segurança nacional, com a previsão de reuniões trimestrais.²⁴⁸

Em janeiro de 43, em Natal, capital do Rio Grande do Norte, aconteceu o encontro entre os presidentes do Brasil e dos Estados Unidos.²⁴⁹ No primeiro dia de reuniões, Getúlio Vargas e Roosevelt discutiram os problemas da guerra mundial, o esforço conjunto EUA/Brasil e a ameaça dos submarinos no Atlântico.²⁵⁰ Nesta reunião Getúlio manifestou o desejo do Brasil em enviar tropas para combater na África, para acabar com qualquer possibilidade de uma invasão alemã via território africano e alcançar prestígio entre as nações.²⁵¹ Sensibilizado com a demanda brasileira Roosevelt tratou de convencer os aliados sobre o envio de tropas brasileiras ao front de guerra, vencendo as resistências.²⁵²

Desta feita, em nove de abril de 1943 anuncia-se que o Brasil iria participar do teatro de guerra enviando as Forças Expedicionárias Brasileiras. Desejava-se que as elas não seriam enviadas meramente como forças de ocupação, mas como tropas de combate, participando lado a lado com os aliados.²⁵³

Em julho o Ministro Salgado Filho seguiu para EUA, visitou bases aéreas, fábricas e escolas da aeronáutica.²⁵⁴ Posteriormente ele assegurou que o Brasil estava esperando para receber o material bélico necessário para, enfim, tomar parte ativa no conflito.²⁵⁵ Afirmou também que grande parte do exército já estava em condi-

²⁴⁷ OS RESERVISTAS não poderão deixar o país. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 25 set. 1942, 1º caderno, p. 3

²⁴⁸ CRIADO por decreto do presidente da república o “Conselho de Segurança Nacional”. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 9 outubro 1942, 1º caderno, p. 2

²⁴⁹ REALIZOU-SE a bordo de um navio de guerra a conferência entre os presidentes Franklin Roosevelt e Getúlio Vargas. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 30 jan. 1943, 1º caderno, p. 3

²⁵⁰ BRASIL e EE. UU. cooperam estreitamente para a vitória. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 30 jan. 1943, 1º caderno, p. 1

²⁵¹ BONET, Fernanda dos Santos. **Autoritarismo e nacionalismo**: o discurso oficial sobre o envolvimento do Brasil na Segunda Guerra Mundial, através das páginas da revista “Cultura política”. p.114

²⁵² ALVES, Vágner Camilo. **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**: autonomia na dependência?. In: Dennison de Oliveira. (Org.). in **A Força Expedicionária Brasileira e a Segunda Guerra Mundial**: estudos e pesquisas. p. 103

²⁵³ FORÇAS expedicionárias brasileiras participarão efetivamente da luta contra o “eixo”. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 9 abr. 1943, 1º caderno, p. 3

²⁵⁴ Seguirá amanhã para os EE.UU. o ministro Salgado Filho. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 6 jul. 1943, 1º caderno, p. 4

²⁵⁵ O BRASIL colaborará com os Estados Unidos onde for necessário. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 28 jul. 1943, 1º caderno, p. 3

ções de batalha.²⁵⁶ O que prova que esta participação ativa do Brasil neste conflito acabou por se dar de forma totalmente dependente do auxílio americano.²⁵⁷

No dia doze do mês seguinte foi a vez do general Gaspar Dutra seguir para os EUA,²⁵⁸ além de participar de conferências com os secretários da Marinha, Frank Knox e da Guerra, Stimson e com o chefe do Estado Maior americano George Marshall, debateu os planos para o efetivo emprego das forças brasileiras no conflito. Acordou-se a utilização de grande número de soldados brasileiros e como se daria o seu equipamento, cobrando a transferência para as tropas nacionais dos modernos armamentos de combate norte-americanos.²⁵⁹

Em 15 de agosto de 1943 iniciaram-se os estágios de oficiais gerais brasileiros nos EUA, os dois primeiros foram os Generais Zenóbio da Costa e Álcio Souto designados para treinar no Estado maior dos EUA em Miami.²⁶⁰ Pouco depois ocorreu a rendição da Itália,²⁶¹ invadida pelos aliados no dia três de setembro.²⁶² A rendição da Itália, assim como a derrota das forças nazistas no norte da África fez com que o Brasil perdesse o seu principal trunfo, nas negociações para participar ativamente do combate.

A chave das barganhas entre o Brasil e EUA era uma possível invasão alemã ao seu território o que poderia de fato ameaçar os americanos. Ainda que frágil esta possibilidade movia os americanos em favor do Brasil. Contudo, estabelecida a “cabeça de ponte” aliada na Europa, graças a derrota das alemães na África e a rendição da Itália, qual seria a importância real de tropas brasileiras no contexto no conflito?

No dia 24 de setembro Dutra também garantiu em entrevista nos EUA, antes de embarcar de volta ao Brasil, que o país já estava pronto para enviar seus soldados para a frente de batalha. Segundo ele, cerca de 100 mil soldados aguardavam já

²⁵⁶ GRANDE parte do exercito esta em condições de combater no ultramar. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 11 ago. 1943, 1º caderno, p. 1

²⁵⁷ ALVES, Op. Cit. p. 103

²⁵⁸ O GENERAL Eurico Dutra seguirá hoje para os EE. UU. . **Folha da Manhã**, S. Paulo, 12 ago. 1943, 1º caderno, p. 4

²⁵⁹ EMPREGO das Forças brasileiras em grande número na guerra. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 20 ago. 1943, 1º caderno, p. 1

²⁶⁰ REALIZARÁ um estágio nos EE. UU. O General João Baptista Mascarenhas de Moraes. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 15 ago. 1943, 1º caderno, p. 2

²⁶¹ O SR. GETÚLIO Vargas congratula-se com o presidente Roosevelt pela capitulação da Itália. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 10 set. 1943, 1º caderno, p. 4

²⁶² TROPAS aliadas desembarcam na Itália. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 3 set. 1943, 1º caderno, p. 1

em condições de embarcar para serem enviados para qualquer Lugar.²⁶³ No entanto sabe-se que:

Os efetivos do Exército Brasileiro na década de 1940 eram de 90 mil homens, daí a dificuldade de se enviar uma FEB, mais tarde, com pelos menos 100 mil homens. Soa quase como uma utopia em razão da precária situação militar brasileira, cujos quadros pouco se diferenciavam dos anos de 1930. A marinha brasileira estava reduzida a um papel quase nulo com seu “amontoado de vasos antiquados”. O Exército, por sua vez, com seus equipamentos e armamentos antiquados, não tinha condições de fazer frente a uma guerra que já acontecia na Europa com toda uma tecnologia avançada para a época.²⁶⁴

Ou seja, era bem pouco provável que de fato o Brasil conseguisse enviar o primeiro escalão tão esperado. Em matéria de recursos de guerra o país estava muito defasado. Os cem mil que Dutra desejava despachar foram reduzidos a bem menos que isto, os líderes da aliança resolveram que o país deveria desembarcar apenas sessenta mil soldados no norte da África, em 1944.²⁶⁵ Visto que neste local o Eixo já havia sido derrotado ficou claro que os aliados queriam os soldados brasileiros apenas como “Tropa de Ocupação”.

Em seguida, o General Zenóbio da Costa, ao chegar aos EUA declarou que se tornaria um dos comandantes da FEB. Ao final do estágio de cerca de três meses seria designado como um dos comandantes do primeiro escalão que seria enviado pelo Brasil ao teatro de guerra. No entanto, não sabia, até o momento, a data de envio destas tropas.²⁶⁶

Em dezembro de 1943 vários oficiais brasileiros das forças armadas viajaram para a África do norte, aguardariam em Argel a chegada do corpo expedicionário que participaria do plano de invasão da Europa. A comitiva era chefiada pelo General de divisão Mascarenhas de Moraes acompanhado pelo Brigadeiro-General Anor Teixeira dos Santos, com a missão de organizar a chegada da força expedicionária e

²⁶³ CEM mil soldados brasileiros em condições de embarcar para as frentes de guerra. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 24 set. 1943, 1º caderno, p. 1

²⁶⁴ RIGONI, Carmen Lúcia. **Diários de guerra**: memórias e testemunhos dos soldados brasileiros que combateram na Itália durante a 2ª guerra mundial (1944-1945). p. 71

²⁶⁵ SALUN, A. O. . **Notícias sobre o Brasil na guerra e a criação da FEB**. In: Dennison de Oliveira. (Org.). **A Força Expedicionária Brasileira e a Segunda Guerra Mundial**. p.13

²⁶⁶ O GEN. ZENOBIO da costa será um dos comandantes das Forças Expedicionárias Brasileiras. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 19 ago. 1943, 1º caderno, p. 4

de checar os preparativos finais junto ao Estado Maior aliado e visitar a frente de batalha italiana.²⁶⁷

Durante uma entrevista Mascarenhas de Moraes afirmou que a FEB desembarcaria no norte da África e lá aconteceria o treinamento de guerra desta tropa. Estas forças trabalhariam de forma separada das demais sendo lideradas por brasileiros, mas sob o comando supremo do General Eisenhower.²⁶⁸ Os oficiais brasileiros que já estavam na África tomaram parte do treinamento junto com tropas francesas. Lá eles percorreram um campo de minas e enquanto as forças da engenharia francesa iam a frente desmontando as cargas, dois maiores brasileiros ajudaram os engenheiros a retirar as minas. Depois visitaram o centro de treinamento das unidades blindadas francesas. Outros exercícios foram feitos em uma réplica de aldeia real e lá foram usadas granadas reais no treinamento dos oficiais durante os exercícios de demolição.²⁶⁹

Finalmente, no dia 15 de dezembro de 1943 uma missão militar brasileira, composta pelo General Mascarenhas de Moraes, o Brigadeiro-General Anor Teixeira dos Santos, o Tenente-Coronel Adhemar, o Tenente-Coronel Sebastião Carvalho, Major Sena Campos, o Major Antônio Moraes, Major Gomes Pinheiro e o Capitão Paulo Ferreira,²⁷⁰ chegou na frente italiana.²⁷¹ Ali presenciaram a demonstração de armas da infantaria norte americanas e dirigiram-se a cidade de Nápoles, acompanhados pelo major-general Norte americano J. P. Ord. Lá chegando, examinaram as instalações do porto de Nápoles, inspecionaram o sistema de abastecimentos, visitaram a frente do 5º exército americano e assistiram o abastecimento e a operações no campo de batalha, durante a sua permanência que foi de uma semana.²⁷²

Mascarenhas de Moraes ficou muito preocupado com o intenso frio, com a chuva e com o terreno muito acidentado e montanhoso. No entanto, voltou sua atenção para aprender o máximo sobre as novas técnicas de guerra. A missão brasileira

²⁶⁷ ENCONTRAM-SE na África do Norte vários oficiais das forças armadas brasileiras. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 14 dez. 1943, 1º caderno, p. 1

²⁶⁸ SATISFAÇÃO pela participação ativa do Brasil. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 16 dez. 1943, 1º caderno, p. 1

²⁶⁹ A PERMANÊNCIA dos oficiais brasileiros na África do Norte. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 18 dez. 1943, 1º caderno, p. 1

²⁷⁰ MISSÃO militar brasileira na frente do Quinto Exército. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 24 dez. 1943, 1º caderno, p. 1

²⁷¹ SERÁ feito na África do Norte o treinamento de guerra das tropas brasileiras. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 16 dez. 1943, 1º caderno, p. 1

²⁷² ENCONTRA-SE na Itália a missão chefiada pelo General Mascarenhas de Moraes. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 22 dez. 1943, 1º caderno, p. 1

se dirigiu para bem perto de onde estava ocorrendo uma batalha na frente do 5º exército americano tomando todo o cuidado, em seguida, visitaram o QG americano debaixo de intenso temporal. Ao chegarem ao local foram instruídos sobre os métodos e técnicas de remessa de suprimentos utilizados pelos americanos.

Após o regresso ao Brasil da missão militar procedeu-se a organização da FEB. Decidira-se que as tropas seguiriam para o campo de treinamento para a preparação técnica, física e especializada nos campos de Gerincinó no Rio de Janeiro e no campo de Engenho da Aldeia em Recife. Depois os soldados partiriam para um campo de adaptação antes de entrar em combate. Previu-se que a FEB seria formada por soldados de todas as dez Regiões Militares e que os equipamentos utilizados pelos soldados brasileiros seriam de última geração.²⁷³

No fim do mês de março de 44 o plano de uniformes da FEB foi regularizado pelo decreto presidencial e os soldados designados para integrar a força expedicionária começaram a receber os novos fardamentos de passeio e de campanha. No primeiro foram abolidas as perneiras de couro e os culotes enquanto que o de campanha foi adotada uma perneira de lona. Por causa das condições climáticas na Europa, as forças usariam roupas com varias modificações, ele foi feito em brim, ou lã verde-oliva, e com ele era usada a proteção na perna. Era composto ainda de jaquetão de lã verde-oliva para os oficiais e blusão do mesmo material para os praças. As insígnias seriam bordadas em linha cinza, bem como os distintivos de arma e de Estado maior. O capacete de instrução feito de lona e os de combate de aço e em todas as fardas foi usado o dístico “Brasil” no braço esquerdo.²⁷⁴

Em abril foi criado o Serviço Postal da Força Expedicionária pelo governo federal para facilitar a correspondência dos praças do exercito, marinha e aeronáutica com as suas famílias. O convenio funcionaria somente enquanto durasse o Estado de guerra, sendo que a isenção funcionava da seguinte forma: Os remetentes deveriam escrever o nome completo e o posto na parte inferior da frente do envelope, conseguir o carimbo com os dizeres “correspondência do soldado – franquia postal” que era encontrado no comando de seu posto de serviço ou na unidade da LBA. Não careciam de franquia os impressos ou objetos, transferências de fundos, vales-postais, remessas registradas, expressas. Sendo assim, só poderiam ser isentas das

²⁷³ O ESTÁGIO da missão militar brasileira na frente de guerra. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 14 jan. 1944, 1º caderno, p. 4

²⁷⁴ APROVADO o plano de uniformes destinados a Força Expedicionária Brasileira. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 21 mar. 1944, 1º caderno, p. 3

taxas de entrega as cartas entregues aos comandos das unidades ou nas comissões estaduais ou centros municipais da LBA.²⁷⁵

As remessas de correspondências e encomendas pagas enviadas para soldados da FEB pelos seus familiares também deveriam seguir uma série de regulamentos determinados pela secretaria geral do Ministério da Guerra. As cartas e pacotes deveriam seguir as restrições: cinco gramas no mínimo das cartas de 155x88 mm e 30 gramas os envelopes de 240x105mm, sendo que o peso máximo das encomendas não podia ultrapassar um quilo. Só poderiam ser expedidos: chocolate, mate, café em pó, doces secos e biscoitos, cigarros, fumo desfiado ou em rolo, sabonete, escova e pasta para dentes, lâmina e pincel para barba, além de estampas e imagens religiosas, retratos e artigos de ótica. Para assegurar a entrega corretamente deveria colocar apenas o nome do combatente e as iniciais FEB, sem selo.²⁷⁶

No mês de abril também foi instituído por decreto presidencial o serviço de fundos da força expedicionária brasileira “para assegurar o funcionamento e administração de todos os elementos orgânicos que a compõe”. Basicamente o órgão visava ministrar os recursos para todos os pagamentos de pessoal, material e serviços; indenizar devidamente, quando for o caso, por falta nos fundos públicos a perda, dano ou destruição de propriedade privada; organizar os orçamentos e propostas de remanejamento de recursos dos comandos e cuidar da contabilidade fiscal e do orçamento. O órgão funcionaria tanto no Brasil quanto no exterior, sendo que cabia ao tribunal de contas a responsabilidade de registrar os erários destinados às despesas da FEB, repassando-os a diretoria de intendência que os movimentaria de acordo com o planejamento. Já os custos relativos aos vencimentos, vantagens, despesas de alojamento e alimentação dos combatentes seriam saldados pelo governo federal.²⁷⁷

²⁷⁵ CRIADO pelo governo o serviço postal da Força Expedicionária Brasileira. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 27 abr. 1944, 1º caderno, p. 4

²⁷⁶ AS REMESSAS de correspondências e encomendas para a FEB. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 16 jul. 1944, 1º caderno, p. 4

²⁷⁷ FOI instituído o serviço de fundos da Força Expedicionária Brasileira. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 30 abr. 1944, 1º caderno, p. 3

3.2. A formação do corpo militar: a mobilização, convocação, seleção e treinamento da FEB e do corpo de enfermeiras.

Assim que a notícia da entrada do Brasil no conflito se espalha, segundo nossa fonte, surge o patriotismo repentino. Desta forma, vemos no jornal diversas adesões em todo o território nacional, desde que o país declarou guerra ao eixo até o dia 26 de agosto de 1942, trinta mil rio-grandenses já havia se apresentado para o serviço militar de forma voluntária.²⁷⁸ A partir das 12 horas do mesmo dia, a quarta circunscrição de recrutamento no largo do Arouche na cidade de São Paulo abriu inscrições voluntárias para a segunda região militar destinada aos reservistas de 2ª e 3ª categoria.²⁷⁹

Em 16 de setembro de 1942 foi decretada a mobilização do exército e dos reservistas em todo o território nacional. Esta lei foi assinada pelo presidente da república. No documento, divulgado com resposta a declaração de guerra feita no fim mês anterior, verifica-se que os soldados seriam chamados conforme as necessidades pela autoridade competente da região. Determinou-se que todos os brasileiros natos ou naturalizados eram obrigados a se apresentar, com exceção àqueles que fossem isentos legalmente. Atribuiu-se aos ministérios e demais órgãos da administração pública sejam municipal, estadual ou federal a responsabilidade de tomarem todas as medidas necessárias, nos âmbitos econômico, militar, científico e de propaganda e de mão de obra necessários a defesa.²⁸⁰

A partir deste período foram lançados diversos editais de convocação para o exército brasileiro. As publicações destes editais dispensavam a expedição das “cartas de convocação”.²⁸¹ Estas eram, em sua maioria, de reservistas do exército e dentro do período compreendido entre a declaração de guerra do Brasil contra a Alemanha e Itália e o primeiro envio de tropas brasileiras para a Europa contamos cerca de 90 editais. Enquanto os chamados para oficiais, a maioria deles com funções ou profissões específicas tais como para o serviço de saúde,²⁸² médicos,²⁸³ farmacêuticos,

²⁷⁸ TRINTA mil voluntários já se apresentaram no Rio Grande do Sul. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 26 ago. 1942, 1º caderno, p. 2

²⁷⁹ ABERTA a inscrição de voluntários da 4ª circunscrição de recrutamento da 2ª região. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 26 ago. 1942, 1º caderno, p. 2

²⁸⁰ DECRETADA a mobilização em todo o território nacional. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 17 set. 1942, 1º caderno, p. 1

²⁸¹ NOVOS reservistas chamados por edital ao serviço ativo do Exército nacional. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 6 jan. 1944, 1º caderno, p. 12

²⁸² EDITAL de convocação. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 16 set. 1942, 1º caderno, p. 9

dentistas, pilotos, somam cerca de 20 avisos no mesmo período. Os médicos, dentistas e farmacêuticos que foram chamados que não eram oficiais ativos ou da reserva eram incorporados como sargento se fossem reservistas de 1ª e 2ª categorias e os demais entravam como soldados.²⁸⁴

Em outubro foi regulada que se eventualmente algum militar ficasse inválido por atos de agressão provocada pelo inimigo, seria considerado como se em campanha o tivesse sido, assegurando-lhe todas as vantagens devidas. Em caso de morte do combatente, os parentes dependentes receberiam pensão de valor igual ao de militares no posto ou do posto subsequente no caso de promoção “post mortem” do soldado. Já os dependentes de soldados desaparecidos em combate ou em função de naufrágio, ou até mesmo de agressão provocada pelo inimigo, seria concedido uma pensão condicional pelo prazo de quatro meses, findo o qual poderiam solicitar os vencimentos de forma permanente.²⁸⁵

No caso da mobilização dos operários no Estado de São Paulo seguiram-se os critérios adotados pela segunda região militar para colaborar com a federação das indústrias, sendo convocados tão somente os trabalhadores classificados como não essenciais às atividades fabris, segundo as fichas preenchidas pelos estabelecimentos, conforme já dito anteriormente.²⁸⁶

Os operários quando convocados tinham seu emprego garantido por decreto assinado pelo presidente da república. Além disto, deveriam receber metade de seus salários enquanto servem a nação e não importava se o trabalhador estava ou não inscrito em instituto, caixa de aposentadoria ou pensão, bastava apresentar o certificado de convocação ao empregador. O mesmo deveria conceder licença de serviço ao funcionário. A fiscalização desse assunto estava sob a responsabilidade das autoridades militares e do ministério do trabalho. Caso o patrão desrespeitasse o direito do funcionário estava prevista uma multa no valor de dois mil cruzeiros por empregado chamado além da intervenção oficial até que se cumprisse a lei.²⁸⁷

²⁸³ EDITAL de convocação. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 10 out. 1942, 1º caderno, p. 5

²⁸⁴ A SITUAÇÃO dos médicos, dentistas e farmacêuticos em caso de mobilização. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 5 set. 1943, 1º caderno, p. 4

²⁸⁵ REGULADA a situação dos militares que se tornarem inválidos para o serviço ativo. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 9 out. 1942, 1º caderno, p. 2

²⁸⁶ COMO se processará, no Estado de S. Paulo, a mobilização dos operários de nossos estabelecimentos industriais. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 22 out. 1942, 1º caderno, p. 5

²⁸⁷ TERÃO emprego garantido e receberão mensalmente 50% dos vencimentos os convocados para o serviço militar. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 4 nov. 1942, 1º caderno, p. 4

Normalmente os reservistas chamados tinham idade de 18 a 44 anos,²⁸⁸ sendo que não havia isenção para o convocado que se considerasse como arrimo de família, sendo, nesse caso facultada apenas a solicitação de adiamento de incorporação.²⁸⁹

Partia-se do pressuposto de que a batalha era para os jovens uma vez que lá no campo as guarnições sofreriam as mais duras e severas condições, tais como a fome o sono, sendo que eles aguentariam melhor estas situações desconfortáveis. Além disto, antevia-se que as cargas psicológicas positivas como as perseguições, a alegria da vitória e até as decepções os deixariam “intimamente movidos”.²⁹⁰

Segundo o aviso baixado pelo Ministro da Guerra Eurico Dutra em dois de dezembro de 1942, além do convocado casado que mantinha esposa e filhos sustentados por seu trabalho, ou seja, considerado um arrimo de família, também podia pedir pelo adiamento de incorporação o reservista que tinha algum irmão previamente incorporado.²⁹¹ Com relação aos casados, era necessária a comprovação do matrimônio para que os mesmos pudessem adiar sua inclusão, porém a maioria destes convocados era casada apenas no religioso. Assim, sem comprovantes, muitos não conseguiram o benefício da lei.²⁹² Ao contrário dos que trabalhavam em obras militares, estes sim, podiam ter mais facilmente sua incorporação adiada, no entanto poderiam ser reconvocados ao final da obra.²⁹³

Contudo, a partir do dia 23 abril de 1944 foi suspenso pelo Ministro da Guerra qualquer pedido de adiamento de incorporação por motivo de o convocado ser arrimo de família. Em resumo, o Ministro ao baixar este aviso cancelou todos os pedidos e processos que objetivaram esse fim incluindo as solicitações deferidas e até os processos que ainda estavam em tramitação.²⁹⁴

²⁸⁸ O “DIA do reservista” deverá ser comemorado em todos os municípios brasileiros. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 3 out. 1942, 1º caderno, p. 2

²⁸⁹ NÃO HÁ isenção de serviço militar para os arrimo de família [sic.]. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 4 nov. 1942, 1º caderno, p. 4

²⁹⁰ KEEGAN, John. **A face da batalha**. p. 304

²⁹¹ CASOS em que a incorporação deverá ser adiada. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 3 dez. 1942, 1º caderno, p. 4

²⁹² RIGONI, Carmen Lúcia. **Diários de guerra: memórias e testemunhos dos soldados brasileiros que combateram na Itália durante a 2ª guerra mundial (1944-1945)**. p. 184

²⁹³ OS RESERVISTAS convocado que trabalham em obras militares. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 21 fev. 1943, 1º caderno, p. 6

²⁹⁴ SUSPENSOS os adiamentos de incorporação por alegação de arrimo de família. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 23 abr. 1944, 1º caderno, p. 4

O tempo determinado para a apresentação do cidadão era em média oito dias²⁹⁵ mas encontramos prazos de até 20 dias²⁹⁶ e também prazos superiores à um mês.²⁹⁷ Uma constante que percebemos em todas as convocações é que ao final dos editais seguia-se a ameaça de condenação por insubmissão ou deserção no caso do futuro soldado viesse a faltar no dia determinado para sua apresentação.

A deserção passou a ser considerado crime a partir de primeiro de outubro de 1942, dia em que o Presidente Vargas assinou o decreto-lei de número 4.766, que definiu “os crimes militares e contra a segurança do Estado”. Atribui-se a ela uma pena de um a quatro anos de prisão, sendo que além dos militares seria considerado desertor: “todo aquele que, convocado em ato de mobilização total ou parcial, deixasse de apresentar-se, sem motivo justificado, no ponto de concentração ou centro de mobilização, dentro do prazo marcado”.²⁹⁸

Os insubmissos podiam ser perdoados e novamente convocados. Foi o que aconteceu no dia 29 de setembro de 1943, uma grande convocação de insubmissos indultados foi publicada no jornal. A lista contava com 827 nomes.²⁹⁹ Um novo prazo era estipulado, quem não faltasse teria seu processo crime arquivado. Os que insistissem em fugir do compromisso poderiam ser capturados e ainda assim serem incorporados a força às fileiras militares.³⁰⁰

A pena para o crime de insubmissão variava entre dois a cinco anos e inclusive, impedia o condenado de exercer cargo público por 5 a 10 anos. Por outro lado, poderia ser agravada em um terço caso um convocado insubmisso se ferisse propositalmente a fim de criar dificuldades para ser incorporado. A mesma situação cabia para os que simulassem defeitos ou praticassem qualquer tipo de fraude ou esperteza. Se alguém tentasse se apresentar em lugar de outra pessoa, ambos seriam condenados a reclusão.³⁰¹

²⁹⁵ OS PRIMEIROS reservistas chamados, por edital da 2ª região militar, para o serviço ativo do Exército Nacional. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 16 out. 1942, 1º caderno, p. 4

²⁹⁶ SORTEADOS da classe de 1922 convocados para apresentação dentro de 20 dias. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 27 jan. 1944, 1º caderno, p. 9

²⁹⁷ EDITAL de convocação. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 16 set. 1942, 1º caderno, p. 9

²⁹⁸ CAMARA DOS DEPUTADOS. **Decreto-lei número: 4.766 de 1º Out. 1942**. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4766-1-outubro-1942-414873-publicacaooriginal-1-pe.htm>>. Acesso em: 14 jun. 2015

²⁹⁹ CONVOCAÇÃO de insubmissos indultados para o serviço militar. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 29 set. 1943, 1º caderno, p. 8

³⁰⁰ TERMINARÁ amanhã o prazo de apresentação dos insubmissos. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 1 out. 1942, 1º caderno, p. 3

³⁰¹ NOVOS conscritos convocados para o serviço ativo do Exército. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 3 ago. 1943, 1º caderno, p. 8

A seleção dos soldados para o corpo expedicionário iniciou-se no dia 21 de outubro de 1943. As juntas médicas encarregadas de examinar os combatentes funcionavam dia e noite para dar conta de todo o serviço. Entre os vários itens inspecionados, a altura dos soldados é apontada como um dos principais elementos, sendo a estatura mínima para ser aceito de 1,55 a 1,60 mt.³⁰² Informa-se que 99% dos soldados que eram inspecionados estava apto a servir,³⁰³ o que resultava num alto índice de aprovados em tais exames clínicos.³⁰⁴

Na noite do dia sete de janeiro de 1944 passou pela cidade de São Paulo um contingente das forças expedicionárias a caminho do Rio de Janeiro vindos do Rio Grande do Sul. Esta tropa, por ser formada por integrantes da cavalaria, seguia para o treinamento na escola moto mecanizado, nos cursos de especialização de carros de combate, sob o comando do capitão Virgílio Jerolas da Silva. A maioria dos soldados desta unidade tinha tem entre 18 a 21 anos, sendo que o mais novo era Ruy Biancuti Galo que tinha 17 anos no dia da convocação.³⁰⁵

Em janeiro de 1944, o Comando da 1ª região militar foi autorizado a organizar o primeiro batalhão de Saúde, componente da 1ª divisão de infantaria expedicionária, destinado a acompanhar a FEB. Este destacamento foi estabelecido provisoriamente em Valença-RJ no quartel da 1ª Formação Sanitária Regional.³⁰⁶ O primeiro contingente paulista a ser incorporado e seguir para as forças expedicionárias participou deste batalhão. No início de fevereiro de 44 a 2ª Formação Sanitária Regional de São Paulo que a partir daquele dia fazia parte do 1º Batalhão de Saúde sediado em Valença no Estado do Rio de Janeiro era composto de cerca de 90 pessoas que constituíam a tropa que foi enviada, farmacêuticos, dentistas e intendentes. Os Primeiros-Tenentes Arthur Floriano de Toledo Junior, e José Nogueira de Sá eram os oficiais médicos do grupo.³⁰⁷

No dia nove de fevereiro de 1944 o regimento Sampaio, (1º regimento de infantaria) sediado na vila militar na capital do Brasil e comandado pelo Coronel Agui-

³⁰² SELEÇÃO dos soldados do corpo expedicionário. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 20 out. 1943, 1º caderno, p. 3

³⁰³ SELEÇÃO dos soldados do corpo expedicionário. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 5 nov. 1943, 1º caderno, p. 4

³⁰⁴ PROSEGUE a seleção física dos convocados para o corpo expedicionário. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 14 nov. 1943, 1º caderno, p. 3

³⁰⁵ PASSOU ontem por São Paulo um contingente de soldados das Forças Expedicionárias. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 8 jan. 1944, 1º caderno, p. 8

³⁰⁶ MINISTÉRIO da Guerra. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 21 jan. 1944, 1º caderno, p. 2

³⁰⁷ PARTIU ontem o primeiro contingente paulista para as Forças Expedicionárias. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 10 fev. 1944, 1º caderno, p. 8

naldo Caiado de Castro no período, foi desligado da primeira região militar e posto à disposição da Divisão de Infantaria Divisionária para integrar a tropa expedicionária.³⁰⁸ Na sequência no mês de abril mais soldados paulistas foram convocados a fazer parte da FEB, o 1º grupo do 2º Regimento de Obuses Auto Rebocados sob o Comando do Coronel Sousa Carvalho, composto por aproximadamente 350 soldados.³⁰⁹

Embora como dito anteriormente, se nos primeiros exames médicos os índices de aprovação fossem elevados, parece que a seleção não satisfazia efetivamente as exigências para o combate, tanto que em 04 de março de 1944 o Ministro da guerra ordenou aos médicos que faziam as inspeções de saúde nos recrutas que se esmerassem mais em seus trabalhos e usassem o máximo de equipamentos, recursos e exames disponíveis para a inspeção de saúde deles. Justificou tal reforço aos critérios diante dos inúmeros casos de incapacidade física em “Praças” incorporados no exército.³¹⁰

Segundo os médicos faltavam-lhe tempo hábil para uma devida inspeção da saúde dos pracinhas o que fazia com que muitos problemas passassem despercebidos. Escolher 60 mil homens em várias partes do Brasil e em tão pouco tempo não era uma tarefa fácil o que obrigou as juntas de saúde a se espalharem pelo território tornando o trabalho ainda mais difícil e precário.³¹¹

Os treinamentos de tropas destacadas para a Força Expedicionária Brasileira começaram a partir de janeiro de 1944, sendo que o primeiro campo de treinamento criado utilizado estava localizado em Engenho da aldeia, no Estado de Pernambuco na área da atuação da 7ª região militar.³¹² Os americanos cederam o maquinário especial capaz de abrir estradas e aplainar terrenos facilmente³¹³ e o equipamento bélico utilizado pelos militares.³¹⁴ O general Walsh ofereceu a construção de uma pista de pouso dentro do local, com todos os custos pagos pelos Estados Unidos,

³⁰⁸ INTEGRARÁ a tropa expedicionária. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 10 fev. 1944, 1º caderno, p. 2

³⁰⁹ PARTIRAM novos contingentes de expedicionários paulistas. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 4 abr. 1944, 1º caderno, p. 12

³¹⁰ INSPEÇÃO de saúde de recrutas voluntários. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 4 mar. 1944, 1º caderno, p. 4

³¹¹ RIGONI, Carmen Lúcia. **Diários de guerra: memórias e testemunhos dos soldados brasileiros que combateram na Itália durante a 2ª guerra mundial (1944-1945)**. p. 174, 176, 177 e 181.

³¹² MINISTÉRIO da Guerra. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 1 jan. 1944, 1º caderno, p. 4

³¹³ INAUGURADO o primeiro campo de treinamento para as Forças Expedicionárias. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 5 jan. 1944, 1º caderno, p. 4

³¹⁴ ALVES, Vágner Camilo. **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial: autonomia na dependência?**. In: Dennison de Oliveira. (Org.). in **A Força Expedicionária Brasileira e a Segunda Guerra Mundial: estudos e pesquisas**. p. 103

com a condição de que o Brasil autorizasse o pouso e treinamento de aviadores americanos.³¹⁵ O primeiro grupo a se deslocar para este campo foi a 3ª Divisão da Força Expedicionária Brasileira que se instalou em 12 de janeiro e de pronto iniciou seus treinamentos.³¹⁶

Em fevereiro o Gen. Mauricio Cardoso seguiu para o campo a fim de assistir e inspecionar os exercícios com tiro real das tropas estacionadas. As pistas foram preparadas para treinar as manobras de progressões sob fogo verdadeiro e minas terrestres além de outras armadilhas. A intenção destes exercícios era tentar se aproximar ao máximo do cotidiano de um campo de batalha real para que se pudessem medir as condições psicológicas dos soldados diante dos sons e vibrações, ou melhor, de um clima característicos de peleja.³¹⁷

Enquanto isso no Estado do Rio de Janeiro o campo de treinamento Gerissimó preparava soldados para o combate com material americano recém-adquirido e com fogo real, o 1º grupo do 1º regimento de artilharia pesada curta foi o primeiro grupamento que realizou ali a sua preparação.³¹⁸ Em seguida, em abril, foi a vez 9ª Companhia de fuzileiros do 3º Batalhão do Regimento Sampaio passar por lá. Na manhã do dia 17 o Ministro da Guerra esteve na vila militar e assistiu a demonstração da tropa cruzando um campo de redes minadas, em marcha rastejante e sob fogo de metralhadoras preparadas com projeteis reais e traçantes. Em seguida, retirou-se para o morro do Engenho Novo de onde supervisionou os exercícios com tiro real do 1º regimento de Obuses Auto Rebocados.³¹⁹

Em maio e no mesmo campo de Gerincinó a artilharia divisionária da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária participou de importantes exercícios em que tomaram parte todas as unidades da Artilharia Divisionária comandadas pelo General de Brigada Oswaldo Cordeiro de Farias.³²⁰ A demonstração dos artilheiros do corpo expedicionário no Morro do Periquito e adjacências deste campo foram assistidas na-

³¹⁵ INSPEÇÃO do Ministro da Guerra ao campo de instrução da 7ª região militar. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 8 jan. 1944, 1º caderno, p. 3

³¹⁶ INSPEÇÃO do Ministro da Guerra ao campo de treinamento da Força Expedicionária. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 12 jan. 1944, 1º caderno, p. 4

³¹⁷ SERÃO exercitadas com tiro real as tropas estacionadas em Engenho da Aldeia. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 1 fev. 1944, 1º caderno, p. 2

³¹⁸ EXERCÍCIOS de tiro real no campo de Gerissimó. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 8 fev. 1944, 1º caderno, p. 3

³¹⁹ VISITA do Ministro da Guerra aos quartéis da Força Expedicionária. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 18 abr. 1944, 1º caderno, p. 4

³²⁰ EXERCÍCIOS da artilharia expedicionária. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 30 abr. 1944, 1º cad., p. 5

quela oportunidade pelo presidente Getúlio Vargas e por vários oficiais americanos que estagiavam no Exército brasileiro.³²¹

Já o contingente paulista destacado para a FEB treinava em São Miguel, tal como os demais sempre na perspectiva de tentar aproximar ao máximo da realidade de um campo de batalha real para que se pudesse testar as condições psicológicas dos soldados ante o clima da guerra.

Assim que foi definida a participação da FEB na guerra os aliados solicitaram ao Brasil que organizasse também um corpo de enfermeiras para acompanhar seus soldados,³²² pois, as americanas estavam sobrecarregadas de serviço, no front de batalha e não falavam a língua dos futuros soldados (pacientes) brasileiros.³²³

Em outubro de 1943, os diretores de saúde do exército começaram a preparar um quadro de enfermeiras brasileiras para servir nos campos de luta europeus³²⁴ aproveitando as profissionais ou samaritanas que atendessem a determinadas condições. Também viram a necessidade de se instituir um curso que seria realizado pela diretoria visando reciclar e ensinar novas técnicas que seriam úteis nos campos de batalha. Essas mulheres trabalhariam nos hospitais militares do Serviço de Saúde das Forças Brasileiras.³²⁵

A motivação para as jovens vinha de um forte apelo patriótico na propaganda veiculada na mídia.³²⁶ Assim, no dia 11 daquele mês foi aberto voluntariado de enfermeiras para acompanhar o corpo expedicionário brasileiro e as inscrições se encerraram no dia 16.³²⁷ No Rio de Janeiro, o exército recebeu os nomes de futuras voluntárias para o corpo de enfermeiras já de manhã, no primeiro andar do ministério da guerra que estava lotado de senhoras e senhoritas e no meio delas havia também estrangeiras vindas da França, Inglaterra, EUA e Rússia. As exigências para oferecer-se para o corpo de enfermeiras incluíam: Preparo profissional, especialização, idade mínima de 22 e máxima de 44, solteiras, viúvas ou desquitadas e sem

³²¹ A DEMONSTRAÇÃO dos artilheiros do Corpo Expedicionário. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 20 maio 1944, 1º caderno, p. 4

³²² BERNARDES, Margarida Maria Rocha; LOPES, Gertrudes Teixeira; SANTOS, Tânia Cristina Franco. *A visibilidade da atuação de uma enfermeira do Exército Brasileiro a um ferido na 2ª Guerra Mundial*. p. 66

³²³ Ibid. p. 315

³²⁴ Ibid.

³²⁵ ENFERMEIRAS brasileiras para os campos de luta. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 10 out. 1943, 1º caderno, p. 5

³²⁶ OLIVEIRA, Alexandre Barbosa de et al. *Enfermeiras brasileiras na retaguarda da Segunda Guerra Mundial*: repercussões dessa participação. p. 691

³²⁷ VOLUNTARIADO de enfermeiras para acompanhar o Corpo Expedicionário Brasileiro. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 12 out. 1943, 1º caderno, p. 4

filhos. Após aceitas iniciariam o curso de revisão e atualização antes de serem incorporadas, ele teria duração de dois meses e seria ministrado nas próprias corporações médicas.³²⁸

As mulheres incorporadas formaram um quadro especial junto ao corpo expedicionário³²⁹ e eram considerados oficiais divididos por classe ao invés de postos. Posteriormente promovidas pelo princípio do merecimento,³³⁰ as enfermeiras fariam parte do círculo de oficiais, embora não tenham graduação militar, previa-se que frequentariam os mesmos locais e se em caso de doença seriam atendidas nos mesmos hospitais dos mesmos.³³¹ Prevvia-se também que todas que ingressariam no quadro de enfermeiras do exército seriam nomeadas como enfermeira de terceira classe e ficaria pertencente a reserva até os 44 anos.³³²

Em nota divulgada em 13 de maio de 1944 o General Eurico Dutra esclareceu que as enfermeiras não teriam graduação ou posto militar e que fariam parte de um círculo diferenciado, tendo ali a hierarquia de 1^a, 2^a e 3^a classe, sendo que os seus prêmios e penas também eram as previstas aos oficiais.³³³

Em outubro de 1943 o recrutamento de enfermeiras foi estendido para todo o país, sendo que somente no Rio de Janeiro, em três dias, 114 voluntárias se apresentaram.³³⁴ Contudo, somente um pequeno número de mulheres seria convocado e para ser habilitadas para envio ou para compor o quadro de reserva tinham de vencer primeiro o curso intenso ministrado pela diretoria de saúde e em seguida uma nova e rígida triagem.³³⁵

³²⁸ VOLUNTARIADO de enfermeiras para acompanhar o corpo expedicionário brasileiro. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 12 out. 1943, 1º cad., p. 4 e OLIVEIRA, Alexandre Barbosa de et al. *Enfermeiras brasileiras na retaguarda da Segunda Guerra Mundial*: repercussões dessa participação. p. 691

³²⁹ INICIADO no Rio o alistamento das enfermeiras para as forças expedicionárias. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 13 out. 1943, 1º caderno, p. 4

³³⁰ VOLUNTARIADO de enfermeiras para acompanhar o corpo expedicionário brasileiro. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 12 out. 1943, 1º cad., p. 4

³³¹ CURSO de enfermeira de guerra da reserva do exercito. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 13 jan. 1944, 1º cad., p. 4

³³² APROVADO o regulamento para o quadro de enfermeiras da reserva do Exército. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 17 dez. 1943, 1º cad., p. 5

³³³ SITUAÇÃO das enfermeiras em serviço no Exército. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 13 maio 1944, 1º cad., p. 3

³³⁴ ESTENDER-SE-Á a todo o país o recrutamento de enfermeiras. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 17 out. 1943, 1º cad., p. 3

³³⁵ Ibidem

3.3. O envio das tropas para o front europeu.

[...] E com este nosso cepticismo nacional, oriundo das desilusões e dos desenganos que a vida não nos tem poupado, olhávamos com um sorriso descrente os preparativos, necessariamente lentos, do corpo expedicionário que deveria levar as nossas armas aos campos de batalha europeus. O próprio silêncio, que as necessidades militares impunham até certo ponto, em torno destes preparativos e a ignorância em que todos estavam dos movimentos e da partida, algumas vezes anunciada e não confirmada, dessas forças, favoreciam a dúvida e estimulavam os gracejos de mau gosto, os trocadilhos e as pilherias que, em redor das mesas dos cafés, iam nascendo e circulando em torno do assunto.³³⁶

Antes do tão esperado embarque o comando militar promoveu o desfile das tropas expedicionárias brasileiras. A mobilização da população aconteceu, por mais que a memória da guerra no Brasil não se expresse ou não produza tantos efeitos como em outros países com tradições políticas e culturais de guerra.³³⁷ Obviamente que esta mobilização não ocorreu como se esperavam ou desejavam as lideranças. Porém, muitas pessoas no país sofreram seus efeitos naquele período.

Ressaltar apenas as privações que afligiram a população não é justo. Se é fato que os exaustivos treinamentos antiaéreos, os escurecimentos e as obrigações de guerra causaram incômodo, o é, também, o que provavelmente mais de nove mil soldados nas ruas, empunhando armas cedidas pelos EUA deixaram a população um tanto quanto admirada.

Em dia 31 de março de 1944 desfilaram na capital brasileira do período, Rio de Janeiro, cerca de 9500 soldados da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária da FEB. Assistidos pelo Ministro da guerra, o chefe do Estado Maior e outras altas patentes do exército brasileiro. A Força se apresentou sob o comando do General de brigada Zenóbio da Costa. O evento começou rigorosamente às 17 horas e percorreu a Avenida Rio Branco. As tropas que desfilaram neste dia eram do Regimento Sampaio, comandado pelo Coronel Aguinaldo Caiado de Castro; 6º Regimento de Infantaria de Caçapava, Coronel Segada Viana; 11º Regimento de Infantaria de São

³³⁶ V. CY. [Sic.] A nota do Rio: F.E.B. . **Folha da Manhã**, S. Paulo, 21 jul. 1944, 1º cad., p. 3

³³⁷ CYTRYNOWICZ, Roney. **Guerra sem guerra**: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial. Passim

João Del Rey, Minas Gerais, sob o comando do Coronel Belmiro Pereira de Andrade e, por fim, o Grupamento Motorizado, do comandante Major Barbosa Pinto.³³⁸

Relata-se que as tropas desfilaram num ambiente de intenso civismo, com a banda militar na dianteira, “rompendo em dobrado vibrante”, debaixo de fortes aplausos apareceu no início da Avenida Rio Branco o jipe carregando Zenóbio da Costa à frente de toda a força e seguido pelo seu Estado Maior. O Regimento Sampaio foi o primeiro a surgir, os soldados revelaram-se com seu uniforme de campanha verde-oliva. Ao final da cerimônia em que os últimos grupos foram passando o povo que assistia a tudo isto rompeu o cordão de isolamento e jogaram flores nos combatentes.³³⁹

Os preparativos de que o Brasil foi obrigado a arranjar para conseguir enfim enviar suas tropas para o exterior se mostraram excessivamente lentos. Além disto, muitas informações militares importantes não foram divulgadas e, ao que parece, isto aconteceu justamente para a segurança de toda a operação. Obviamente que as detalhes sobre a data e hora do embarque do primeiro escalão da FEB também foram protegidas.

O “silêncio que as necessidades militares impunham”³⁴⁰ alcançou a nossa fonte histórica, pois havia “o perigo constante de alguma sabotagem no navio de transporte da tropa brasileira e mesmo o torpedeamento do navio em alto mar”.³⁴¹ Assim sendo, a leitura dos jornais não permite precisar exatamente a data do embarque das tropas brasileiras. A única informação extraída é de que os militares brasileiros comemoraram à bordo a independência dos Estados Unidos, festejada em 04 de julho,³⁴² já em viagem para a Europa.

Os navios de transporte foram escoltados por embarcações de guerra brasileiros e americanos,³⁴³ sendo que a proteção aérea durante as primeiras horas de

³³⁸ DESFILARÁ hoje no Rio a Primeira Divisão de Infantaria Expedicionária. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 31 mar. 1944, 1º cad., p. 4

³³⁹ NUM ambiente de intenso civismo desfilaram ontem as tropas Expedicionárias. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 1 abr. 1944, 1º cad., p. 4

³⁴⁰ V. CY. [Sic.] A nota do Rio: F.E.B. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 21 jul. 1944, 1º cad., p. 3

³⁴¹ RIGONI, Carmen Lúcia. *Diários de guerra*: memórias e testemunhos dos soldados brasileiros que combateram na Itália durante a 2ª guerra mundial (1944-1945). p. 131

³⁴² DESEMBARCAM em Nápoles as Forças Brasileiras. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 19 jul. 1944, 1º cad., p. 1-2

³⁴³ BELONAVES brasileiras e norte-americanas comboiaram as Forças Expedicionárias. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 19 jul. 1944, 1º cad., p. 1-2

viagem foi responsabilidade dos aviões da FAB e de “dirigíveis” inflados com gás hélio.³⁴⁴

Finalmente no dia 16 de julho de 1944, as forças brasileiras, sob o comando do General João Baptista Mascarenhas de Moraes desembarcam em Nápoles. Chegavam a solo europeu as primeiras tropas latino-americanas a fim de participarem de uma batalha. Tal dia, tão importante para o Brasil, era um domingo ensolarado.

Recepcionados pelo General norte-americano Jacob L. Devers, às treze horas começou o desembarque, acompanhado por uma grande multidão de civis italianos que assistiam e aplaudiram a chegada. Encerrado o desembarque os soldados brasileiros depositaram seus equipamentos em caminhões e em seguida, eles marcharam rumo à estação militar de onde participariam das futuras operações conjugadas com as forças americanas na frente da Itália.³⁴⁵

Finalmente o Brasil estava, efetivamente, na guerra. A declaração de guerra contra a Alemanha ocorreu no dia 22 de agosto de 1942 e a chegada da tropa ocorreu somente em 16 de julho de 1944, quase dois anos depois. Podemos dizer que o pequeno ofídio “deu suas tragadas” em cigarro que estava com a brasa quase extinta.

³⁴⁴ DESEMBARCAM em Nápoles as Forças Brasileiras. *Folha da Manhã*, S. Paulo, 19 jul. 1944, 1º cad., p. 1-2

³⁴⁵ SALUN, A. O. *Notícias sobre o Brasil na guerra e a criação da FEB*. In: Dennison de Oliveira. (Org.). *A Força Expedicionária Brasileira e a Segunda Guerra Mundial*. p.14

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Ao questionar-se qual o papel dos soldados brasileiros na segunda Guerra mundial, evidencia-se que as tropas nacionais contribuíram sim com os aliados, embora em uma dimensão menor do que aquela que se alardeia. Eles substituíram americanos já exaustos pelo conflito na Itália, sua missão foi expulsar tropas alemãs remanescentes no território italiano, mais especificamente nos montes Apeninos, desafio que assumiram e no qual os brasileiros foram bem sucedidos.

Sabe-se que embora a Força Expedicionária Brasileira tenha sido criada em agosto de 1943, o seu envio para a frente de batalha somente foi concretizado a partir de julho de 1944, demonstrando-se as dificuldades que o país teve para despachar o primeiro escalão e o quanto as forças militares foram dependentes dos equipamentos dos aliados.

Tal demora foi motivo de chacotas e piadas. O governo Vargas, incomodou-se com a situação e as indefinições sobre a real participação das tropas brasileiras, que durante um bom tempo não sabiam se de fato seriam enviadas e se o fossem para qual local seria, temia-se que à FEB fosse dada apenas a missão de ocupação, condição tida como constrangedora e prejudicial aos planos do governo de ao participar ativamente do conflito, assegurar uma cadeira nas nações unidas no pós-guerra, em uma posição mais privilegiada.

Getúlio Vargas viu no interesse dos Estados Unidos pelo território brasileiro e seus abundantes recursos naturais, uma oportunidade única de conseguir alavancar a indústria brasileira, requisito principal exigido pelos militares para continuarem a lhe garantir o seu apoio. Contudo, no Brasil havia também muitos segmentos (até dentro das instituições militares) que admiravam os alemães e sua poderosa “máquina de guerra” e que achavam interessante a aproximação Brasil com o eixo. Já os nazistas consideravam o país um importante aliado comercial e político, anteviam que as características filofascistas do Estado Novo poderiam facilitar uma aliança político militar mais profunda. Bem posicionado geográfica e estrategicamente, com importantes recursos naturais e tendo boas relações políticas e comerciais com americanos e alemães, Getúlio Vargas tirou proveito da situação e procurou um alto preço pelo seu passe.

Neste ínterim, com o auxílio do Brasil os americanos cuidavam de assegurar a busca por rotas mais seguras para cruzar o Atlântico, haja vista que a região nordes-

te do Brasil poderia contribuir e muito encurtando a distância entre o novo e o velho continente. Ao mesmo tempo, a possibilidade de invasão do território brasileiro ou até de um alinhamento do Brasil com os nazistas poderia trazer a guerra para mais perto dos EUA, o que definitivamente não lhes interessava. No jogo dúbio de Getúlio conseguiram fazer uma oferta mais vistosa e assim levaram o apoio brasileiro.

A opção pelos norte-americanos e pela causa aliada rendeu acordos comerciais e apoio técnico e financiamento para a construção de um complexo siderúrgico nacional além da promessa de rearmamento do Exército brasileiro. Já os EUA obtiveram autorização para a construção de bases militares no litoral nordestino e a autorização de pouso a aviões aliados em suas próprias bases; auxílio na patrulha para a proteção das rotas comerciais no Oceano Atlântico e o compromisso de que o Brasil encerraria as trocas comerciais com a Alemanha, Itália e Japão ou qualquer de seus países satélites, além de acordos comerciais que lhe garantiram a importantes recursos naturais.

Ao que pese a percepção no senso comum de que os frequentes ataques à navios brasileiros praticados por submarinos alemães foi o que levou o Brasil a declarar guerra contra o eixo, percebe-se que tal situação contribuiu verdadeiramente para tal decisão, mas não foi crucial. Os acordos com os EUA, prevendo que os norte-americanos cuidariam da preparação dos soldados brasileiros fornecendo equipamentos e armamento americanos e concederiam auxílio financeiro para a construção da Companhia Siderúrgica Nacional entre outros investimentos e empréstimos fizeram a balança pender definitivamente a seu favor.

Declarada a guerra aos países do eixo instituiu-se a FEB e, o desafio passou a ser o efetivo envio das tropas aos campos de batalha. Antes, porém, em conformidade com o novo paradigma de guerra que envolve a completa dedicação e integração das esferas civil e militar à beligerância foi necessário ajustar a disponibilidade financeira, as potencialidades produtivas, materiais e humanas num esforço de guerra que fosse capaz de dar conta dos preparativos para a guerra.

Nesse cenário inserem-se os constantes exercícios de escurecimento e *black out* nas grandes cidades, possíveis alvos de ataques aéreos, as campanhas de racionamento e a busca por recursos financeiros propriamente ditos, via emissão dos “bônus de guerra”, além das doações de guerra, por parte de cidadãos sejam de valores monetários quanto de materiais.

Na sequência vieram as convocações que arrancaram trabalhadores rurais e urbanos, médicos, dentistas etc. de seus cotidianos rotineiros e os levariam aos exaustivos treinamentos para um possível embarque, sabe-se lá para onde, se na África ou na Europa, até então ninguém sabia ao certo. A seleção dos soldados para o corpo expedicionário iniciou-se no dia 21 de outubro de 1943. As juntas médicas encarregadas de examinar os combatentes funcionavam dia e noite para dar conta de todo o serviço. Até um corpo de enfermeiras foi preparado para acompanhar os heroicos brasileiros. Moças e viúvas deixaram seus confortáveis lares a fim de praticar o seu trabalho e de ingressar no Exército brasileiro, antes, papel restrito aos homens. Esses cidadãos que se ofereceram ou foram convocados à força, visto que as ameaças contra os insubmissos eram sérias, formavam um batalhão bastante heterogêneo, pessoas de diversas regiões do país foram inscritos além de variados níveis de escolaridade e de classe social.

Ao que pese a morosidade quanto a efetiva participação nas batalhas em solo europeu o ingresso do Brasil na guerra, a construção e o uso de bases militares dos EUA no litoral nordestino foi extremamente importante para a defesa do continente americano e das rotas comerciais entre os EUA e a América Latina e com a Europa aliada. Além disto, elas conferiram grande vantagem na frente africana do conflito, pois serviram de apoio para as operações militares que lograram aos aliados a invasão da África, possibilitando-lhes chegarem até a África ocidental francesa.

Apesar dos atrasos, os soldados brasileiros destacados para integrar a FEB iniciaram seus treinamentos a partir de janeiro de 1944. Os preparativos foram excessivamente lentos. Finalmente no dia 16 de julho de 1944 desembarcam em Nápoles as forças brasileiras sob o comando do General João Baptista Mascarenhas de Moraes, chegava ao fim as incertezas quanto a uma efetiva participação da tropa brasileira no campo de batalha, iniciavam-se os desafios típicos de uma campanha militar.

Percebe-se, portanto, que uma guerra é um ato militar e político que possui amplas e diversificadas dimensões relacionadas a interesses, posições e estratégias cujos dados são cotidianamente jogados num instigante tabuleiro. Nesse sentido, dentro de suas possibilidades o Brasil jogou e teve seus interesses contemplados ou retardados segundo as estratégias dos demais jogadores, notadamente dos norte-americanos. Do mesmo modo entre declarar a guerra e adentrar no campo de batalha, é uma tarefa gigantesca e intrincada a mostrar que de fato a preparação para a guerra se dá em épocas de paz, que digna de relevo a afirmação de que embora as nações busquem a paz, nenhuma delas deve deixar de se preparar para a guerra, pois será desta preparação (treinamentos, equipamentos, munição, etc) que dependerá as condições de uma efetiva resposta e/ou participação num cenário de conflito, nesse sentido a experiência brasileira é reveladora.

FONTES DOCUMENTAIS

Acervo do Jornal “A FOLHA DA MANHÃ” - Edições de 22 de agosto de 1942 a 21 de julho de 1944. Disponível em <http://www.acervo.folha.com.br> .

Ordem pelo título da reportagem

10 HORAS de trabalho em indústrias essenciais aos interesses nacionais. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 29 out. 1942, 1º caderno, p. 2.

114 PESSOAS sucumbiram em consequência do torpedeamento do vapor “Afonso Pena”. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 20 mar. 1943, 1º caderno, p. 3

A ALEMANHA está procurando arrastar o Brasil a um estado de beligerância ativa. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 22 ago. 1942. 1º caderno, p. 1- 2.

A COLETA de borracha usada. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 2 jul. 1943, 1º caderno, p. 2.

A COOPERAÇÃO entre brasileiros e norte-americanos no nordeste **Folha da Manhã**, S. Paulo, 14 out. 1943, 1º caderno, p. 3.

A DEMONSTRAÇÃO dos artilheiros do Corpo Expedicionário. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 20 maio 1944, 1º caderno, p. 4.

A F.A.B. está sempre pronta para repelir qualquer tentativa de ataque. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 1 nov. 1942, 1º caderno, p. 5.

A FEB – Nota do Rio. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 21 julho 1944, 1º caderno, p. 3.

A IGREJA de Cristo condena as guerras, as agressões, mas aconselha a reação aos que atacam os povos pacíficos. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 23 ago. 1942, 1º caderno, p. 5.

A MOBILIZAÇÃO da mão de obra. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 26 set.1942, 1º caderno, p. 4.

A PERMANÊNCIA dos oficiais brasileiros na África do Norte. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 18. dez. 1943, 1º caderno, p.1.

A PRIMEIRA nação Sul- Americana a romper relações com o “eixo”, foi também a primeira a declarar-lhe guerra. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 23 ago. 1942, 1º caderno, p. 1.

A PROVA final dos exercícios de escurecimento será realizado de surpresa, em um dia qualquer desta semana. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 6 dez. 1942, 1º caderno, p. 20.

A SITUAÇÃO dos médicos, dentistas e farmacêuticos em caso de mobilização. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 5 set. 1943, 1º caderno, p. 4.

A TRANSFORMAÇÃO do Brasil em país industrial. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 25 out.1942, 1º caderno, p. 1.

ABERTA a inscrição de voluntários da 4ª circunscrição de recrutamento da 2ª região. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 26 ago.1942, 1º caderno, p. 2.

ACENTUADA a importância dos vastos recursos do Brasil . **Folha da Manhã**, S. Paulo, 5 nov. 1942, 1º caderno, p. 16.

ACERTADAS todas as medidas para a realização, hoje, dos primeiros exercícios de “Black-out” nesta capital. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 18 set. 1942, 1º caderno, p. 5.

AFIM de tratar da cultura de cereais e da multiplicação do rebanhos, reunir-se-ão os lavradores do Estado. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 3 out. 1942, 1º caderno, p. 4.

AFUNDADO por oficiais da F.A.B., no litoral do Rio Grande do Sul, um submarino do Eixo. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 21 jan. 1943, 1º caderno, p. 4.

AFUNDADOS por submarinos do eixo o “Lages” e “Osório”. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 15 out. 1942, 1º caderno, p. 2.

APRISIONADA a tripulação de um submarino germânico ao largo do litoral brasileiro. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 20 maio 1943, 1º caderno, p. 5.

APROVADO o plano de uniformes destinados a Força Expedicionária Brasileira. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 21 mar. 1944, 1º caderno, p. 3.

APROVADO o regulamento para o quadro de enfermeiras da reserva do Exército. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 17 dez. 1943, 1º cad., p. 5.

AS ALEGAÇÕES dos governos de Berlim e Roma ante a atitude do governo brasileiro. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 25 ago. 1942, 1º caderno, p. 1.

AS FORÇAS armadas dos Estados Unidos e do Brasil combaterão ombro a ombro na terra, no mar e no ar. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 2 out. 1942, 1º caderno, p. 1.

AS NEGOCIAÇÕES para a permissão do uso das bases de açores pelos aliados. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 27 out. 1943, 1º caderno, p.4.

AS NOVE ilhas dos açores proporcionarão enorme vantagem tática às nações unidas. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 13 out. 1943, 1º cad., p. 1.

AS POSSIBILIDADES econômicas brasileiras e sua importância para a luta contra o eixo . **Folha da Manhã**, S. Paulo, 28 fev. 1943, 1º caderno, p.1.

AS REMESSAS de correspondências e encomendas para a FEB. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 16 jul. 1944, 1º caderno, p. 4.

AVIADORES da Força Aérea Brasileira afundaram um submarino do eixo em águas da Bahia. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 3 abr. 1943, 1º caderno, p. 3.

BANCOS de SP iniciaram ontem a venda das “obrigações de guerra”. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 22 jun. 1943, 1º caderno, p. 10.

BATISMO de aviões doados pela U.N.E. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 14 nov. 1943, 1º cad., p. 4.

BATISMO simbólico de cinco aviões. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 1 nov. 1942, 1º caderno, p. 5.

BELONAVES brasileiras e norte-americanas comboiaram as Forças Expedicionárias. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 19 jul. 1944, 1º cad., p. 1-2.

“BLACK-OUT” permanente no litoral brasileiro. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 12 ago. 1943, 1º caderno, p. 5.

BRASIL e EE. UU. cooperaram estreitamente para a vitória. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 30 jan. 1943, 1º caderno, p. 1.

- CAMPANHA da borracha. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 14 jul. 1943, 1º caderno, p.2.
- CAMPANHA para intensificar a venda de bônus de guerra. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 14 out. 1943 1942, 1º caderno, p. 4.
- CASOS de dispensa do pagamento das “Obrigações de guerra”. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 3 jan. 1943, 1º caderno, p. 5.
- CASOS em que a incorporação deverá ser adiada. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 3 dez. 1942, 1º caderno, p. 4.
- CEM mil soldados brasileiros em condições de embarcar para as frentes de guerra. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 24 set. 1943, 1º caderno, p. 1.
- CHEGARAM ao Rio membros da “missão técnica norte-americana”. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 23 set. 1942, 1º caderno, p. 2.
- COMEÇOU a circular hoje a moeda do cruzeiro. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 1º de nov. 1942, 1º caderno, p. 3.
- COMO Hitler planejou a conquista das Américas. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 5 dez. 1942, 1º caderno, p. 6.
- COMO o “eixo” armara o cerco contra a America. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 31 dez. 1942, 1º caderno, p.6.
- COMO se processará, no Estado de S. Paulo, a mobilização dos operários de nossos estabelecimentos industriais. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 22 out.1942, 1º caderno, p. 5 .
- CONSTANTES exercícios de obscurecimento e alarma serão feitos no Rio. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 2 out. 1942, 1º caderno, p. 4.
- CONSTRUÇÃO de trincheiras-abrigo públicos e particulares. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 4 nov. 1942, 1º caderno, p. 3.
- CONVOCAÇÃO de insubmissos indultados para o serviço militar. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 29 set. 1943, 1º caderno, p. 8.
- CRESCENTE apoio das nações do continente americano ao esforço bélico do Brasil. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 22 set. 1942, 1º caderno, p. 1.
- CRIADO o serviço de defesa passiva antiaérea em todo o país. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 27 ago. 1942, 1º caderno, p. 3.
- CRIADO pelo governo o serviço postal da Força Expedicionária Brasileira. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 27 abr. 1944, 1º caderno, p. 4.
- CRIADO por decreto do presidente da república o “Conselho de Segurança Nacional”. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 9 outubro 1942, 1º caderno, p. 2.
- CURSO de enfermeira de guerra da reserva do exercito. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 13 jan. 1944, 1º cad., p. 4.
- DECLARADAS de interesse militar várias fabricas do país. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 27 fev. 1943, 1º caderno, p. 4.
- DECRETADA a mobilização em todo o território nacional. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 17 set. 1942, 1º caderno, p. 1.
- DESEMBARCAM em Nápoles as Forças Brasileiras. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 19 jul. 1944, 1º cad., p. 1-2.

DESEMBARCAM em Nápoles as Forças Brasileiras. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 19 jul. 1944, 1º cad., p. 1-2.

DESENVOLVE-SE proveitosamente em São Paulo a campanha da borracha usada. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 3 jul. 1943, 1º caderno, p. 8.

DESFILARÁ hoje no Rio a Primeira Divisão de Infantaria Expedicionária. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 31 mar. 1944, 1º cad., p. 4.

DEZOITO milhões de cruzeiros no primeiro mês de arrecadação das “Obrigações de guerra” em São Paulo. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 5 fev 1943, 1º caderno, p. 4.

DIANTE do rude golpe e da trágica realidade, o exercito ergue-se, unido e confiante, na defesa da nacionalidade. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 22 ago. 1942, 1º caderno, p. 1.

DIANTE do rude golpe e da trágica realidade, o exercito ergue-se, unido e confiante, na defesa da nacionalidade. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 22 ago. 1942, 1º caderno, p. 1

DO AERÓDROMO de Parnamirim para as frentes de batalha das nações unidas. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 23 fev. 1943, 1º caderno, p. 4.

DONATIVOS da federação dos empregados no comércio À F.E.B. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 25 maio 1944, 1º caderno, p. 4.

DONATIVOS para a F.A.B. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 7 jun. 1944, 1º caderno, p. 5.

DUZENTOS aviões de treino primário serão fabricados em S. Paulo, para o governo federal. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 1942, 1º caderno, p. 5.

EDITAL de convocação. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 10 out. 1942, 1º caderno, p. 5.

EDITAL de convocação. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 16 set. 1942, 1º caderno, p. 9.

EMPREGO das Forças brasileiras em grande número na guerra. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 20 ago. 1943, 1º caderno, p. 1.

EMPRÉSTIMOS dos Estados Unidos à América Latina. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 3 Nov. 1942, 1º caderno, p. 4.

ENCERRA-SE hoje em todo o Estado a campanha da borracha reaproveitável. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 15 jul.1943, 1º caderno, p. 12.

ENCONTRAM-SE na África do Norte vários oficiais das forças armadas brasileiras. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 14 dez. 1943, 1º caderno, p. 1.

ENCONTRA-SE na Itália a missão chefiada pelo General Mascarenhas de Moraes. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 22 dez. 1943, 1º caderno, p. 1.

ENFERMEIRAS brasileiras para os campos de luta. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 10 out. 1943, 1º caderno, p. 5.

ENTROU em execução ontem o acordo firmado entre os governos do Brasil e dos Estados Unidos. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 1942, 1º caderno, p. 1.

ESCLARECIMENTOS sobre a subscrição de “bônus de Guerra”. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 20 fev. 1943, 1º caderno, p. 3.

ESCURECIMENTO total em Natal. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 29 dez.1942, 1º caderno, p. 5.

ESPERAM-SE completos resultados com os exercícios do segundo “Black-out” parcial da cidade de S. Paulo, a serem realizados sexta-feira próxima. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 23 set. 1942, 1º caderno, p. 5.

ESTÁ instalada no território nacional uma das mais modernas e completas fabricas brasileiras de aviões. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 29 out.1942, 1º caderno, p. 4.

ESTÃO sendo ultimados os preparativos para o exercício de “Black-out”, sexta-feira próxima, nesta capital. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 16 set.1942, 1º caderno, p. 3.

ESTENDER-SE-Á a todo o país o recrutamento de enfermeiras. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 17 out. 1943, 1º cad., p. 3.

EXERCÍCIO de alarma anti-aéreo. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 21 out.1942, 1º caderno, p. 2.

EXERCÍCIOS da artilharia expedicionária. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 30 abr. 1944, 1º cad., p. 5.

EXERCÍCIOS de alerta anti-aéreo nas capitais e principais cidades do nosso território. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 13 jun. 1943, 1º caderno, p. 4.

EXERCÍCIOS de tiro real no campo de Gerissinó. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 8 fev. 1944, 1º caderno, p. 3.

FACULTADO o pagamento de “obrigações de guerra” por meio de cheque. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 9 jan. 1943, 1º caderno, p. 3.

FIXADAS normas para execução do decreto de mobilização geral no território nacional. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 18 set.1942, 1º caderno, p. 3.

FOI instituído o serviço de fundos da Força Expedicionária Brasileira. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 30 abr. 1944, 1º caderno, p. 3.

FORÇAS expedicionárias brasileiras participarão efetivamente da luta contra o “eixo”. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 9 abr. 1943, 1º caderno, p. 3.

GRANDE parte do exercito esta em condições de combater no ultramar. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 11 ago. 1943, 1º caderno, p. 1.

HITLER queria de fato conquistar as Américas. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 27 nov. 1942, 1º caderno, p. 6.

HOJE, entre as 13 e 16 horas, o primeiro exercício de “alerta diurno” em S. Paulo **Folha da Manhã**, S. Paulo, 30 out. 1942, 1º caderno, p. 5.

INAUGURADO o primeiro campo de treinamento para as Forças Expedicionárias. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 5 jan. 1944, 1º caderno, p. 4.

INICIADO no Rio o alistamento das enfermeiras para as forças expedicionárias. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 13 out. 1943, 1º caderno, p. 4.

INICIA-SE amanhã, no país, a campanha do reaproveitamento da borracha. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 1 jul 1943, 1º caderno, p. 5.

INICIA-SE hoje a “campanha da borracha usada”. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 1 jul. 1943, 1º caderno, p. 3.

INSPEÇÃO de saúde de recrutas voluntários. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 4 mar. 1944, 1º caderno, p. 4.

INSPEÇÃO do Ministro da Guerra ao campo de instrução da 7ª região militar. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 8 jan. 1944, 1º caderno, p. 3.

INSPEÇÃO do Ministro da Guerra ao campo de treinamento da Força Expedicionária. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 12 jan. 1944, 1º caderno, p. 4.

INTEGRARÁ a tropa expedicionária. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 10 fev. 1944, 1º caderno, p. 2

INTENSIFICAÇÃO da produção da borracha. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 18 set. 1943, 1º caderno, p. 5.

INÚMERAS fábricas serão transferidas brevemente dos Estados Unidos para o Brasil. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 16 set. 1942, 1º caderno, p. 2.

LITORAL serviu de base às operações que culminaram com a invasão da África ocidental francesa. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 1 jan. 1943, 1º caderno, p. 1.

MAIS de 12 milhões de cruzeiros para compra de aviões. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 13 nov. 1942, 1º caderno, p. 3.

MAIS de quatro mil navios aliados foram comboiados sem perdas. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 30 set. 1943, 1º caderno, p. 1.

MAIS um caça-submarino para nossa Armada. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 11 dez. 1942, 1º caderno, p. 3.

MAIS um navio afundado pelos alemães. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 8 ago. 1943, 1º caderno, p. 1.

MAIS um submarino eixista foi posto a pique pela aviação brasileira no norte do país. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 18 maio 1943, 1º caderno, p. 2.

MATERIAL norte-americano para a siderurgia nacional. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 17 out. 1942, 1º caderno, p. 2.

MEDIDAS tomadas em face da escassez de matéria prima para confecção de vasilhames. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 26 jan. 1943, 1º caderno, p. 3.

MINISTÉRIO da Guerra. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 1 jan. 1944, 1º caderno, p. 4.

MINISTÉRIO da Guerra. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 21 jan. 1944, 1º caderno, p. 2.

MISSÃO militar brasileira na frente do Quinto Exército. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 24 dez. 1943, 1º caderno, p. 1.

NÃO devem ser feitas coletas públicas para aquisição de aviões. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 3 jan 1943, 1º caderno, p. 5.

NÃO HÁ isenção de serviço militar para os arrimo de família [sic.]. **Folha da Manhã**, S. Paulo,

NESTA semana, tudo deve permanecer apagado até as 18 horas e 54 minutos. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 9 dez. 1942, 1º caderno, p 5.

NOSSA situação de povo em guerra obriga a limitação no consumo de certos produtos. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 28 abr. 1943, 1º caderno, p. 3.

NOVA contribuição da comunidade do fole em São Paulo à R.A.F. e à F.A.B. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 15 out. 1943, 1º caderno, p. 7.

NOVAS demonstrações de protestos contra o afundamento dos nossos navios. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 22 ago. 1942, 1º caderno, p. 5.

NOVO caça-submarinos entregue a armada brasileira. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 30 out. 1943, 1º caderno, p. 1.

NOVOS aviões norte americanos entregues pelo Alm. Ingram à Força Aérea Brasileira. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 31 mar. 1944, 1º caderno, p. 3.

NOVOS conscritos convocados para o serviço ativo do Exército. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 3 ago. 1943, 1º caderno, p. 8.

NOVOS detalhes a respeito do torpedeamento “Itapagé” no norte do país. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 3 out. 1943, 1º caderno, p. 4.

NOVOS detalhes do torpedeamento do navio nacional “Campos”. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 30 out. 1943, 1º caderno, p. 5.

NOVOS reservistas chamados por edital ao serviço ativo do Exército nacional. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 6 jan. 1944, 1º caderno, p. 12.

NUM ambiente de intenso civismo desfilaram ontem as tropas Expedicionárias. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 1 abr. 1944, 1º cad., p. 4.

O “DIA do reservista” deverá ser comemorado em todos os municípios brasileiros. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 3 out. 1942, 1º caderno, p. 2.

O AFUNDAMENTO do “Cordeiro de Miranda”. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 18 fev. 1943, 1º caderno, p. 3.

O BRASIL colaborará com os Estados Unidos onde for necessário. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 28 jul. 1943, 1º caderno, p. 3.

O BRASIL contaria com 22% das reservas mundiais de ferro . **Folha da Manhã**, S. Paulo, 26 nov. 1942, 1º caderno, p. 1.

O BRASIL vai emitir bônus de guerra. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 4 out. 1942, 1º caderno, p. 3.

O BRASIL, em face dos atentados contra sua soberania, reconhece o estado de guerra com a Italia e Alemanha. **Folha da Manhã**, 23 de ago. 1942, 1º caderno, p. 1.

O DESCONTO das obrigações de guerra nas autarquias. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 7 out. 1942, 1º caderno, p. 4.

O ESTÁGIO da missão militar brasileira na frente de guerra. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 14 jan. 1944, 1º caderno, p. 4.

O EXERCÍCIO de obscurecimento realizado em todas as capitais **Folha da Manhã**, S. Paulo, 1 jul. 1943, 1º caderno, p. 4.

O GEN. ZENOBIO da costa será um dos comandantes das Forças Expedicionárias Brasileiras. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 19 ago. 1943, 1º caderno, p. 4.

O GENERAL Eurico Dutra seguirá hoje para os EE. UU. . **Folha da Manhã**, S. Paulo, 12 ago. 1943, 1º caderno, p. 4.

O GOVERNO continua a receber telegramas pelo torpedeamento dos navios brasileiros. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 22 ago. 1942, 1º caderno, p. 2.

O PRIMEIRO abrigo de anti-aéreo de São Paulo se localizará na praça João Mendes. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 21 nov. 1942, 1º caderno, p. 5.

O RECOLHIMENTO das quotas de “Obrigações de guerra”. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 9 out. 1942, 1º caderno, p. 2.

O SEGUNDO exercício de “Black-out” parcial, a realizar-se hoje, abrangerá grande e populosa região da capital. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 25 set. 1942, 1º caderno, p. 6.

O SR. GETÚLIO Vargas congratula-se com o presidente Roosevelt pela capitulação da Itália. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 10 set. 1943, 1º caderno, p. 4.

O TOTAL da subscrição de bônus de guerra de janeiro a junho. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 4 ago. 1943, 1º caderno, p. 3.

O URUGUAI manifestará incondicional apoio ao Brasil, dispensando-lhe tratamento de nação não-beligerante [sic.]. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 1942, 1º caderno, p. 1.

OBRIGAÇÕES de guerra. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 14 maio 1943, 1º caderno, p. 6.

OBTIVERAM pleno êxito os exercícios de obscurecimento realizados ontem em Niterói. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 15 set. 1942, 1º caderno, p. 3.

OPINIÃO de um oficial do serviço bélico sobre a campanha do metal entre nós. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 17 out. 1942, 1º caderno, p. 5.

OS AVIADORES da Força Aérea Brasileira já afundaram no nosso litoral sete submarinos Germano-fascistas. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 8 abr. 1943, 1º caderno, p.3.

OS EE. UU. comprarão toda a borracha brasileira ate 1947. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 18 dez. 1942, 1º caderno, p. 1.

OS EE. UU. Não teem [sic.] a intenção de estabelecer bases permanentes na América Latina. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 7 mar. 1943, 1º caderno, p. 1.

OS MILITARES e o pagamento dos “bônus de guerra”. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 16 fev 1943, 1º caderno, p. 3.

OS PRIMEIROS reservistas chamados, por edital da 2ª região militar, para o serviço ativo do Exército Nacional. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 16 out. 1942, 1º caderno, p. 4.

OS RESERVISTAS convocado que trabalham em obras militares. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 21 fev. 1943, 1º caderno, p. 6.

OS RESERVISTAS não poderão deixar o país. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 25 set. 1942, 1º caderno, p. 3.

PARTIRAM novos contingentes de expedicionários paulistas. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 4 abr. 1944, 1º caderno, p. 12.

PARTIU ontem o primeiro contingente paulista para as Forças Expedicionárias. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 10 fev. 1944, 1º caderno, p. 8.

PASSOU ontem por são Paulo um contingente de soldados das Forças Expedicionárias. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 8 jan. 1944, 1º caderno, p. 8.

PEQUENAS embarcações de pescadores estão sendo atacadas em águas territoriais pelos submarinos do eixo. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 22 ago. 1º caderno, p. 2.

PERFEITA colaboração brasileiro-norte-americana em todos os setores no patrulhamento do Atlântico Sul. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 21 abr. 1943, 1º caderno, p. 3.

PORTUGAL cede as bases dos Açores à Inglaterra: Revelado pelo senhor Churchill, na câmara dos comuns, o novo acordo anglo-português. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 13 out. 1943, 1º cad., p. 1.

POSTOS a pique mais dois navios mercantes brasileiros. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 1942, 1º caderno, 7 mar. 1943. p.1.

PRIMEIRO exercício de alerta diurno anti-aéreo. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 23 out. 1942, 1º caderno, p. 2.

PROIBIDA pelo Serviço de Defesa Passiva a iluminação da orla do Rio de Janeiro. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 11 ago. 1943, 1º caderno, p. 4.

PROSSEGUE a seleção física dos convocados para o corpo expedicionário. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 14 nov. 1943, 1º caderno, p. 3.

PROSSEGUEM com entusiasmo cada vez mais generalizado as manifestações patrióticas do povo bandeirante. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 23 set. 1942, 1º caderno, p. 5.

REALIZADO o batismo do avião "Kossuth" doado aos estudantes de direito, pela colônia húngara de São Paulo. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 02 fev. 1943, 1º caderno, p. 9.

REALIZARÁ um estágio nos EE. UU. O General João Baptista Mascarenhas de Moraes. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 15 ago. 1943, 1º caderno, p. 2.

REALIZAR-SE-Á amanhã a terceira prova de escurecimento normal da cidade **Folha da Manhã**, S. Paulo, 1 out. 1942, 1º caderno, p. 6.

REALIZAR-SE-Á amanhã o primeiro exercício de alerta diurno, Nesta capital **Folha da Manhã**, S. Paulo, 29 out. 1942, 1º caderno, p. 5.

REALIZOU-SE a bordo de um navio de guerra a conferencia entre os presidentes Franklin Roosevelt e Getúlio Vargas. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 30 jan. 1943, 1º caderno, p. 3.

RECENTE acordo com os EE. UU. Motivou a viagem do ministro Apollonio Salles ao norte. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 22 set. 1942, 1º caderno, p. 4.

RECOLHIMENTO da subscrição de Obrigações de guerra. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 27 jan. 1944, 1º caderno, p. 4.

REDUÇÃO da iluminação das cidades em todo o litoral como medida de defesa. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 7 ago. 1943, 1º caderno, p. 3.

REGULADA a situação dos militares que se tornarem inválidos para o serviço ativo. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 9 out. 1942, 1º caderno, p. 2.

SATISFAÇÃO pela participação ativa do Brasil. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 16 dez. 1943, 1º caderno, p. 1.

Seguirá amanhã para os EE.UU. o ministro Salgado Filho. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 6 jul. 1943, 1º caderno, p. 4.

SELEÇÃO dos soldados do corpo expedicionário. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 20 out. 1943, 1º caderno, p. 3.

SELEÇÃO dos soldados do corpo expedicionário. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 5 nov. 1943, 1º caderno, p. 4.

SERÁ feito na África do Norte o treinamento de guerra das tropas brasileiras. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 16 dez. 1943, 1º caderno, p. 1.

SERÃO construídos em S. Paulo aviões para a F.A.B. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 25 out. 1942, 1º caderno, p. 7.

SERÃO exercitadas com tiro real as tropas estacionadas em Engenho da Aldeia. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 1 fev. 1944, 1º caderno, p. 2.

SERÃO realizados sexta-feira próxima, pela primeira vez, em S. Paulo, exercícios práticos de "Black-out" **Folha da Manhã**, S. Paulo, 15 set. 1942, 1º caderno, p. 7.

SEU FILHO poderá ser chamado [Propaganda] **Folha da Manhã**, S. Paulo, 13 jun 1943, 1º caderno, p. 7.

SITUAÇÃO das enfermeiras em serviço no Exército. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 13 maio 1944, 1º cad., p. 3.

SITUAÇÃO dos empregados quando convocados para o serviço militar. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 28 out. 1942, 1º caderno, p. 2.

SOB a presidência do Sr. Ministro Salgado Filho, realizaram-se nesta capital expressivas solenidades para assinalar novas contribuições de São Paulo em favor da Aeronáutica nacional. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 22 dez. 1942, 1º caderno, p. 10.

SOLENEMENTE batizado ontem no largo de São Francisco o avião "Rui Barbosa" doado aos estudantes de direito. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 1942, 1º caderno, p. 6.

SORTEADOS da classe de 1922 convocados para apresentação dentro de 20 dias. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 27 jan. 1944, 1º caderno, p. 9.

SUBSCRIÇÃO pública de "Obrigações de guerra". **Folha da Manhã**, S. Paulo, 12 nov. 1942, 1º caderno, p. 4.

SUBSCRIÇÕES de Obrigações de guerra. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 4 nov. 1943, 1º cad., p. 4.

SUSPENSOS os adiamentos de incorporação por alegação de arrimo de família. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 23 abr. 1944, 1º caderno, p. 4.

TERÁ início dia 10 de novembro a subscrição pública de "obrigações de guerra". **Folha da Manhã**, S. Paulo, 29 out. 1942, 1º caderno, p. 3.

TERÃO emprego garantido e receberão mensalmente 50% dos vencimentos os convocados para o serviço militar. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 4 nov. 1942, 1º caderno, p. 4.

TERMINARÁ amanhã o prazo de apresentação dos insubmissos. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 1 out. 1942, 1º caderno, p. 3.

TOMADAS todas as providencias para o êxito do exercício de "Black-out" a realizar-se hoje, promovido pelo Serviço de Defesa Passiva Anti-Aérea. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 16 out. 1942, 1º caderno, p. 4.

TORPEDEADO na costa alagoana o navio brasileiro "Itapagé". **Folha da Manhã**, S. Paulo, 2 out. 1943, 1º caderno, p. 4.

TORPEDEADO o navio brasileiro "Campos" nas costas de S. Paulo. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 28 out. 1943, 1º caderno, p. 5.

TRINTA mil voluntários já se apresentaram no Rio Grande do Sul. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 26 ago. 1942, 1º caderno, p. 2.

TROPAS aliadas desembarcam na Itália. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 3 set. 1943, 1º caderno, p. 1.

TROPAS brasileiras participarão do ataque final à Europa. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 13 fev. 1943, 1º caderno, p. 4.

V. CY. [Sic.] A nota do Rio: F.E.B. . **Folha da Manhã**, S. Paulo, 21 jul. 1944, 1º cad., p. 3.

VALIOSA contribuição da colônia húngara do Brasil a aviação nacional. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 1 jan. 1943, 1º caderno, p. 9.

VÃO ser construídos em São Paulo, com a colaboração efetiva da prefeitura, grandes abrigos anti-aéreos. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 30 set. 1942, 1º caderno, p.7.

VERIFICOU-SE ontem nesta capital, obtendo completo êxito, o escurecimento total de surpresa organizado pelo Serviço de Defesa Passiva Anti-Aérea. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 11 dez. 1942, 1º caderno, p. 8.

VIAJANDO num avião da F.A.B., chegou ontem de manhã esta capital o Sr. Salgado Filho, ministro da Aeronáutica. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 1 nov. 1942, 1º caderno, p. 5.

VIBRANTE e enérgica reação da alma popular bandeirante em face da declaração de beligerância entre o Brasil e as nações agressoras. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 23 ago. 1942, 1º seção, p. 1.

VISITA do Ministro da Guerra aos quartéis da Força Expedicionária. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 18 abr. 1944, 1º caderno, p. 4.

VOLUNTARIADO de enfermeiras para acompanhar o Corpo Expedicionário Brasileiro. **Folha da Manhã**, S. Paulo, 12 out. 1943, 1º caderno, p. 4.

BIBLIOGRAFIA

ABRAHAM, Bem. **Segunda Guerra Mundial: Síntese**. São Paulo: Serit Hapleita, 1985.

ALVES, Vágner Camilo. **Ilusão desfeita**: a "aliança especial" Brasil-Estados Unidos e o poder naval brasileiro durante e após a Segunda Guerra Mundial. *Rev. bras. polít. int.* [online]. 2005, vol.48, n.1, pp. 151-177. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em 25 nov. 2011.

ALVES, Vágner Camilo. **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**: autonomia na dependência?. In: Dennison de Oliveira. (Org.). in *A Força Expedicionária Brasileira e a Segunda Guerra Mundial: estudos e pesquisas*. 1ed. Rio de Janeiro - RJ: CEPHiMex, 2012.

ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**: Antissemitismo, Imperialismo e Totalitarismo. Trad. Roberto Raposo. 8ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ARON, Raymond. **Paz e Guerra entre as nações**. vol. 4, São Paulo e Brasília: Imprensa Oficial do Estado e Universidade de Brasília, 2002.

BERNARDES, Margarida Maria Rocha; LOPES, Gertrudes Teixeira; SANTOS, Tânia Cristina Franco. **Base de sustentação militar de Vargas durante a 2ª guerra e a soberania bélica alemã**: percepções de enfermeiras e militares. *Texto contexto - enferm.*, Florianópolis, v. 14, n. 4, dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em 25 nov. 2011.

BERNARDES, Margarida Maria Rocha; LOPES, Gertrudes Teixeira. **As enfermeiras da força expedicionária brasileira no front italiano**. *Rev. esc. enferm. USP*, São Paulo, v. 41, n. 3, set. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em 25 nov. 2011.

BERNARDES MMR; LOPES, GT; SANTOS, TCF. **O cotidiano das enfermeiras do exército na força expedicionária brasileira (FEB) no teatro de operações da 2ª Guerra Mundial, na Itália (1942-1945)**. *Rev Latino-am Enfermagem* 2005 maio-junho; 13(3):314-21.

BOBBIO, Norberto. **Teoria geral da política** - a filosofia e as lições dos clássicos. trad. Daniela Beccaccia Versiani. Rio de Janeiro: Campus, 2000

BONET, Fernanda dos Santos. **Autoritarismo e nacionalismo**: o discurso oficial sobre o envolvimento do Brasil na Segunda Guerra Mundial, através das páginas da revista "Cultura política" 2010 249 f. Dissertação (Mestrado em História Política) Fac. de História, PUCRS, Porto Alegre, 2010.

BULL, Hedley. **A Sociedade Anárquica**. São Paulo: Universidade de Brasília, 2002.

CANUTTI, Wanda A., **Getúlio Vargas em Dois Mundos**, Capivari, São Paulo, Editora Opinião, 6a. Edição, 1999.

CAPELATO, M. H. R. **História e imprensa**. São Paulo: EDUSP/Contexto, 1988.

CASTELLO, BM. **O Brasil na 2ª Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Bibliex; 1960.

CERTEAU, Michel. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1992.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CYTRYNOWICZ, Roney. **Guerra sem guerra: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial**. São Paulo, Geração Editorial/Edusp, 2000

COGGIOLA, Osvaldo. **Natureza da Segunda Guerra Mundial**. In: COGGIOLA, Osvaldo (Org). **Segunda Guerra Mundial: um balanço histórico**. São Paulo: USP, 1995.

DUROSELLE, Jean-Baptiste. **Todo império perecerá: Teoria das relações internacionais**. Tradução de Ane Lize Spaltemberg de Sequeira Magalhães, Brasília: Edunb, 2000

FALCON, Francisco. **"História e Poder"** In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo (org.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p.61-89.

FAUSTO, B. **História do Brasil**. 6a ed. São Paulo: EDUSP; 1999.

GARCIA, Eugênio Vargas. **Estados Unidos e Grã-Bretanha no Brasil: transição de poder no entre guerras**. Contexto int., Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, jun. 2002. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo>>. acessos em 25 nov. 2011.

GOULART, Silvana. **Sob a verdade oficial: ideologia, propaganda e censura no estado novo**. São Paulo: CNPq/Marco Zero, 1990.

GINZBURG, Carlo. **Relações de Força: História, Retórica, Prova**. SP: Companhia das Letras, 2002.

HENRIQUES, Afonso, **Vargas e o Estado Novo**, Editora Record, São Paulo, 1961.

HOBBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

KEEGAN, John. **A face da batalha**. Tradução de L. P. Macedo carvalho - Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército. ed.,2000.

LE GOFF, Jacques e outros. **Memória/História**. Porto: imprensa nacional-casa da moeda, 1985, Enciclopédia Einaudi.

MACIEL, Laura Antunes. **Produzindo notícias e Histórias**: Algumas questões em torno da relação telegrafo e imprensa-1880-1920. In: FENELON, Déa Ribeiro et al (Orgs.) *Muitas Memórias Outras Historias*. São Paulo. Olho d'água, 2004, P.14-40.

MAXIMIANO, Cesar Campiani. **Barbudos, Sujos & Fatigados**: Soldados Brasileiros na II Guerra Mundial Grua Livros, 2010.

MAUAD, Ana Maria. Flávio Damm, **profissão fotógrafo de imprensa**: o fotojornalismo e a escrita da história contemporânea. São Paulo, v.24, n.2, 2005.

MECONE, Márcia Cristina da Cruz; FREITAS, Genival Fernandes de. **Representações da enfermagem na imprensa da Cruz Vermelha Brasileira (1942-1945)**. Texto contexto - enferm., Florianópolis, v. 18, n. 4, dez. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acessos em 25 nov. 2011.

MOURA, Gerson. **Relações exteriores do Brasil**: 1939-1951: mudanças na natureza das relações Brasil-Estados Unidos durante e após a Segunda Guerra Mundial. Brasília: FUNAG, 2012.

MOURA, Gerson. **Sucessos e Ilusões**: relações internacionais do Brasil durante e após a segunda guerra mundial. Rio de Janeiro: FGV, 1991.

OLIVEIRA, Alexandre Barbosa de; SANTOS, Tânia Cristina Franco. **Entre ganhos e perdas simbólicas**: a (des) mobilização das enfermeiras que atuaram na Segunda Guerra Mundial. Esc. Anna Nery, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, set. 2007. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em 25 nov. 2011.

OLIVEIRA, Alexandre Barbosa de et al. **Enfermeiras brasileiras na retaguarda da Segunda Guerra Mundial**: repercussões dessa participação. Textocontexto - enferm., Florianópolis, v. 18, n. 4, Dec. 2009. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072009000400010&lng=en&nrm=iso>.access on 14 Jan. 2015.

PARKER, Robert Alexander Charke. **História da Segunda Guerra Mundial**. Lisboa: Edições 70, 2001.

PINHEIRO, Letícia. **A Entrada do Brasil Na Segunda Guerra Mundial**. Revista USP, São Paulo, v. 1, n.26, p. 108-119, 1995.

QUINTANEIRO, Tania. **A LATI e o projeto estadunidense de controle do mercado de aviação no Brasil**. Varia hist., Belo Horizonte, v. 23, n. 37, jun. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em 25 nov. 2011.

QUINTANEIRO, Tânia. **A política estadunidense de desgermanização do sistema de transporte aéreo brasileiro: o caso da Condor**. Rev. bras. polít. int., Brasília, v. 52, n. 1, jun. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em 25 nov. 2011.

QUINTANEIRO, Tania. **Dilemas da cooperação**: conflitos gerados pela política das "Listas Negras" no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial. **Rev. bras. polít. int.**, Brasília, v. 49, n. 2, dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em 25 nov. 2011.

REMOND, René. **Porque a história política**. In: Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.7, nº.14,1994.

RIGONI, Carmen Lúcia. **Diários de guerra**: memórias e testemunhos dos soldados brasileiros que combateram na Itália durante a 2ª guerra mundial (1944-1945). Dissertação (Doutorado em História, Linha de pesquisa Jogos de Linguagens, Cultura e Poder) - UFSC, Florianópolis, 2009.

SALUN, A. O. . **Notícias sobre o Brasil na guerra e a criação da FEB**. In: Dennison de Oliveira. (Org.). A Força Expedicionária Brasileira e a Segunda Guerra Mundial. 01ed.Rio de Janeiro: DECEX-DPHCEX-CEPHiMEX, 2012, v. 01.

SAINT-PIERRE, Hector Luís. **A política armada. Fundamentos da guerra revolucionária**. 1. ed. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

TEMPONE, Victor. **O Brasil Vai à Guerra**: a inserção brasileira em um conflito global. 2007. 283 f. Dissertação (Mestrado em História Política). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UERJ, Rio de Janeiro, 2007.

TOTA, Antonio Pedro. **A segunda guerra Mundial**. Coleção: Discutindo a História. São Paulo: Atual, 1994.

TOTA, Antonio Pedro. **O Imperialismo Sedutor**: A americanização do Brasil na época da segunda guerra mundial. São Paulo: Cia das Letras, 2000

VIEIRA, Maria do Pilar de Araujo e outros. **A Pesquisa em História**, São Paulo: Ática, 1989.

WHITE, Hayden. **Trópicos do Discurso: ensaios de crítica da cultura**. São Paulo: Edusp, 1994.

WOLFF, Cristina Scheibe. **Em armas**: Amazonas, Soldadas, Sertanejas, Guerrilheiras. PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). Nova História das Mulheres. São Paulo: Contexto, 2012.